

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Avaliação do Pensamento Contrafactual na Depressão

Juliana Sarantopoulos Faccioli

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Waltz Schelini

São Carlos – SP

2013

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

Avaliação do Pensamento Contrafactual na Depressão

Juliana Sarantopoulos Faccioli

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Waltz Schelini

Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

São Carlos

2013

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

F138ap Faccioli, Juliana Sarantopoulos.
Avaliação do pensamento contrafactual na depressão /
Juliana Sarantopoulos Faccioli. -- São Carlos : UFSCar,
2013.
194 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2013.

1. Psicologia. 2. Imaginação. 3. Pensamento
contrafactual. 4. Depressão. I. Título.

CDD: 150 (20^a)



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

COMISSÃO JULGADORA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
Juliana Sarantopoulos Faccioli
São Carlos, 15/03/2013

Prof.^a Dr.^a Patrícia Waltz Schelini (Orientadora e Presidente)
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Prof.^a Dr.^a Simone Ferreira da Silva Domingues
Universidade Cruzeiro do Sul

Prof.^a Dr.^a Elizabeth Joan Barham
Universidade Federal de São Carlos/UFSCar

Submetida à defesa em sessão pública
realizada às 14h no dia 15/03/2012.

Comissão Julgadora:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Waltz Schelini
Prof.^a Dr.^a Simone Ferreira da Silva Domingues
Prof.^a Dr.^a Elizabeth Joan Barham

Homologada pela CPG-PPGpsi na

_____ª Reunião no dia ____/____/____

Prof.^a Dr.^a Deisy das Graças de Souza
Coordenadora do PPGpsi

SUMÁRIO

RESUMO	i
ABSTRACT	ii
APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA	1
CAPÍTULO 1: O PENSAMENTO CONTRAFACTUAL	4
Introdução: o pensamento imaginativo	4
O pensamento contrafactual	8
As tendências do pensamento contrafactual	14
Classificações do pensamento contrafactual.....	17
a) <i>Classificação do Pensamento Contrafactual quanto à Estrutura</i>	17
b) <i>Classificação do Pensamento Contrafactual quanto à Forma</i>	18
c) <i>Classificação do Pensamento Contrafactual quanto ao Alvo da mudança</i>	19
d) <i>Classificação do Pensamento Contrafactual quanto à Função</i>	20
CAPÍTULO 2: DEPRESSÃO	23
OBJETIVOS.....	27
CAPÍTULO 3: ESTUDO 1 - ELABORAÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL DESTINADO A AVALIAR O PENSAMENTO CONTRAFACTUAL	28
OBJETIVOS DO PRIMEIRO ESTUDO	30
MÉTODO	30
<i>Participantes</i>	30
<i>Local</i>	31
<i>Materiais</i>	31
<i>Procedimento</i>	33
RESULTADOS E DISCUSSÃO DO ESTUDO 1	37
<i>Resultados e discussão da primeira avaliação dos juízes</i>	37
<i>Resultados e discussão da segunda avaliação dos juízes</i>	45
<i>Resultados e discussão da terceira avaliação dos juízes</i>	51
<i>Considerações finais sobre o estudo 1</i>	55
CAPÍTULO 4: ESTUDO 2 - COMPARAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO CONTRAFACTUAL DE PESSOAS COM INDICATIVOS DE DEPRESSÃO E PESSOAS SEM INDICATIVOS DE DEPRESSÃO	57
OBJETIVOS DO SEGUNDO ESTUDO	62

MÉTODO	62
<i>Participantes</i>	62
Local	65
Materiais	65
Procedimento	67
RESULTADOS DO ESTUDO 2	69
<i>Resultados referentes à questão 1 (“Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo?”)</i>	72
<i>Resultados referentes à questão 2 – modificações direcionadas nos eventos das Estórias</i> 84	
<i>Resultados referentes à escolha de alternativas para a modificação de cada estória.</i>	112
CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO DO ESTUDO 2	125
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS	141
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	144
ANEXO 1 - CARTA ENTREGUE AOS JUÍZES	150
ANEXO 2 - ATIVIDADE REALIZADA NA CAPACITAÇÃO.....	152
ANEXO 3 - FOLHA DE REGISTRO – AVALIAÇÃO 1	154
ANEXO 4 - Notícias com questões de resposta aberta que compunham a primeira versão do material.....	166
ANEXO 5 - PRIMEIRA VERSÃO DOS CENÁRIOS ADAPTADOS DE ESTUDOS DA LITERATURA	168
ANEXO 6 - MATERIAL DESTINADO PARA TERCEIRA AVALIAÇÃO DOS JUÍZES - FOLHA DE REGISTRO – AVALIAÇÃO 3	169
ANEXO 7 – VERSÃO FINAL DAS ESTÓRIAS	180
ANEXO 8 - VERSÃO FINAL DO MATERIAL ELABORADO NO ESTUDO 1	185
ANEXO 9 - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1.....	190
ANEXO 10 -TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 2.....	192
ANEXO 11 - Entrevista Semiestruturada.....	194

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 1 - A Tentação.	74
Figura 2. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 2 - No caminho de casa.	76
Figura 3. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 3 – Dilema da montanha.	78
Figura 4. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 4 – Renascido para Viver.	80
Figura 5. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 5 - Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.	81
Figura 6. Frequência de respostas na categoria “Pensamento Contrafactual” dadas pelos participantes à questão 1 nas cinco estórias.	82

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Estórias presentes na versão final do material.....	54
Quadro 2. Exemplo de uma estória com suas respectivas questões abertas e alternativas de múltipla escolha.....	66
Quadro 3. Questões feitas aos participantes após a leitura de cada estória.....	68

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição das notícias/ cenários analisados em cada uma das três avaliações	33
Tabela 2. Primeira avaliação das alternativas propostas em relação aos aspectos da realidade.....	38
Tabela 3. Modificações feitas nas alternativas da Notícia 1 – Dilema da Montanha, após a primeira avaliação.....	41
Tabela 4. Alterações feitas nas alternativas da Notícia 2 – Renascido para viver, após a primeira avaliação.....	42
Tabela 5. Alterações feitas nas alternativas da notícia 4 – O encantador de plateias, após a primeira avaliação.....	43
Tabela 6. Alterações feitas nas alternativas da notícia 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio, após a primeira avaliação	44
Tabela 7. Segunda avaliação das alternativas quanto aos aspectos da realidade	45
Tabela 8. Alterações feitas nas alternativas da notícia 2 – Renascido para viver, após a segunda avaliação dos juízes	46
Tabela 9. Alterações feitas nas alternativas da notícia 3 – O encantador de plateias, após a segunda avaliação dos juízes	47
Tabela 10. Alterações feitas nas alternativas da notícia 4 – Celular e elevador salvaram ajudante de obras no Rio, após a segunda avaliação dos juízes	48
Tabela 11. Avaliação das alternativas propostas para os cenários adaptados de McCloy e Byrne (2000) e Juhos et al. (2003)	49
Tabela 12. Alterações feitas nas alternativas do cenário 1, após a avaliação dos juízes	50
Tabela 13. Alterações feitas nas alternativas do cenário 2 - No caminho de casa, após a avaliação dos juízes	50
Tabela 14. Índice de concordância das alternativas analisadas pelos juízes nas três avaliações.....	1
Tabela 15. Grau de escolaridade da amostra total	63

Tabela 16. Exemplos das categorias a partir da fala dos participantes para a primeira questão.....	73
Tabela 17. Pensamentos contrafactuais gerados espontaneamente a partir da Estória 1 – A Tentação.....	75
Tabela 18. Pensamentos contrafactuais gerados espontaneamente a partir da Estória 2 – No caminho de casa.....	77
Tabela 19. Pensamentos contrafactuais gerados espontaneamente a partir da Estória 3 – Dilema da montanha.....	79
Tabela 20. Número total de Pensamentos contrafactuais espontâneos gerados a partir da primeira questão do material	83
Tabela 21. Número de participantes que relataram pensamentos contrafactuais espontâneos a partir da questão 1	84
Tabela 22. Frequência de PCs direcionados dos participantes com e sem indicativos de depressão, para a Estória 1	86
Tabela 23. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 1 – A Tentação	88
Tabela 24. Estória 1: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos.....	89
Tabela 25. Frequência de PCs direcionados para a Estória 2 dos participantes com e sem indicativos de depressão	91
Tabela 26. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 2 – No caminho de casa	93
Tabela 27. Estória 2: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos.....	94
Tabela 28. Frequência de PCs direcionados de participantes com e sem indicativos de depressão para a Estória 3	95
Tabela 29. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 3 – Dilema da montanha	98
Tabela 30. Estória 3: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos.....	99

Tabela 31. Frequência de PCs direcionados dos participantes com e sem indicativos de depressão para a Estória 4	101
Tabela 32. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 4 – Renascido para viver	103
Tabela 33. Estória 4: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos.....	104
Tabela 34. Frequência de PCs direcionados dos participantes com e sem indicativos de depressão para a Estória 5	106
Tabela 35. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio	108
Tabela 36. Estória 5: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos.....	109
Tabela 37. Frequência de pensamentos contrafactuais direcionados gerados a partir todas de todas as estórias para pessoas com e sem indicativos de depressão.....	110
Tabela 38. Número de participantes que não fizeram modificações nas estórias	111
Tabela 39. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 1 – A Tentação.....	113
Tabela 40. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 1 – A Tentação	114
Tabela 41. Estória 1: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos.....	114
Tabela 42. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 2 – No caminho de casa.....	115
Tabela 43. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 2 – No caminho de casa	116
Tabela 44. Estória 2: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos.....	117
Tabela 45. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 3 – Dilema da montanha.....	118

Tabela 46. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 3 – Dilema da montanha	118
Tabela 47. Estória 3: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos.....	119
Tabela 48. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 4 – Renascido para viver	120
Tabela 49. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 4 – Renascido para viver	121
Tabela 50. Estória 4: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos.....	121
Tabela 51. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.....	122
Tabela 52. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 5 - Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio	123
Tabela 53. Estória 5: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos.....	123
Tabela 54. Alternativas mais escolhidas pelos participantes dos dois grupos, com sua respectiva classificação de aspecto da realidade e forma	124

AGRADECIMENTOS

Escrever uma dissertação de mestrado, realizar uma pesquisa desse porte, em um tempo tão curto, é uma tarefa difícil. Entretanto, ela foi facilitada pelas pessoas que estiveram sempre por perto e ajudaram muito, mesmo que com os gestos mais imperceptíveis.

Meus agradecimentos são destinados a todos que, de uma forma ou de outra, tornaram esse trabalho muito mais prazeroso.

Primeiramente gostaria de agradecer imensamente a minha orientadora, Profa. Patrícia Schelini, pessoa fundamental no desenvolvimento desse trabalho, com uma formidável habilidade de tornar tudo mais gostoso e agradável, com seu bom humor contagiante, que consegue nos colocar pra cima nas horas mais difíceis.

Gostaria de agradecer também aos voluntários que disponibilizaram seu tempo para conversar comigo e responder às questões com tanta dedicação e aos juízes que se dedicaram de maneira especial a uma parte importante desse trabalho.

À equipe da USE, técnicos, administrativos e estagiários por me receberem tão bem e por ajudarem no trabalho de coleta.

À Elizabeth Barham e Simone Domingues pelas valiosas contribuições para o engrandecimento desse trabalho.

Aos professores e funcionários do curso de Pós graduação em Psicologia pelos ensinamentos, em especial à Marinéia, sempre solícita nas horas que mais precisamos.

À CAPES pelo apoio financeiro.

A minha família, Lena, Nonô e Vivi, Marti e Rubens, José Carlos e Luiz Antônio (tio Gordo), Marininha e Doctor, Tio Costi e Dri, Tio Georges, Silvana e Stella

e, em especial, à minha mãe, Ana, parceira de todas as horas e que, com seu amor incondicional, coloca toda fé no meu trabalho.

Aos colegas e amigos do LADEHCO, Alex, Flor, Jussara e Márcia, mais que especiais e que sempre estiveram ao meu lado e contribuíram no processo da pesquisa, em especial à Flor que ajudou na elaboração do material.

Aos grandes amigos, Raquel e Felipe (e Gabriel vindo aí!), Cá, Paulinha e Déia que mesmo distantes estão sempre presentes na minha vida.

Aos amigos do mestrado, pelos momentos preciosos que passamos juntos.

Às meninas da república (Dê, Cá, Lê, Gabi, Carolzinha) que contribuíram com almoços, risadas e muitas conversas deliciosas!

Um agradecimento especial à Dê, que acompanhou de perto todos os passos do projeto e sempre esteve presente nos momentos difíceis, ouvindo e dando suporte para que eu conseguisse continuar.

E em especial ao Lê, meu namorado, amigo e companheiro de todas as horas, que com seu carinho e compreensão faz com que meus dias sejam mais felizes!

Gostaria de agradecer, por fim, a todos aqueles que estiveram ao meu lado durante esses dois anos de trabalho e me ajudaram a vencer mais essa etapa da minha vida. Muito obrigada!

Faccioli, J. S. (2013). *Avaliação do pensamento contrafactual na depressão*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós Graduação em Psicologia, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP. 206p.

RESUMO

O pensamento contrafactual corresponde à ideia de construções mentais de alternativas para eventos passados e apresenta uma importante função adaptativa e de elaboração de sentimentos. Este estudo teve como objetivos: (1) elaborar um material para acessar e avaliar o pensamento contrafactual de adultos e (2) investigar os pensamentos contrafactuais de pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão, a fim de verificar se há diferenças na forma como essas pessoas buscam alternativas para a realidade vivenciada. Para a elaboração do material buscou-se histórias retiradas de estudos da literatura e de jornais e revistas, tendo sido selecionadas cinco histórias. As histórias foram adaptadas e, para cada uma, foram formuladas questões abertas sobre pensamentos evocados pela leitura e, ainda, quatro alternativas de modificações do curso da história. As alternativas foram formuladas a partir dos aspectos da realidade mais comumente modificados pelas pessoas, de acordo com a literatura: ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual. Após a composição do material, foi feita uma avaliação de juízes, quanto à redação e classificação das alternativas de acordo com os aspectos da realidade. Em seguida foi realizada a coleta de dados, sendo a amostra de participantes composta por 42 adultos, 85% do gênero feminino e com idade média de 43 anos. Os participantes foram divididos em dois grupos: com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão, sendo cada grupo composto por 21 pessoas. A coleta foi realizada com cada participante individualmente. As modificações a respeito das histórias foram feitas, em um primeiro momento, por meio de relato livre, em seguida por meio de modificações direcionadas e, por fim, por meio de escolha de alternativas previamente elaboradas. As respostas abertas foram categorizadas por meio da análise de conteúdo e as frequências de pensamentos contrafactuais entre os grupos com e sem indicativos de depressão foram comparadas por meio do Teste-*t* de *Student*. Os resultados apontam estilos similares entre pensamentos contrafactuais de pessoas com e sem indicativos de depressão. A maioria dos pensamentos encontrados foram categorizados como ascendentes, subtrativos, autorreferentes e modificavam um aspecto referente à ação/inação. Foram observadas poucas diferenças significativas entre os grupos, sendo a maioria encontrada por meio de modificações direcionadas.

Palavras-chave: imaginação; processo imaginativo; pensamento contrafactual; depressão.

Faccioli, J. S. (2013). *Evaluation of counterfactual thinking in depression*. Dissertation. Graduate Program in Psychology, University of São Carlos, SP. 206p.

ABSTRACT

Counterfactual thinking (CT) corresponds to the idea of mental constructions of alternatives for past event and serves an important function in an individual's adaptation and emotional coping. The aims of this study were to: (1) produce material to access and evaluate the counterfactual thinking of adults and (2) investigate the counterfactual thinking of depressed and non-depressed people, in order to determine if there are differences in how these two groups think about alternatives to reality. Five stories were prepared, using materials extracts from studies of counterfactual thinking, newspaper report and magazines articles. For each story, we formulated questions about thoughts related to the content read and about how these stories might have been different. The alternatives were formulated using aspects of reality most commonly modified by people, according to the literature: action or inaction, obligation, time and unusual events. Judges evaluated the texts and the questions, and ranked the alternatives provided according to aspects of reality that were modified. These materials were then used with 42 adults (85% female, mean age of 43 years). Subjects belonged one of two groups: depressed and non-depressed. Individual interviews were conducted. Initially, participants indicated their reactions to the stories then indicated modifications they would make, and then selected one of a pre-determined list of possible changes. The verbal responses of both groups were categorized using content analysis, and the frequency of responses, for each category, was compared using Student's t-Test. There were similarities in the CT for both groups. The majority of the CT was categorized as upward, subtractive, self-directed and referred to modifications in action or inactions. Few differences between the two groups were observed, mostly found through directed modifications.

Keywords: Imagination, Imaginative process, Counterfactual thinking, Depression.

APRESENTAÇÃO E JUSTIFICATIVA

O conceito de imaginação é tido como uma forma de pensamento humano que se caracteriza pela habilidade em reproduzir imagens ou conceitos que primeiramente se originam nos sentidos básicos e que se refletem na consciência (Singer & Singer, 2007). De acordo com Vygotski (1996, p.10), “tudo o que nos rodeia e que foi criado pela mão do homem, o mundo cultural que se diferencia do mundo natural, é produto da criação e da imaginação humana”. Tem-se assim, a imaginação como um importante construto que permite às pessoas pensarem de formas diferentes sobre o que acontece na realidade, planejar ações futuras e buscar formas inovadoras de adaptação, o que Vygotski (1996) chamaria de ampliação da experiência humana.

Uma das formas da imaginação é conhecida, na psicologia cognitiva, como pensamento contrafactual, que inclui pensamentos que nos permitem elaborar alternativas a eventos que aconteceram no passado, geralmente evocados por situações negativas e que podem auxiliar na vivência e reelaboração de sentimentos, permitindo diferentes maneiras de lidar com as mais diversas situações (Roese, 1994).

Em episódios depressivos, os indivíduos tendem a utilizar-se de pensamentos disfuncionais que podem originar sentimentos de culpa, incapacidade e tristeza. As consequências desses pensamentos disfuncionais acabam por aumentar os sintomas depressivos e diminuir ainda mais a autoestima e autoconfiança do indivíduo (Beck, 1997).

Apesar da importância de pensamentos disfuncionais na depressão, existem poucos estudos empíricos que relacionem a função de pensamentos, em especial de pensamentos contrafactuais, com a depressão (Quelhas, Power, Juhos & Senos, 2008). Dessa forma, pode-se perguntar se há diferenças na capacidade de pessoas depressivas em imaginar e reelaborar situações e sentimentos ou mesmo planejar ações futuras,

quando comparadas com pessoas não-depressivas. A análise e comparação do pensamento contrafactual dessas duas populações podem dar indícios da função que tal tipo de pensamento tem para cada grupo.

Considerando a grande incidência de casos depressivos nos dias atuais (*World Health Association - WHO*, 2011), a constante busca de formas de entendimento desse distúrbio e, ainda, a escassez de estudos nacionais e internacionais que avaliam como os pensamentos podem ser modificados, fazem-se necessárias pesquisas envolvendo a análise do pensamento contrafactual em grupos populacionais específicos, tendo como foco as diferentes formas que certas populações percebem e modificam seu pensamento em relação à realidade vivida.

Desta maneira, os objetivos deste estudo foram: elaborar e avaliar um material destinado ao acesso do pensamento contrafactual de adultos e investigar se há diferenças no estilo de pensamento contrafactual de pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão, considerando a estrutura (aditiva, subtrativa e substitutiva), a forma (ascendente ou descendente), o alvo da mudança (autoreferente e heteroreferente) e aspectos da realidade mais comumente modificados de acordo com a literatura (ação/inacção, obrigação, tempo e evento não usual).

Como forma de atingir este objetivo, o Capítulo 1 irá abordar o funcionamento do pensamento contrafactual, por meio de articulações de ideias, pensamentos e conhecimentos científicos na área da imaginação, sendo explicitados os conceitos de pensamento contrafactual, sua estrutura, função e foco de mutabilidade. O Capítulo 2 tratará sobre a definição, a recorrência e a prevalência de distúrbios depressivos nos dias atuais. No Capítulo 3, será descrito o primeiro estudo do trabalho, que se refere à elaboração e análise do material proposto para o levantamento e avaliação do pensamento contrafactual em pessoas adultas. Para tanto, serão relatados

os meios que vem sendo utilizados para a avaliação desse tipo de pensamento, bem como a trajetória de escolha, composição e avaliação do método dessa pesquisa.

No Capítulo 4, apresenta-se o Estudo 2 referente à análise de dois grupos de participantes: com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão. Em relação aos resultados deste estudo foram utilizadas todas as respostas dos dois grupos de participantes, incluindo as respostas às questões abertas de cada estória apresentada e as referentes às escolhas de alternativas. Os dados dos dois grupos foram comparados e discutidos ao final do capítulo.

Por fim, o Capítulo 5 apresenta uma discussão a respeito dos dados coletados o Capítulo 6 ilustra as conclusões e considerações finais da pesquisa como um todo.

CAPÍTULO 1: O PENSAMENTO CONTRAFACTUAL

Introdução: o pensamento imaginativo

Para a tradição filosófica, a imaginação é vista como uma formação de imagens ou conhecimento da imagem (Sartre, 2008). Segundo Sartre (2008), a imagem é uma “coisa corporal, é o produto da ação dos corpos exteriores sobre o nosso próprio corpo por intermédio dos sentidos e dos nervos” (Sartre, 2008, p. 13). Desta forma, entende-se por imaginação o objeto real representado na mente, a coisa percebida quando ausente (Chauí, 2006), sendo, nas palavras de Sartre (2008, p.13), a “impressão material produzida no cérebro, que nos dá a consciência da imagem”.

Saindo do escopo da filosofia, estudos nas áreas de psicologia cognitiva e neurociências se referem à imaginação como uma capacidade que envolve mais do que o simples ato de representar uma imagem na mente, indo além da percepção visual (Byrne, 2005; Roth, 2007). Desta forma, a imaginação é considerada uma capacidade da mente humana de elaborar conceitos, imagens e ideias, que não correspondem à realidade presente ou passada e que aparece como uma importante característica do aparato mental, que diferencia os homens de outras espécies (Roth, 2007).

Assim, temos uma definição mais ampla do conceito de imaginação que inclui desde processos de formação de imagens mentais, como também sonhos, fantasias, pensamentos espontâneos, criatividade, ou ainda, atividades mentais de consideração ou planejamento de possíveis cursos de ação, como por exemplo, a imaginação contrafactual (Roth, 2007), que, por ser enfatizada no presente estudo, será mais bem explicitada posteriormente.

No mesmo sentido, Singer e Singer (2007), definem imaginação como uma forma de pensamento humano, mais complexa do que o simples ato de imaginar algum

estímulo concreto, podendo ser caracterizada por sequências verbais elaboradas, semelhantes a histórias ou narrações.

Para explicar o conceito de imaginação, Vygotski (1996) descreve dois tipos básicos de impulso: o impulso reprodutor e o criador. O primeiro está relacionado às ações que o homem reproduz e vincula-se à memória para “permitir ao homem reproduzir ou repetir normas de condutas já criadas e elaboradas” (Vygotski, 1996, p. 7); o segundo tipo de impulso, o criador, refere-se a situações em que o cérebro reelabora e combina elementos de experiências passadas e presentes para criar coisas inovadoras. Sem este segundo impulso, o homem não teria a capacidade de se adaptar a diferentes situações.

Dessa forma, a imaginação apresenta-se como função vital e adaptativa do ser humano, tornando possível estabelecer conexões entre o imaginário e a realidade, ou seja, é por meio da utilização de elementos existentes na realidade que o indivíduo pode criar uma imagem paralela, com novos elementos, mas ainda assim baseada em algo pré-existente (Vygotski, 1996). O mesmo autor afirma que a imaginação é composta por recombinações de elementos vivenciados e percebidos na realidade. Dessa forma, imaginação e realidade são vistas como interligadas, vinculadas por meio de quatro formas (Vygotski, 1996).

A primeira forma se baseia no fato de que todo elemento imaginário provém da experiência vivenciada pelo indivíduo. A segunda está ligada à formação de quadros e cenas que podemos imaginar, mesmo sem ter vivenciado a cena real, apenas utilizando-se de histórias e relatos de outras pessoas. A terceira forma de vinculação está relacionada com o enlace emocional. Segundo Vygotski (1996), toda emoção tende a se manifestar em determinadas imagens, sendo que tais imagens geralmente concordam com o tipo de emoção que está sendo sentida. Dessa forma, podemos dizer que certas

imagens são consideradas formas de expressão interna para nossos sentimentos, como símbolos que representam o sentimento vivenciado naquele momento. Essa influência da emoção nas combinações de elementos da imaginação é conhecida pela psicologia como a “Lei do Signo Emocional Comum”. Nas palavras de Vygotski (1996):

“(…) As imagens da fantasia prestam também linguagem interior a nossos sentimentos, selecionando determinados elementos da realidade e combinando-os, de tal maneira que responda a nosso estado interior de ânimo e não à lógica exterior destas próprias imagens” (pg. 21).

De acordo com a Lei do Signo Emocional Comum, todo elemento que causa um efeito emocional comum entre as pessoas resulta em combinações de imagens baseadas em sentimentos comuns ou em um mesmo signo emocional que reúne elementos heterogêneos e que se vinculam de alguma forma. Como exemplo podem ser citadas cores que simbolizam determinados sentimentos, como o preto para indicar tristeza ou luto e o branco, para indicar a paz (Vygotski, 1996).

Por fim, a quarta forma de vinculação entre imaginação e realidade apresenta-se como atividade criadora, uma vez que a imaginação pode levar à criação de elementos antes inexistentes ou nem mesmo semelhantes a elementos existentes na experiência do indivíduo (Vygotski, 1996).

Estudos mais recentes têm relacionado o pensamento imaginativo (ou criação de alternativas) ao pensamento racional (Byrne, 2005). Essa ideia de que a imaginação humana é guiada pelo mesmo princípio do pensamento racional vem sendo desenvolvida ao longo dos estudos de Ruth Byrne, iniciados em 1983, buscando

entender e relacionar as formas como as pessoas raciocinam com as maneiras como imaginam alternativas para a realidade (Byrne, 2005).

O entendimento da imaginação como um processo que possibilita diferentes simulações mentais e, conseqüentemente, a formulação de alternativas para a realidade, leva ao campo de estudos do pensamento contrafactual. Pesquisadores vêm tentando entender como são e qual a função desses tipos de pensamentos para os indivíduos. A capacidade de pensar o que poderia ou deveria ser se eventos tivessem acontecido de forma diferente aparece como uma tendência paradoxal do ser humano (Markman, Karadogan, Lindberg & Zell, 2009).

Na próxima seção serão exploradas como as simulações mentais de elaboração de alternativas têm sido estudadas e de que forma são importantes para a adaptação do ser humano.

*“A vida inteira que podia ter sido e
que não foi”
Manuel Bandeira*

O pensamento contrafactual

Dentro do escopo da imaginação, estão relacionados pensamentos que nos remetem a nossas vivências passadas, como forma de reelaborar situações ocorridas em nossa vida. Frequentemente nos percebemos pensando como seriam os fatos se algo tivesse acontecido de forma diferente no passado. Esse tipo de pensamento vem sendo recentemente pesquisado pela Psicologia Cognitiva e foi cunhado de pensamento contrafactual, ou seja, pensamentos que elaboram formas ou alternativas diferentes dos fatos vivenciados e que ocorrem frequentemente no dia-a-dia das pessoas (Byrne & Quelhas, 1999).

Callender, Brown, Tatá e Regan (2007) definem o pensamento contrafactual como uma resposta cognitiva em que os indivíduos simulam uma alternativa diferente a um evento ocorrido. Quando temos a necessidade de mudar ou entender eventos que se passam no mundo, pensamentos contrafactuais são ferramentas importantes para a elaboração desse entendimento (Wong, Galinsky & Kray, 2009).

Desta forma, o pensamento contrafactual pode ser definido como representações mentais de versões alternativas para o passado, ou seja, pensamentos de como as coisas poderiam ter acontecido diferentemente da realidade, produzindo consequências benéficas ou aversivas para os indivíduos (Roese, 1994, 1997; Epstude & Roese, 2008).

Nas palavras de Byrne (2002):

“pensamentos contrafactuais estão relacionados a
pensamentos causais, eles ajudam as pessoas a aprenderem a

partir de suas experiências e influenciam diversas atividades cognitivas, desde a criatividade até a probabilidade de julgamentos. Dão origem a emoções e atribuições sociais como culpa, arrependimento e responsabilidade” (p. 426).

Portanto, o pensamento contrafactual corresponde a formas como imaginamos o que poderia ter acontecido em alguma situação já ocorrida, modificando elementos do real para obter fatos diferentes do vivenciado pela pessoa. Geralmente, são expressos por meio de frases condicionais, como as iniciadas por “E se...” ou “O que poderia ter acontecido se...”¹ e envolvem antecedentes e consequentes. Como exemplos têm-se: “E se o carro não tivesse ultrapassado o sinal vermelho?”, ou ainda, “E se a mulher não estivesse atravessando a rua naquele momento?” (Byrne, 2005; Roese, 1994, 1997).

O pensamento contrafactual tem uma importância crítica para a função cognitiva e é considerado ferramenta essencial para resoluções de problemas e bom funcionamento social do indivíduo. O processo de simulação mental e a consideração de alternativas podem transformar os processos cognitivos e reorientar como um indivíduo se engaja e trabalha com informações subsequentes (Wong *et al.*, 2009).

O interesse por estudos envolvendo a capacidade de se pensar alternativas para o passado aparece em decorrência de novos conhecimentos e pesquisas a respeito de como as pessoas fazem explicações causais e utilizam o raciocínio lógico. De acordo com Mandel, Hilton e Catellani (2005), Kahneman e Tversky, em 1982, com o capítulo “Simulation Heuristic”, plantaram uma semente que chamaria a atenção para estudos

¹ Tradução do inglês das sentenças “What if...”, “Even if” ou “What might have been...”. Na literatura encontra-se um grande número de referências à estrutura da frase, sendo que o pensamento contrafactual é frequentemente relacionado a frases condicionais e, na língua inglesa, também são chamados de “What if thoughts” (Byrne, 2005; Roese, 1994, 1997).

envolvendo o pensamento contrafactual, indicando que as pessoas simulam modelos mentais e examinam seu conteúdo e implicações. Nesse capítulo, os dois autores pioneiros explicam que as pessoas têm uma capacidade de simular situações, por meio da memória de trabalho, o que as permite explorar a intuição sobre como manipular aspectos para que as consequências possam ser diferentes no futuro (1982, citado em Mandel *et al.*, 2005).

A partir de então, vários estudos a respeito do tema começaram a ganhar espaço no mundo científico, buscando entender como esses pensamentos se formam, qual a sua estrutura e de que forma o pensamento contrafactual se configura como um importante processo no funcionamento do pensamento humano. Além disso, diversos estudos com grupos específicos, que buscam analisar “como” e “o quê” determinados grupos modificam em eventos cotidianos, vêm sendo realizados. Como exemplos podem ser citadas pesquisas com pessoas com alta versus baixa autoestima (Roese & Olson, 1993), esquizofrênicos (Hooker, Roese & Park, 2000), pessoas com doença de Parkinson (McNamara, Durso, Brown & Lynch, 2003), vítimas de traumas (Leithy, Brown & Robbins, 2006), mulheres que sofreram abortos recorrentes (Callander *et al.*, 2007), pessoas com depressão (Quelhas, Power, Juhos & Senos, 2008) e indivíduos com ansiedade social (McMahon, 2009).

Um estudo de Hooker *et al.* (2000), procurou associar o pensamento contrafactual (PC) à esquizofrenia e demonstrou que o PC desses pacientes parece estar comprometido. Participaram do estudo 14 pacientes com esquizofrenia, recrutados em uma “casa de cuidados mentais”² e 20 pessoas sem antecedentes psiquiátricos para o grupo de comparação. A média da idade dos participantes com esquizofrenia foi de 39,2 e a do grupo de comparação, 29,9. Os participantes responderam a uma bateria de testes

² Tradução para “residential mental health care facility” em Hooker *et al.* 2000.

que incluía: medidas de pensamento contrafactual, habilidades cognitivas e competência social.

As medidas de PC foram divididas em dois focos. Primeiramente, foi analisada a frequência de PC em resposta a um evento negativo da vida dos participantes. Para tanto, era pedido aos participantes que lembrassem e narrassem em detalhes um evento pessoal ocorrido no último ano. Em seguida, os participantes deveriam responder, pensando no evento relatado, se tinham algum pensamento de como as coisas poderiam ter sido diferentes. Para a segunda medida do PC, foi utilizado um Teste de Inferência Contrafactual (*Counterfactual Inference Test - CIT*), desenvolvido especialmente para o estudo. O CIT resultou de uma adaptação de materiais de pesquisas anteriores, que foram simplificados em quatro blocos de questões de múltipla escolha. Cada bloco consistia de pequenas sentenças de ações de duas pessoas, uma pergunta e respostas de múltipla escolha, em que as experiências das duas pessoas apresentam resultados similares, mas as circunstâncias diferem de forma que uma propõe-se a gerar mais pensamentos contrafactuais do que a outra. Um exemplo de sentença é: “Ana ficou doente após comer em um restaurante que ela sempre vai; Sara ficou doente após comer em um restaurante que nunca tinha ido antes. Qual das duas terá mais arrependimentos em relação à escolha do restaurante? (a) Ana; (b) Sara; (c) sem resposta” (Hooker *et al.*, 2000, p.330).³

Além das medidas de pensamento contrafactual, os autores avaliaram habilidades cognitivas e competência social dos dois grupos. Em relação às habilidades cognitivas, foram utilizados os testes WAIS-R (subtestes Vocabulário e Dígitos) e FAS (*Test of Verbal Fluence*). Quanto à competência social, os autores aplicaram a Escala Zigler de Competência Social (*Zigler Scale of Social Competence*).

³ Tradução do autor.

Os resultados demonstraram que pacientes com esquizofrenia fizeram menos menção a pensamentos contrafactuais em resposta a uma solicitação direta do que o grupo de comparação e tiveram um menor escore na escala de inferência contrafactual, o que, segundo os autores, demonstrou que há prejuízos no PC de esquizofrênicos, tanto no pensamento contrafactual direto (auto relatos dos participantes) quanto no contrafactual derivado de inferências (respostas dadas à escala - CIT). Os resultados dos testes de habilidades cognitivas não apresentaram diferenças entre os grupos, o que, segundo os autores, sugere que o prejuízo na formulação de PCs em esquizofrênicos não podem ser explicados por déficits cognitivos associados à doença. Entretanto, os autores verificaram uma correlação entre geração de pensamentos contrafactuais em esquizofrênicos e função social, medida pela escala Zigler. Os achados do estudo corroboram com a hipótese dos autores de que o prejuízo na formulação de PCs associado à esquizofrenia contribui, em parte, para uma deterioração na função psicossocial do indivíduo.

Um estudo brasileiro em linha semelhante procurou identificar e analisar o pensamento contrafactual de crianças com deficiência motora (sendo a maioria portadora de paralisia cerebral), de modo a tentar compreender se elementos presentes na realidade atual eram refletidos ou modificados em situações por elas imaginadas (Faccioli & Schelini, 2009). O estudo foi feito com sete crianças, de ambos os sexos, com idade entre 8 e 12 anos e que frequentavam uma instituição de saúde. Foi solicitado aos participantes que montassem a maquete de uma cidade, retratando personagens comuns ao seu cotidiano e, utilizando-se desses elementos, narrassem um dia completo de suas vidas, incluindo pelo menos duas situações que evocassem raiva ou tristeza. Em seguida, foi pedido que observassem o cenário montado e pensassem em como

poderiam modificá-lo, a partir da inclusão de novos elementos, pessoas, objetos ou situações, buscando modificar as situações que geravam raiva e tristeza.

As mudanças feitas do cenário real para o imaginário tiveram principalmente função afetiva, no sentido de permitir à criança sentir-se melhor com a situação dita desagradável. Em sua maioria, o pensamento contrafactual ocorreu no sentido de eliminar a situação desagradável sem, no entanto, buscar uma solução mais real para essas situações e as mudanças realizadas nos eventos negativos apresentaram caráter fantasioso (Faccioli & Schelini, 2009).

Um segundo estudo foi elaborado por Justino e Schelini (2010), que procuraram analisar a capacidade de modificação de histórias comparando crianças, jovens, adultos e idosos, de forma a encontrar possíveis diferenças entre os três grupos, bem como se havia relação entre a experiência adquirida e o pensamento contrafactual. Para atingir tal objetivo, foram apresentadas quatro histórias adaptadas de contos para 15 participantes, divididos nos três grupos etários. Os participantes eram levados a escolher uma alternativa de modificação (entre quatro alternativas previamente elaboradas) nas três primeiras histórias e fazer modificações de aspectos livres na quarta história. Os resultados indicaram uma tendência a realizações de modificações que envolviam o aspecto ação/inação e a ordem temporal dos acontecimentos. Ao realizarem modificações livres, as crianças apresentaram menos dificuldade na execução da tarefa e apresentaram um número maior de modificações em relação aos adultos e aos idosos. Os pensamentos contrafactuais (PCs) gerados pelas crianças foram, na sua maioria, aditivos (ou seja, com adição de algum aspecto não presente na história) e as mudanças propostas tenderam a melhorar a história (o pensamento contrafactual ascendente foi frequente). Os aspectos modificáveis mais frequentes entre os adultos foram a mudança de alguma ação ocorrida na história, sendo que os PCs apresentaram estrutura aditiva.

Quanto aos idosos, o aspecto mais frequentemente modificado foi ação e as modificações propostas, assim como no grupo das crianças, tenderam a melhorar a estória (pensamentos ascendentes).

As tendências do pensamento contrafactual

A habilidade de refazer eventos ou pensar de forma contrafactual parece ser previsível (Byrne, 2005; Wong *et al.*, 2009). Diversas pesquisas têm encontrado evidências de que os pensamentos contrafactuais têm uma tendência a seguir mais certas direções do que outras. Existem alguns princípios que parecem guiar este tipo de pensamento, como o princípio da parcimônia e o princípio da verdade (Byrne & Girotto, 2009). O princípio de parcimônia se refere à tendência que as pessoas têm em pensar sobre poucas possibilidades – “quanto menos melhor”, enquanto que o princípio da verdade se refere à tendência que as pessoas têm em pensar sobre eventos verdadeiros, que realmente aconteceram, ao invés de pensar em eventos falsos (Byrne & Girotto, 2009). Em relação ao princípio da parcimônia, pode-se pensar que, tendo uma alternativa resolvido uma questão, não há a necessidade de se pensar em outras alternativas. Em relação ao princípio da verdade, é percebida a associação entre pensamentos imaginativos e realidade, o que atesta a teoria de Vygotski acerca da vinculação entre imaginação e realidade.

Um importante tipo de evento que as pessoas costumam modificar quando geram alternativas contrafactuais é o chamado evento não usual ou excepcional. Quando uma pessoa se engaja na formação de um pensamento contrafactual, o foco geralmente recai em eventos diferentes do que acontece na normalidade (Byrne, 2005; Kahneman & Tversky, 1982 como citado em Byrne & Girotto, 2009). Para explicar esse fenômeno, Wong *et al.* (2009) explanaram a respeito da metáfora do esqui, indicado pela primeira

vez por Kahneman e Tversky em 1982. Segundo os autores, assim como é mais fácil esquiar montanha abaixo do que montanha acima, também é mais fácil modificar eventos que violem a rotina e transformá-los em usuais do que o contrário transformar eventos cotidianos em excepcionais (Wong *et al.*, 2009)⁴.

Byrne (2005) nomeia esta predileção de modificação por determinados eventos como “linhas falhas da realidade”. Nas palavras da autora “um aspecto surpreendente do pensamento contrafactual é de que há certa similaridade no que as pessoas imaginam” (p. 3). Assim há, na ocorrência de fatos reais, linhas de falhas, ou seja, aspectos que parecem ser mais mutáveis do que outros. Em seu livro *The Rational Imagination*, Byrne (2005) compilou diversos estudos a respeito do tema e verificou quatro eventos da realidade mais comumente modificados pelas pessoas. São eles: ação/inação, obrigação, tempo e causa.

De acordo com Byrne (2005), as pessoas tendem a gerar mais pensamentos contrafactuais quando realizam uma ação do que quando deixam de realizá-la (inação). Isso acontece porque as pessoas tendem a se arrepender mais de ações que levam a um mau resultado do que inações que levem a um mau resultado. O aparecimento de alternativas à realidade aparece com mais frequência após uma ação porque, quando as pessoas percebem a ação, mantém na mente também a negação dessa ação, o que leva a uma dupla possibilidade (Byrne, 2005). Assim, a família de uma pessoa vítima de uma doença respiratória como a SARS (pneumonia asiática) tende a ter menos pensamentos contrafactuais, quando a vítima morreu da doença em si do que se tivesse morrido após tomar a vacina contra a doença (Byrne, 2005).

⁴ A metáfora do Esqui apresentada por Kahneman e Tversky em 1982 talvez seja melhor entendida no contexto brasileiro por meio da expressão “remando contra a correnteza”. Desta forma, transpondo as ideias para nossa cultura, a metáfora ficaria: assim como é mais fácil descer o rio do que remar contra a correnteza, é mais fácil modificar eventos que violem a rotina do que eventos cotidianos.

Além disso, pesquisas evidenciam que as pessoas tendem a imaginar alternativas para eventos que estão sob seu controle com mais frequência do que para aqueles que estão fora do controle (Byrne, 2005). Estudos que verificavam a mutabilidade de uma ação controlável levantaram a ideia de que o que as pessoas modificam não é apenas a ação controlável, mas a situação socialmente inaceitável do evento controlável (McCloy & Byrne, 2000). Situações proibidas acarretam em obrigações pessoais e sociais, como ajudar uma vítima de ataque cardíaco, ou doar um órgão a um parente. Dessa forma, situações socialmente inapropriadas que levam a um resultado negativo são mais comumente modificadas pelas pessoas do que ações socialmente apropriadas. Quando se trata de obrigações, as inações atreladas a uma consequência ruim levam a maior geração de pensamentos contrafactuais (Byrne, 2005).

Outra linha falha da realidade refere-se ao tempo, uma vez que as pessoas pensam em possibilidades em uma ordem temporal de eventos que ocorrem no mundo. Essa ordem temporal pode afetar o que é mais prontamente modificado quando alternativas são imaginadas. As pessoas tendem a pensar em alternativas para eventos mais recentes, por exemplo, perder um avião pelo atraso de 5 minutos pode evocar mais pensamentos contrafactuais do que perdê-lo por um atraso de uma hora (Byrne, 2005; Kaheman & Miller, 1986, como citado em Wong *et al.*, 2009; Roese & Olson, 1997).

O último aspecto abordado por Byrne (2005) é a questão da relação dos pensamentos contrafactuais e pensamentos causais, ou seja, os fatos modificados são vistos como a razão de determinada consequência. Quando uma pessoa cria uma alternativa imaginária, há a identificação de um importante fator na sequência causal dos eventos. Na sentença “se ao menos eu não tivesse deixado a janela do banheiro aberta, o ladrão não teria entrado na casa” as pessoas tendem a acreditar que o ladrão entrou na casa porque a janela foi deixada aberta (Byrne, 2005; Roese, 1997).

Classificações do pensamento contrafactual

Em revisão bibliográfica, Roese (1994, 1997) discutiu as bases funcionais do pensamento contrafactual, enfatizando que ele é geralmente ativado em resposta a afetos negativos, que podem constituir um sinal biológico interno de que o indivíduo não está bem. Estudos envolvendo o pensamento contrafactual levaram os autores da área a classificá-los quanto à forma, estrutura, alvo da mudança e função, que serão explicitadas a seguir.

a) Classificação do Pensamento Contrafactual quanto à Estrutura

A classificação do pensamento contrafactual em relação a sua estrutura leva em conta a própria estrutura da sentença que busca a reconstrução da realidade. Nesse tipo de classificação existem três divisões: a estrutura aditiva, a subtrativa e a substitutiva. Na estrutura aditiva o indivíduo tende a acrescentar antecedentes para reconstruir a realidade (Roese, 1993, 1994), como, por exemplo, “se eu tivesse levado o guarda chuva, eu não estaria molhado” (Roese, 1994, p. 807), ou seja, a adição do guarda chuva (contrafacto) poderia mudar o fato da pessoa “estar molhada”.

Em contraponto, o pensamento contrafactual na estrutura subtrativa tende a remover os antecedentes para a reconstrução da realidade, como no exemplo, “se não tivesse chovido hoje, eu não estaria molhado” (Roese, 1994, p. 807). Nessa sentença, não é a adição de um contrafacto que modifica o resultado final, mas sim a remoção do antecedente “chuva” que altera a condição da pessoa estar molhada ou não.

Na terceira estrutura, a substitutiva, a adição substitui a subtração (Roese, 1993). Por exemplo, “se eu tivesse estudado ao invés de assistir TV, eu teria uma nota melhor” (Roese, 1993, p. 200). Nessa estrutura, o indivíduo tende a trocar um elemento por outro para chegar a um resultado desejado. Assim, não basta apenas retirar o elemento TV para obter uma nota melhor e sim adicionar um aspecto fundamental, o

estudo. Pode-se perceber nessa estrutura uma junção das duas estruturas anteriores. Há a retirada de um fato (estrutura subtrativa) e a adição de um contrafato (estrutura aditiva).

Alguns estudos sugerem que, em geral, as pessoas tendem a usar as estruturas aditivas após vivenciar uma situação de fracasso e as subtrativas após situações de sucesso (Roese, 1993).

b) Classificação do Pensamento Contrafactual quanto à Forma

Em relação à forma, o pensamento contrafactual pode ser ascendente (*upward*) ou descendente (*downward*). No caso dos pensamentos ascendentes, as alternativas imaginadas possuem valor positivo e são avaliadas como melhores do que a realidade. Por exemplo, na sentença “Se eu não tivesse dito aquelas coisas difíceis, talvez ainda fôssemos amigos” (Byrne, 2005, p. 12), o indivíduo tende a pensar como a situação poderia ser melhor do que o fato ocorrido. O “dizer coisas difíceis” e sua consequência (“não somos mais amigos”), teria um desfecho melhor do que o que realmente aconteceu. Em oposição, os pensamentos descendentes (*downward*) são avaliados como alternativas piores ao que de fato ocorreu. Nesse caso, pode-se pensar na sentença “Se eu tivesse dito como eu me senti, ela nunca me perdoaria” (Byrne, 2005, p. 12).

Segundo pesquisas, o pensamento contrafactual ascendente é mais frequentemente usado do que o descendente e pode oferecer formas eficazes para elaboração de comportamentos futuros (Roese, 1994, 1997).

Resultados de um estudo realizado por Markman, Gavanski, Sherman e McMullen (1993, citado em Roese, 1994) ilustram como pensamentos contrafactuais ascendentes podem ser uma forma de preparação para o futuro. Por meio de um jogo *blackjack* computadorizado, participantes recebiam *feedbacks* classificados como

“vitória”, “perda” ou “neutro”. Segundo os autores, indivíduos que falharam no jogo geraram espontaneamente mais pensamentos ascendentes do que os outros participantes. Além disso, indivíduos que esperavam jogar novamente geraram mais pensamentos ascendentes do que os que não esperavam jogar. Assim, sujeitos que perderam ou que esperavam jogar novamente, apresentaram uma necessidade maior de se preparar para um jogo futuro.

Os pensamentos ascendentes podem eliciar afetos ou emoções negativas, como, por exemplo, desapontamento, enquanto que pensamentos descendentes podem eliciar afetos ou emoções positivas, como alívio (Roese, 1994). Alternativas melhores, ou ascendentes, estão causalmente relacionadas a sentimentos de privação e ressentimento, particularmente quando a pessoa percebe que sua falta de sorte é de ordem externa ou injustificada (Folger, 1984). Segundo Wong *et al.* (2009), o pensamento contrafactual ascendente produz uma dor momentânea em prol de uma aprendizagem a longo prazo, enquanto que o pensamento descendente serve como um conforto imediato, mas que não motiva o indivíduo a se engajar em uma melhora, o que vai influenciar na função do pensamento contrafactual, descrita mais adiante.

c) Classificação do Pensamento Contrafactual quanto ao Alvo da mudança

Além das classificações de forma e estrutura, um estudo recente de Juhos, Quelhas e Senos (2003) com participantes depressivos introduziu uma classificação em relação a quem (um indivíduo, um personagem) se referia o pensamento contrafactual. Se a modificação se referisse à própria pessoa/personagem, era chamada de autorreferente e se a afirmação se referisse a outras pessoas, a um agente inanimado ou abstrato, era chamada de heterorreferente (Juhos *et al.*, 2003).

Esta classificação se faz importante à medida que permite perceber se o pensamento contrafactual gerado a partir da situação experimental refere-se a uma característica passível de mudanças, o que pode colaborar para uma mudança futura de comportamento. No estudo de Juhos *et al.* (2003), apareceram poucos pensamentos heterorreferentes (4,08% em relação à amostra total de participantes), entretanto, todos os heterorreferentes foram exclusivamente do grupo de sujeito depressivos, o que constituiu 8% das respostas desse grupo. Este dado pode apontar uma lacuna na função preparatória do pensamento contrafactual de pessoas com depressão.

d) Classificação do Pensamento Contrafactual quanto à Função

O pensamento contrafactual pode, ainda, ter duas funções: a preparatória ou a afetiva (Roese, 1994). A primeira refere-se a pensamentos que ajudam a pessoa a estabelecer causas para os fatos ocorridos e ainda aprender com seus erros, o que pode levar a uma preparação para lidar com eventos futuros (Roese & Olson, 1995; Wells & Gavanski, 1989). Por exemplo, quando uma pessoa perde o ônibus de uma viagem e pensa “se eu tivesse arrumado a mala no dia anterior, não teria chegado atrasada”. Esse pensamento pode provocar uma culpa ou arrependimento momentâneo, mas pode prevenir novos atrasos desse tipo em eventos futuros. Para Roese (1994), a função preparatória pode também ser chamada de ascendente (*upward*), já que, nesses casos, são descritas alternativas melhores ao evento que de fato ocorreu e que provocam um desconforto momentâneo em prol de uma aprendizagem a partir da experiência.

A segunda função, a afetiva, diz respeito a emoções como arrependimento e esperança e, ainda, atribuições como culpa e responsabilidade (Roese, 1994, 1997). Dessa forma, ao pensar em alternativas para eventos passados, as pessoas podem sentir-se melhores (como por exemplo, aliviadas) com as situações ocorridas, ou piores (como, culpadas ou arrependidas), pensando que poderiam ter feito algo de uma forma

diferente. A função afetiva pode ajudar no entendimento das próprias emoções e sentimentos, sendo um elemento auxiliar na reelaboração dos acontecimentos vivenciados no dia a dia.

A estrutura aditiva pode servir melhor para a função preparatória do pensamento contrafactual quando comparada à estrutura subtrativa. Isso se deve ao fato de que na estrutura aditiva a resposta tende a mudar a realidade ocorrida adicionando um aspecto que pode ser aplicado em situações futuras. Além disso, a estrutura aditiva tende a ser mais criativa, pois proporciona novas opções, que vão além do fato real, enquanto que a estrutura subtrativa apenas remove uma resposta prévia (Roese, 1994).

De acordo com Burgess e Holmstrom (1979), vítimas de estupro tendem a descrever certo conforto (ou alívio) pensando que poderiam ter sido seriamente machucadas ou até mesmo mortas. Ou ainda, pacientes com câncer possuem sentimentos positivos pensando em como sua doença poderia ser pior do que realmente é (Taylor, Wood & Lichtman, 1983). Por outro lado, indivíduos que experienciaram algum evento traumático em suas vidas, como uma paralisia causada por acidente, pensam em como tal acidente poderia ter sido evitado se eles tivessem apenas feito alguma coisa diferente (Byrne, 2005). No caso dos estudos com vítimas de estupro (Burgess & Holmstrom, 1979) e pacientes com câncer (Taylor *et al.*, 1983), os pensamentos contrafactuais apresentaram-se sobre a forma descendente e tiveram função afetiva, ou seja, por meio deles os participantes sentiram-se melhor com o fato ocorrido, enquanto que, nos estudos com indivíduos com paralisia cerebral, os pensamentos contrafactuais se enquadraram na forma ascendente e podem propiciar uma função de preparação para eventos futuros.

Uma pesquisa realizada por Roese (1994), com estudantes universitários, buscou encontrar evidências que relacionassem a função afetiva ao pensamento

contrafactual. No experimento, foi investigada a função afetiva por meio de auto relatos de eventos negativos. Participaram do estudo 59 estudantes de psicologia, entre homens e mulheres, no início de um curso de graduação. Era pedido aos participantes que descrevessem, em poucas palavras, um evento negativo do último ano, que envolvesse pelo menos uma pessoa da mesma idade. Um total de 42% dos participantes descreveu eventos maiores como prisão por dirigir bêbado, ou infidelidade; 25% descreveram eventos menos traumáticos como brigas entre amigos; 22% descreveram fim de relacionamentos e 10% mencionou morte. Em seguida, os mesmos participantes criaram pensamentos contrafactuais, imaginando como os fatos ocorridos poderiam ser diferentes. Metade dos participantes usou pensamentos ascendentes e metade, descendentes. Além disso, metade utilizou pensamentos aditivos e metade, subtrativos.

O próximo passo do estudo levava os participantes a responder como eles se sentiam com as mudanças feitas. Os resultados foram enquadrados nos binômios depressivo-exultante, negativo-positivo, triste-feliz, hostil-gradável e desapontado-aliviado. No final, os participantes completaram o *Texas Social Behavior Inventory* (TSBI) e um auto-relato focando aspectos sociais e autoestima. Baseado nessas escalas, os participantes foram divididos em dois grupos: alta autoestima (*HSE*) e baixa autoestima (*LSE*). No geral, participantes classificados com alta autoestima recorreram a mais pensamentos contrafactuais aditivos do que pessoas com baixa autoestima.

Nesse sentido, Roese e Olson (1995) comentam que desordens psicopatológicas, como a depressão, entre outras, podem estar associadas a pensamentos não funcionais ou mesmo disfuncionais. Existem evidências de que o pensamento contrafactual fica prejudicado em alguns distúrbios, como é o caso de pessoas portadoras da doença de Parkinson (McNamara *et al.*, 2003) e esquizofrenia (Hooker *et al.*, 2000).

CAPÍTULO 2: DEPRESSÃO

*“A depressão é o excesso
de passado em nossas mentes”
Lao Tzu*

A depressão, segundo Porto (1999), é um termo que tem sido empregado para designar um estado afetivo normal, como uma tristeza, um sintoma ou uma síndrome. A tristeza é o sentimento mais comumente associado à depressão e pode aparecer como apenas um estado afetivo comum em diversas ocasiões da vida de uma pessoa. No entanto, dependendo do grau, esse estado afetivo normal pode vir como um sintoma de diferentes quadros clínicos ou ainda como uma síndrome que inclui alterações cognitivas, psicomotoras, vegetativas e alterações no humor (Porto, 1999).

Entre os sintomas associados à depressão, pode-se encontrar sintomas psíquicos, fisiológicos e comportamentais. Convém mencionar para o presente estudo as características dos sintomas psíquicos, que, segundo Porto (1999), são caracterizados pela sensação de tristeza, autodesvalorização e sentimento de culpa. De acordo com o autor, pessoas depressivas “costumam aludir ao sentimento de que tudo lhes parece fútil ou sem real importância. Acreditam que perderam, de forma irreversível, a capacidade de sentir alegria ou prazer na vida. Tudo lhes parece vazio e sem graça, o mundo é visto sem cores, sem matizes de alegria” (Porto, 1999, p. 7).

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (*World Health Association* - WHO, 2011), a depressão é a principal causa de incapacidade e a quarta doença de maior incidência global, de acordo com levantamento feito em 2000. Estima-se que em 2020, a depressão alcance o segundo lugar no *ranking* mundial de desordens mentais.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2011), a depressão se caracteriza por uma desordem mental que tem como características humor deprimido,

perda de interesse ou prazer, sentimento de culpa, baixa autoestima, distúrbios do sono ou apetite, baixa energia e baixa capacidade de concentração (WHO, 2011). Segundo a Classificação Internacional de Transtornos Mentais e do Comportamento da CID-10 (OMS, 1993), o episódio depressivo pode ter três variedades, sendo elas: leve, moderada e grave, em que “o indivíduo usualmente sofre de humor deprimido, perda de interesse e prazer e energia reduzida, levando a uma fragilidade aumentada e atividade diminuída” (OMS, 1993, p. 117).

Sintomas comuns de episódios depressivos, de acordo com o CID-10 (OMS, 1993) são: (1) concentração e atenção reduzidas; (2) autoestima e autoconfiança reduzidas; (3) ideias de culpa e inutilidade; (4) visões desoladas e pessimistas do futuro; (5) ideias/atos autolesivos ou suicidas; (6) sono perturbado e apetite diminuído. A diferenciação entre os níveis de depressão baseia-se em julgamentos clínicos e envolvem número, tipo e gravidade dos sintomas apresentados pelo paciente.

As diretrizes diagnósticas indicativas do Episódio Depressivo Leve citam o humor deprimido, a perda de interesse e prazer e a fatigabilidade aumentada. Nesse nível de depressão, os sintomas não devem aparecer em grau intenso. Uma pessoa que apresente um episódio depressivo leve aparenta estar angustiada, com dificuldade em realizar as tarefas do dia-a-dia e relacionar-se socialmente (OMS, 1993; APA, 2002). O Episódio Depressivo Moderado apresenta pelo menos dois dos sintomas de episódio leve com pelo menos mais três dos outros sintomas. Os sintomas aparecem em grau marcante e a pessoa com esse tipo de transtorno geralmente tem dificuldade considerável em continuar a realização de suas tarefas (sociais, laborais e domésticas).

Por fim, o Episódio Depressivo Grave, pode ser dividido em dois tipos de diagnósticos: sem sintomas psicóticos e com sintomas psicóticos. A depressão grave sem sintomas psicóticos apresenta no indivíduo angústia e agitação considerável, perda

de autoestima e sentimentos de inutilidade ou culpa e um risco ao suicídio. Durante um episódio depressivo grave, é muito provável que o paciente seja incapaz de continuar suas atividades diárias. A depressão grave com sintomas psicóticos envolvem, além dos sintomas já citados, delírios, alucinações ou estupor depressivo (OMS, 1993).

A duração mínima de episódios depressivos, nos três níveis, deve ser de duas semanas. A caracterização para esses três níveis de episódios depressivos deve ser utilizada apenas para episódios únicos ou primeiros. Episódios posteriores devem ser classificados como Transtorno depressivo recorrente, que é caracterizado por episódios repetidos de depressão (OMS, 1993).

É importante ressaltar que, segundo o manual de Diagnóstico em saúde mental (DSM-IV, APA, 2002), o indivíduo com depressão maior (nomenclatura utilizada pelo DSM para transtornos depressivos) relata uma dificuldade na capacidade de pensar, concentrar-se e tomar decisões, além de apresentar avaliações negativas e pensamentos ruminativos a respeito de eventos passados, como pode ser visto no trecho abaixo:

“O sentimento de desvalia ou culpa associado com um Episódio Depressivo Maior pode incluir avaliações negativas e irrealistas do próprio valor, preocupações cheias de culpa ou ruminções acerca de pequenos fracassos do passado. Esses indivíduos frequentemente interpretam mal eventos triviais ou neutros do cotidiano como evidências de defeitos pessoais e têm um senso exagerado de responsabilidade pelas adversidades” (APA, 2002, p. 350).

A depressão pode estar associada a um mau funcionamento da experiência emocional normal e pode ser dividida em duas categorias: a de viés negativo, que inclui uma avaliação negativa dos eventos e a anedonia, que se refere ao embotamento normal da experiência (Chase *et al.*, 2010).

Beck (1997) propôs um modelo cognitivo da depressão que postula três conceitos específicos: a tríade cognitiva, os esquemas e os erros cognitivos. Cabe aqui explicar o segundo conceito, o esquema, que se refere à organização estrutural do pensamento, ou seja, a forma sistemática como o indivíduo interpreta situações, adequando-as a suas referências de vida, designando padrões estáveis que irão avaliar e categorizar tal experiência (Bahls, 1999). De acordo com Beck (1997), os esquemas são padrões cognitivos estáveis que ajudam a formar a “base da regularidade das interpretações de um conjunto específico de situações” (p. 11). Em casos de pacientes depressivos, as conceituações de determinadas situações são distorcidas para se encaixar em esquemas disfuncionais que prevalecem em sua estrutura (Beck, 1997).

Quelhas *et al.* (2008) citam que há hoje em dia uma gama considerável de estudos que relacionam a depressão ao pensamento. No entanto, ainda são escassos estudos que avaliam se os pensamentos são modificados de forma diferente por pessoas depressivas e não depressivas. Exemplos de estudos específicos sobre o pensamento contrafactual em pessoas com sintomas depressivos serão apresentados no Capítulo 4, em que serão descritas as particularidades do presente estudo e o que tem sido pesquisado nessa área.

OBJETIVOS

Considerando a função preparatória e afetiva do pensamento contrafactual e a presença de pensamentos distorcidos comuns à depressão, os objetivos desse estudo foram:

(a)Elaborar e avaliar um material destinado ao acesso do pensamento contrafactual de adultos;

(b)Investigar se há diferenças no estilo de pensamento contrafactual de pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão, considerando a estrutura (aditiva, subtrativa e substitutiva), a forma (ascendente ou descendente), o alvo da mudança (autorreferente e heterorreferente) e os aspectos da realidade mais modificados de acordo com a literatura (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual).

Os objetivos foram alcançados por meio dos dois estudos descritos a seguir, nos Capítulos 3 e 4.

CAPÍTULO 3: ESTUDO 1 - ELABORAÇÃO E ANÁLISE DO MATERIAL DESTINADO A AVALIAR O PENSAMENTO CONTRAFACTUAL⁵

Estudos envolvendo o pensamento contrafactual (PC) iniciaram-se recentemente, sendo ainda um campo fértil de possibilidades de estudo. Pesquisadores da área têm buscado diversas formas de avaliar esse tipo de pensamento em diferentes populações. A forma mais comum encontrada na literatura tem sido por meio de autorrelatos, em que é requerido do participante que relate algum evento ocorrido com ele, geralmente negativo, para que, a partir deste evento, apareçam pensamentos contrafactuais (Roese, 1994, 1997; Kasimatis & Wells, 1995). Os PCs podem aparecer de forma espontânea (por meio de perguntas gerais sobre pensamentos a respeito do evento) ou de forma direcionada (por meio de questões que levem o participante a pensar em modificações nos eventos descritos).

Outra forma encontrada na literatura utiliza cenas previamente elaboradas para obter e avaliar o pensamento contrafactual dos participantes (Juhos *et al.*, 2003; McCloy e Byrne, 2000). Nesse formato, os pesquisadores formulam cenas propícias ao aparecimento desse tipo de pensamento, como pode ser visto em Juhos *et al.* (2003). Estas cenas serão descritas na introdução do capítulo seguinte, destinado à fundamentação do segundo estudo.

Dois estudos brasileiros buscaram avaliar o pensamento contrafactual por meio de técnicas diferentes. Um dos estudos utilizou-se de montagem de cenários a partir de maquete e bonecos para chegar ao relato de pensamentos imaginativos a respeito de alternativas à realidade (Faccioli & Schelini, 2009). Esse estudo, realizado com crianças, contava com uma maquete que simulava a planta de uma cidade e protótipos de estabelecimentos (comerciais, de saúde e ensino) e casas, que

⁵ A elaboração do material foi resultado de uma parceria Faccioli, Justino & Schelini, 2012.

possibilitavam à criança montar o cenário de sua cidade e locais que costuma frequentar. Era requisitada a cada criança, além da montagem do cenário, a narração de um dia de sua vida, relatando duas situações que evocassem raiva ou tristeza. Em seguida, era pedido que a criança observasse o cenário montado e pensasse em como poderia modificá-lo, a partir da inclusão de novos elementos, pessoas, objetos ou situações, buscando modificar as situações conflituosas e, novamente, era solicitado que o participante narrasse um dia completo.

O segundo estudo, já mencionado anteriormente, buscou avaliar os pensamentos contrafactuais por meio de estórias adaptadas de contos (Justino & Schelini, 2010). O método contava com a apresentação de quatro estórias adaptadas de contos, sendo cada uma delas seguida por quatro alternativas de modificação. As três primeiras estórias exigiam do participante que escolhessem uma alternativa de modificação entre quatro previamente formuladas e a quarta estória requeria do participante modificações livres, referentes a algum aspecto da estória.

Para o presente estudo, foi escolhida a adaptação de cenários da literatura e estórias retiradas de jornais e revistas, por se considerar que pessoas com depressão poderiam ter dificuldade de narrar, com certa riqueza de detalhes, fatos de suas vidas em um primeiro e único encontro com o pesquisador. Além disso, poderiam ficar sensíveis ao tentar relatar tais fatos, sem que pudessem ser acolhidas de forma adequada posteriormente. A busca por notícias de jornais e revistas pode identificar histórias reais sobre várias temáticas, que de fato ocorreram, para que as pessoas tentem se colocar no lugar do personagem e pensar sobre os fatos relatados. Adicionalmente às notícias adaptadas de jornais e revistas, também foram adaptados dois cenários utilizados em estudos recentes (Juhos *et al.*, 2003; McCloy & Byrne, 2000).

Kasimatis e Wells (1995) apontam, a partir de seus estudos sobre o pensamento contrafactual, duas limitações ao uso de cenários hipotéticos. Segundo os autores, a artificialidade dos cenários pode levar os participantes a responderem de acordo com maneiras hipotéticas, que podem não corresponder a formas naturais de agir no ambiente. Entretanto, Kasimatis *et al.* (1995) ponderam que, por meio dos cenários hipotéticos, foi sim possível avaliar o tipo de pensamento decorrente das situações apresentadas aos participantes.

OBJETIVOS DO PRIMEIRO ESTUDO

Os objetivos do Estudo 1 foram:

- (a) Elaborar um material para acessar o pensamento contrafactual de adultos;
- (b) Capacitar juízes para avaliar o material elaborado;
- (c) Analisar a concordância entre juízes para as alternativas propostas para modificação de cada aspecto da realidade, propostos por Byrne, (2005): ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual.

MÉTODO

Participantes

O primeiro estudo contou com a participação de cinco juízes, alunos da pós-graduação em Psicologia em uma universidade do interior do estado de São Paulo, que participaram de uma capacitação sobre o Pensamento Contrafactual e realizaram a análise e avaliação do material confeccionado para a coleta de dados referente ao Estudo 2.

Local

A capacitação aconteceu em uma sala do Departamento de Psicologia, de uma universidade do interior de São Paulo, onde foi distribuído o material para ser avaliado pelos juízes posteriormente.

Materiais

Os materiais utilizados nessa primeira etapa da pesquisa foram a Carta ao Juiz, que explicava o procedimento a ser seguido para a avaliação do material (ANEXO 1), uma atividade que foi realizada após a capacitação na presença das pesquisadoras e que teve a intenção de treinar os juízes para o trabalho que deveria ser feito com o material a ser usado na coleta de dados do estudo 2. A atividade de treino, utilizada na capacitação dos juízes, foi composta de uma fábula já utilizada no estudo de Justino e Schelini (2010) e quatro alternativas de mudança no percurso dos personagens da fábula (ANEXO 2). Um terceiro material foi a Folha de Registro destinada à primeira avaliação dos juízes, contendo uma folha com o resumo dos conteúdos vistos na capacitação, as notícias e alternativas formuladas para cada uma delas e as questões a serem feitas sobre as notícias (ANEXO 3).

Inicialmente, o material seria composto de seis notícias retiradas de jornais e revistas, sendo que duas notícias seriam compostas apenas com questões de livre interpretação e quatro, com questões em formato de múltipla escolha. Ambos os formatos conteriam perguntas a respeito de como a pessoa se sentiu com a história e com as modificações feitas, sendo as respostas requisitadas sob forma de uma escala de humor. Entretanto, essa estrutura inicial foi sendo modificada ao longo das três avaliações do material, ficando, ao final, três notícias e dois cenários fictícios: todos formados por questões abertas e fechadas. A escala de humor foi suprimida do material final.

A primeira versão do material avaliado pelos juízes continha cinco notícias, todas adaptadas de jornais e revistas, as perguntas e as alternativas de modificação das notícias (ANEXO 3). Nessa etapa, o material contava também com duas notícias intitulas “Maratonista perde medalha após admitir ter pegado ônibus durante a corrida” e “Mãe morre após salvar filha em carrinho preso em trilho de trem” (ANEXO 4) que teriam apenas questões abertas e que não foram avaliadas pelos juízes por não conterem alternativas previamente formuladas.

A segunda versão do material foi modificada em decorrência da primeira avaliação dos juízes. As duas notícias com questões abertas foram substituídas por dois cenários adaptados dos estudos de McCloy e Byrne (2000) e Juhos *et al.* (2003), que continham alternativas para escolha dos participantes. A substituição foi feita em decorrência da necessidade de apresentar entre as notícias, cenários mais comuns, que pudessem se aproximar da rotina dos participantes da pesquisa. Sendo assim, a segunda versão do material foi composta por quatro notícias de jornais e revistas e por dois cenários que foram acrescentados após a primeira avaliação (ANEXO 5). As alternativas da segunda versão do material também sofreram algumas modificações para chegar ao índice de concordância desejado pela avaliação dos juízes, sendo que as questões foram modificadas de acordo com as sugestões dadas. A terceira versão para avaliação do material (ANEXO 6) teve apenas algumas alterações na redação dos textos e adequações nas alternativas, sem retirada ou acréscimo de notícias/cenários. As alterações foram destacadas em vermelho para facilitar o trabalho dos juízes.

A Tabela 1 apresenta quais notícias/ cenários foram analisados em cada uma das três avaliações realizadas pelos juízes.

Tabela 1. Distribuição das notícias/ cenários analisados em cada uma das três avaliações

Avaliação 1	Avaliação 2	Avaliação 3
-----	A tentação	A tentação
-----	No caminho de casa	No caminho de casa
Dilema da montanha	Dilema da montanha	Dilema da montanha
A vida no corredor da morte	-----	-----
Renascido para viver	Renascido para viver	Renascido para viver
O encantador de plateias	O encantador de plateias	O encantador de plateias
Celular e elevador salvam vida de ajudante de obras em desabamento no Rio.	Celular e elevador salvam vida de ajudante de obras em desabamento no Rio.	Celular e elevador salvam vida de ajudante de obras em desabamento no Rio.

Na Tabela 1, pode-se verificar que na primeira avaliação, os juízes analisaram cinco notícias adaptadas de jornais e revistas e suas respectivas alternativas de modificação da realidade. Lembrando que nessa avaliação, o material contava também com duas notícias que, inicialmente, não teriam alternativas fechadas (“Maratonista perde medalha após admitir ter pegado ônibus durante a corrida”; “Mãe morre após salvar filha em carrinho preso em trilho de trem” – ANEXO 4) e, portanto, não foram avaliadas pelos juízes. A notícia “A vida no corredor da morte” foi analisada apenas na primeira avaliação, porque foi a indicada pelos juízes para ser retirada do material, por não representar o contexto brasileiro (pena de morte).

Procedimento

Primeiramente, foi elaborado o material a ser avaliado pelos cinco juízes para que, em seguida, houvesse uma capacitação dos mesmos, o que proporcionaria uma adequada análise de todo o material a ser apresentado aos futuros participantes (do Estudo 2).

Para compor a primeira versão do material, buscaram-se notícias que fossem contadas de maneira linear e que tivessem descrição rica dos fatos ocorridos, bem como

as consequências dos eventos descritos. Após a seleção das notícias, foram elaboradas perguntas que levassem o participante a pensar sobre o conteúdo lido e sobre modificações possíveis na notícia. Adicionalmente, foram formuladas quatro alternativas de modificação de fatos correspondentes a cada notícia. As perguntas abertas correspondentes aos pensamentos livres visavam verificar se o participante formularia, espontaneamente, pensamentos contrafactuais a partir do que havia lido. Assim, formulou-se a pergunta: “Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Quais?” para investigar pensamentos em geral.

Em seguida, o questionário direcionava o participante a pensar sobre o que poderia ser diferente na estória, por meio da pergunta: “Imagine se essa situação acontecesse com você. As pessoas, após passarem por situações como essas, têm, frequentemente, pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira. Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a estória tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?” Por fim, o participante era levado a escolher uma alternativa de modificação, mesmo que espontaneamente não tenha pensado em alguma alternativa (as questões podem ser verificadas no ANEXO 3).

Em relação mais especificamente às alternativas formuladas previamente e que possibilitariam modificações nas notícias, vale dizer que corresponderam a modificações de fatos baseadas nas linhas de falhas da realidade descritas por Byrne (2005). Assim, cada notícia/ cenário contou com quatro alternativas de mudanças em fatos que se referem à ação/ inação, ao tempo, à obrigação e a evento não usual. A categoria causa, também descrita por Byrne (2005), foi eliminada das alternativas, porque todas as modificações formuladas continham a ideia da relação causal, ou seja,

quaisquer mudanças nos eventos das notícias eram percebidas como a causa de um resultado indesejado, que seria alterado pelo pensamento contrafactual.

Com o material preparado, foram contatados cinco alunos da pós-graduação em Psicologia para serem juízes, ou seja, para avaliar o material, as instruções e as alternativas. Os alunos de pós-graduação foram escolhidos devido ao desconhecimento da existência de especialistas em pensamento contrafactual no Brasil.

O principal objetivo da avaliação do material pelos juízes foi o de verificar se as alternativas de resposta de múltipla escolha se referiam aos aspectos da realidade propostos. Para possibilitar este tipo de análise do material, foi realizada uma capacitação dos juízes a respeito do pensamento contrafactual. Na capacitação foi feita uma apresentação explicitando o que é o pensamento contrafactual, qual sua importância, as classificações que aparecem na literatura como: estrutura (adição, subtração e substituição), forma (ascendente e descendente) e função (afetiva e preparatória) e, ainda, os aspectos da realidade mais comumente modificados pelas pessoas (ação/inação, obrigação, causa, tempo e evento não usual).

Além da explanação detalhada sobre o tema, cada aspecto abordado foi exemplificado e discutido e, ao final, foi realizada uma atividade para treinar os juízes a avaliar o material. Essa atividade foi composta de uma fábula que continha quatro alternativas de modificação, retirada do estudo de Justino e Schelini (2010). Após lerem a fábula, os juízes tinham que classificar, para cada uma das alternativas sugeridas, qual aspecto da realidade (ação/inação, tempo, obrigação, causa ou evento não-usual) estava sendo modificado. Dessa maneira, os juízes puderam entender como deveriam avaliar o material e tiraram suas dúvidas quanto ao procedimento. Vale ressaltar que as alternativas poderiam apresentar mais de um aspecto, sendo que os juízes deveriam apontar qual aspecto era mais proeminente em cada sentença.

A avaliação do material pelos juízes foi feita de forma individual. Os juízes levaram a primeira versão do material (que continha as cinco notícias listadas na primeira avaliação, conforme ilustrou a Tabela 1, e suas respectivas alternativas) para casa e tiveram uma semana para entregar a avaliação preenchida. Após a primeira avaliação, foi feito um encontro para discutir a mesma e tirar dúvidas quanto a algumas observações feitas por eles. Após a primeira análise dos juízes, as alternativas com baixo índice de concordância entre eles foram modificadas. Em seguida, o material reformulado foi novamente entregue aos juízes e os índices de concordância em relação às alternativas foi calculado. Ao todo foram três avaliações de juízes com o mesmo prazo de entrega, com o intuito de alcançar o índice de concordância de 80% para cada alternativa. A segunda e a terceira avaliações foram feitas de forma digital, sendo enviado o material e as instruções por e-mail.

Na segunda avaliação dos juízes, as duas primeiras notícias (“Maratonista perde medalha após admitir ter pegado ônibus durante a corrida” e “Mãe morre após salvar filha em carrinho preso em trilho de trem”) foram substituídas por dois cenários adaptados de estudos da literatura (Juhos *et al.*, 2003 e Byrne, 2005), formulados com o objetivo de levantar e avaliar o pensamento contrafactual. Para esses dois cenários também foram formuladas quatro alternativas de modificação no percurso dos personagens e que foram avaliadas pelos juízes a partir da segunda avaliação.

Após as avaliações dos juízes, o material foi sendo readequado, sendo a versão final composta de cinco histórias, duas adaptadas de cenários da literatura e três de jornais e revistas. As versões finais das Histórias e do questionário geral utilizado no Estudo 2 podem ser vistas nos Anexos 7 e 8 (respectivamente).

RESULTADOS E DISCUSSÃO DO ESTUDO 1

A avaliação dos juízes foi fundamental para aprimorar o material a ser utilizado na coleta de dados referente ao Estudo 2. Os juízes sugeriram diminuir o tamanho de algumas notícias, mudar palavras para facilitar o entendimento dos participantes e modificar o tempo verbal das alternativas do pretérito para pretérito imperfeito. Foram necessárias três avaliações para que se chegasse ao índice de concordância satisfatório (mínimo de 80%). Ao final da terceira avaliação, havia ainda uma notícia (“O encantador de plateias”) em que o índice mínimo (80%) não tinha sido atingido para duas alternativas, assim, tal notícia foi excluída do material final. Os resultados de cada avaliação dos juízes serão apresentados a seguir.

Resultados e discussão da primeira avaliação dos juízes

A primeira avaliação ocorreu após a capacitação, sendo pedido aos juízes que, além de avaliar a escrita do material, escolhessem uma notícia de um total de cinco para ser retirada do material e, assim, possibilitar a diminuição do tempo da coleta de dados e, provavelmente, do cansaço dos participantes.

Três dos cinco juízes sinalizaram que a notícia 3 (“A vida após o corredor da morte”) além de ser muito longa e conter muitos elementos, não representava o contexto brasileiro, uma vez que em nosso país não há pena de morte. Outra notícia votada para ser retirada foi a 1 (“Dilema da montanha”), também pelo tamanho e por não apresentar um cotidiano brasileiro. Como a notícia 3 foi, dentre os juízes, aquela que recebeu mais indicações para ser retirada e também obteve uma baixa concordância entre juízes no que se refere às alternativas, a opção foi de não utilizá-la.

Em um primeiro momento, as respostas dos juízes para cada alternativa foram somadas e comparadas, sendo feita uma análise de concordância entre as

respostas dos juízes. Em seguida, foi verificado se havia concordância entre a avaliação dos juízes e a proposta inicial para cada alternativa. O índice de concordância foi considerado satisfatório quando 4, dos cinco juízes apontavam para uma mesma classificação, o que significa dizer que havia 80% de concordância entre os juízes. Quando a concordância apresentou um índice menor, a alternativa foi submetida a novas avaliações.

A Tabela 2 apresenta os resultados da primeira avaliação dos juízes em relação às alternativas propostas para modificação dos aspectos da realidade.

Tabela 2. Primeira avaliação das alternativas propostas em relação aos aspectos da realidade

NOTÍCIA	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 1	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
Dilema da montanha	A	Evento não usual	80%	Sim
	B	Ação/Inação	80%	Sim
	C	Obrigação	80%	Sim
	D	Tempo	80% ^a	Não
A vida após o corredor da morte	A	Ação/Inação	100% ^e	Não
	B	Obrigação	20%	Sim
	C	Evento não usual	80% ^e	Não
	D	Tempo	60%	Sim
Renascido para viver	A	Obrigação	80% ^a	Não – Mantida de acordo com a classificação dos juízes ^a
	B	Tempo	60%	Sim
	C	Ação/Inação	60%	Sim
	D	Evento não usual	40%	Sim
O encantador de plateias	A	Obrigação	60% ^a	Não
	B	Evento não usual	60%	Sim
	C	Tempo	60% ^c	Não
	D	Ação/Inação	100%	Sim
Celular e elevador salvaram ajudante de obras	A	Tempo	80%	Sim
	B	Ação/Inação	20%	Sim
	C	Obrigação	100% ^e	Não
	D	Evento não usual	20%	Sim

^aAção/Inação, ^bObrigação, ^cEvento não usual, ^dTempo, ^eCausa.

A legenda aponta em qual aspecto da realidade os juízes concordaram, quando a classificação proposta por eles se referia a um aspecto diferente do proposto inicialmente.

Como pode ser observado na Tabela 2, na avaliação entre juízes, das 20 alternativas propostas, apenas 10 obtiveram pelo menos 80% de concordância entre juízes e destas, apenas cinco concordaram com a classificação proposta inicialmente. Adicionalmente, cinco alternativas apresentaram alto índice de concordância, mas não se referiam à classificação proposta. Nesses casos, foram adotados dois tipos de conduta. Se havia concordância para, por exemplo, ação/inação na alternativa “a” e também para a alternativa proposta inicialmente para essa categoria, a alternativa seria modificada para se adequar à proposta inicial. Por exemplo, na notícia Dilema da Montanha, a alternativa “D” apresentou índice de concordância entre juízes de 80% para a categoria ação/inação, mas não concordava com a proposta inicial para essa alternativa (categoria tempo). Já que entre as outras alternativas havia uma que também obteve índice satisfatório para o aspecto ação/inação, a alternativa “D” precisou ser readequada para se enquadrar na categoria tempo.

Entretanto, se a alternativa proposta para a categoria não obtivesse a concordância necessária e outra alternativa obtivesse concordância entre juízes para essa categoria, então, a proposta inicial seria reconsiderada, ou seja, seria mantida a classificação proposta pelos juízes. Este foi o caso da alternativa “A” de “Renascido para viver”, em que o índice de concordância entre juízes foi de 80% para a categoria ação/inação, mas não se referia ao aspecto proposto inicialmente (categoria obrigação). Neste exemplo, nenhuma das outras alternativas obtiveram índice satisfatório para a categoria ação/inação, o que ocasionou na manutenção do aspecto proposto pelos juízes e na readequação de outra alternativa para o aspecto obrigação.

Das cinco alternativas que não concordaram com a proposta inicial, duas pertenciam à notícia “A vida após o corredor da morte” e, por ter sido essa (notícia) a escolhida para ser excluída do material, as alternativas foram desconsideradas. Apenas uma foi mantida segundo a concordância dos juízes (na tabela anterior estão destacadas pela frase “Não - mantida de acordo com a classificação de juízes”), ou seja, na avaliação dos juízes houve concordância para um aspecto da realidade que não foi o proposto inicialmente, sendo a categoria modificada para atender a concordância dos juízes, já que não havia outra alternativa com o índice de concordância satisfatório para a categoria proposta (alternativa A de “Renascido para viver”). As outras alternativas que não tiveram a concordância entre classificação dos juízes com a proposta inicial foi readequada para se encaixar na categoria inicialmente proposta (alternativa D de “Dilema da montanha” e alternativa C de “Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”), já que a concordância entre juízes se referia a uma categoria já encontrada em outra alternativa. Ao todo, seis alternativas foram mantidas no formato proposto para a primeira avaliação, ou seja, não precisaram de uma nova avaliação dos juízes.

Além das readequações nas alternativas que não apresentaram índice de concordância, todas as alternativas foram escritas no pretérito imperfeito.

A Tabela 3 apresenta as modificações realizadas na escrita das alternativas da notícia “Dilema da Montanha”, após a primeira avaliação dos juízes.

Tabela 3. Modificações feitas nas alternativas da Notícia 1 – Dilema da Montanha, após a primeira avaliação

A) Luiz não quebrou a perna, assim, mesmo caindo na fenda, chegou mais rápido ao acampamento.	A) Mesmo caindo na fenda, Luiz não quebraria a perna e chegaria mais rápido ao acampamento.
B) Marcos não cortou a corda quando Luiz caiu e acabou caindo junto com o amigo.	B) Marcos não cortaria a corda no momento em que Luiz caísse na fenda e acabaria caindo junto com o amigo.
C) Marcos não ficou para salvar Luiz quando ele quebrou a perna e, assim, Luiz não conseguiu sobreviver.	C) Marcos não ficaria para salvar Luiz quando ele quebrasse a perna e, assim, Luiz não conseguiria sobreviver.
D) Quando aconteceu a avalanche, logo no segundo dia, os dois amigos desistiram de escalar o pico e nada disso aconteceu.	D) A avalanche aconteceria logo no primeiro dia e os dois amigos desistiriam de escalar o pico.

Na notícia 1 (Dilema da Montanha), a alternativa D foi a única que não obteve concordância entre juízes no que se refere ao aspecto da realidade. Por isso, ela precisou ser modificada pela autora para se adequar à categoria tempo. Além disso, nas outras alternativas foram acatadas sugestões dos juízes quanto à escrita, conforme pode ser observado na Tabela 3.

Na Tabela 4, ilustra-se as modificações feitas nas alternativas da notícia “Renascido para viver”, após a primeira avaliação dos juízes.

Tabela 4. Alterações feitas nas alternativas da Notícia 2 – Renascido para viver, após a primeira avaliação

A) O ex-colega de Lauro não fez a denúncia de doping e ele não teve que enfrentar mais esse problema na sua vida.	A) O ex-colega de Lauro não teria feito a denúncia de doping e ele não teria que enfrentar mais esse problema na sua vida.
B) Lauro descobriu o câncer bem no início de sua carreira e não conseguiu enfrentar a doença com tanta determinação.	B) Logo no início de sua carreira , Lauro descobriria o câncer e não conseguiria enfrentar a doença com tanta determinação.
C) Lauro não se agarrou a ideia de que a dor é temporária e não conseguiu enfrentar o câncer com tanta garra.	C) Os exames de doping teriam dado positivos e ele não poderia voltar a correr.
D) O tratamento comprometeu sua fertilidade e ele não conseguiu ter filhos.	D) Lauro teria ficado desanimado com a acusação de doping não teria participado de tantas corridas na França.

Na notícia 2 (Renascido para viver), houve três alternativas (B, C, D) que tiveram baixa concordância entre os juízes no que se refere ao aspecto da realidade. Apesar de ter 80% de concordância entre juízes, a alternativa “A” não concordava com a proposta inicial da autora, no entanto, por ser a única que apresentou alta concordância na classificação dada pelos juízes, tal classificação (aspecto modificado da realidade) foi mantida, uma vez que parece representar a descrição do aspecto da realidade retratada pela literatura.

A alternativa “B” sofreu apenas uma inversão na sentença, destacando a referência à sequência temporal. A alternativa “C” foi totalmente reformulada para se enquadrar na categoria (aspecto modificado da realidade) “obrigação”. A alternativa “D”, por ter apresentado baixa concordância para evento não usual, também foi totalmente reformulada para satisfazer essa categoria. As alterações feitas nas alternativas podem ser vistas na Tabela 4.

A notícia 3 (A vida após o corredor da morte), por ter sido a escolhida para ser retirada do material, foi descartada do trabalho de readequação das alternativas.

Na Tabela 5 estão apresentadas as modificações feitas nas alternativas da notícia “O encantador de plateias”, após a primeira avaliação dos juízes.

Tabela 5. Alterações feitas nas alternativas da notícia 4 – O encantador de plateias, após a primeira avaliação

A) Thomas foi aceito no conservatório musical, mesmo sem poder tocar piano.	A) Thomas seria aceito no conservatório musical, mesmo sem poder tocar piano e seguiria a carreira de cantor normalmente.
B) Thomas não teve a doença e seguiu a carreira de músico normalmente.	B) Thomas se conformaria em não poder entrar na faculdade de música e continuaria fazendo direito.
C) Thomas nasceu depois da descoberta das consequências da talidomida e não teve a deficiência.	C) Thomas nasceria um ano depois da descoberta das consequências da talidomida e não teria a deficiência.
D) Thomas não levou seu problema “rindo de si mesmo” e não conseguiu chegar aonde chegou.	D) Thomas não levaria seu problema “rindo de si mesmo” e não conseguiria chegar aonde chegou.

Na notícia 4 (O encantador e plateias), apenas a alternativa “D” não precisou ser modificada por obter 100% de concordância para a categoria ação/inação. A alternativa “A” foi complementada com a frase “e seguiria a carreira de cantor normalmente”, segundo orientação dos juízes; a alternativa “B” foi totalmente reformulada para se buscar uma maior concordância para a categoria de evento não usual; e a alternativa “C” recebeu uma complementação temporal como tentativa de aproximar a alternativa à categoria tempo, proposta inicialmente. As alterações feitas nas alternativas podem ser vistas na Tabela 5.

Na Tabela 6, apresenta-se as modificações feitas na notícia “Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio” após a primeira avaliação dos juízes.

Tabela 6. Alterações feitas nas alternativas da notícia 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio, após a primeira avaliação

A) Alexandre chegou ao prédio 10 minutos depois do desabamento.	A) Alexandre chegaria ao prédio 10 minutos depois do desabamento e não sofreria o acidente.
B) Alexandre não conseguiu falar com o amigo pelo celular e não foi encontrado pelos bombeiros.	B) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.
C) O amigo de Alexandre não o colocou para falar com os bombeiros e ele não foi encontrado com vida.	C) Os bombeiros ignorariam o chamado de Alexandre.
D) Alexandre era gordinho e não conseguiu passar pela fenda dos cabos do elevador.	D) Alexandre não teria conseguido passar pela fenda dos cabos do elevador e os bombeiros levariam mais tempo para tirá-lo de lá.

Na notícia 5 (Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio), não foi preciso alterar a alternativa “A”, por haver 80% de concordância entre juízes e com a proposta inicial. A alternativa “B” foi totalmente reformulada, para representar a categoria ação/inação. A alternativa “C” foi reformulada para se enquadrar na categoria obrigação. Em relação à alternativa “D”, foi feita uma readequação para aproximar à categoria de evento não usual. Além disso, os juízes indicaram que a palavra “gordinho” fosse retirada da última alternativa. As mudanças feitas podem ser vistas na Tabela 6.

Como dez, das 16 alternativas propostas (sem contar as alternativas de “A vida após o corredor da morte”, que foi eliminada do material) precisaram ser reformuladas para chegar a um melhor índice de concordância entre juízes, foi necessária a realização de uma nova avaliação das alternativas que foram reformuladas.

Resultados e discussão da segunda avaliação dos juízes

Para a segunda avaliação, foi requisitado aos juízes que reavaliassem as questões que não haviam obtido o índice de concordância satisfatório e também que fizessem sugestões nos textos das notícias. Além disso, o material sofreu modificações na estrutura das perguntas como um todo, já que não haveria mais notícias apenas com questões abertas. Assim, todas as notícias do material foram seguidas de perguntas abertas sobre pensamentos que ocorreram durante a leitura e possíveis modificações no curso das ações das notícias, bem como uma questão seguida por alternativas de modificação da notícia.

Na Tabela 7 estão apresentados os resultados da análise de concordância da segunda avaliação dos juízes quanto aos aspectos da realidade contidos nas alternativas das notícias.

Tabela 7. Segunda avaliação das alternativas quanto aos aspectos da realidade

NOTÍCIA	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 2	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
Dilema da montanha	A	Evento não usual	-	-
	B	Ação/Inação	-	-
	C	Obrigação	-	-
	D	Tempo	80%	Sim
Renascido para viver	A	Ação/Inação	-	-
	B	Tempo	80%	Sim
	C	Obrigação	100% ^e	Não
	D	Evento não usual	20%	Sim
O encantador de plateias	A	Obrigação	60% ^e	Não
	B	Evento não usual	20%	Sim
	C	Tempo	100%	Sim
	D	Ação/Inação	-	-
Celular e elevador	A	Tempo	-	-
	B	Ação/Inação	60%	Sim
	C	Obrigação	40%	Sim
	D	Evento não usual	20%	Sim

^aAção/Inação, ^bObrigação, ^cEvento não usual, ^dTempo, ^eCausa.

De acordo com a Tabela 7, das 10 alternativas reavaliadas pelos juízes (as que não precisaram ser reavaliadas estão representadas por um traço nas colunas de

concordância), sete não alcançaram o índice de concordância desejado em relação à classificação necessária para cada item. Além disso, uma alternativa apresentou índice satisfatório, mas não concordou com a alternativa proposta. Apenas a notícia 1 (Dilema da Montanha) alcançou índice satisfatório para todas as alternativas.

A Tabela 8 ilustra as modificações realizadas nas alternativas referentes à notícia 2 (“Renascido para viver”), após a segunda avaliação dos juízes.

Tabela 8. Alterações feitas nas alternativas da notícia 2 – Renascido para viver, após a segunda avaliação dos juízes

C) Os exames de doping teriam dado positivo e ele não poderia voltar a correr.	C) Os exames de doping teriam dado positivo e, desobedecendo às ordens do comitê esportivo, Lauro continuaria a correr.
D) Lauro teria ficado desanimado com a acusação de doping não teria participado de tantas corridas na França.	D) Lauro teria desistido do esporte e não teria participado de corridas na França.

Na Tabela 8 podem ser verificadas as alternativas antes e depois da segunda avaliação, com as readequações formuladas. Em relação à notícia 2 (Renascido para Viver), das três alternativas que foram avaliadas pela segunda vez, apenas uma apresentou índice de concordância satisfatório (B), lembrando que a alternativa “A” não precisou ser reavaliada. A alternativa “C” teve que ser reformulada para representar a categoria “obrigação” e a alternativa “D” precisou de uma readequação na escrita, para aumentar a probabilidade de alcançar o critério de 80% de concordância na próxima avaliação.

Para a notícia 3 (O Encantador de plateias), as alternativas “A” e “B” não alcançaram o índice satisfatório, também requerendo nova análise e readequação das alternativas nas categorias desejadas.

A Tabela 9 apresenta as modificações realizadas na notícia 3 (“O encantador de plateias”), após a segunda avaliação dos juízes.

Tabela 9. Alterações feitas nas alternativas da notícia 3 – O encantador de plateias, após a segunda avaliação dos juízes

A) Thomas seria aceito no conservatório musical, mesmo sem poder tocar piano e seguiria a carreira de cantor normalmente.	A) O conservatório musical não recusaria a entrada de Thomas que, mesmo sem poder tocar piano, seguiria a carreira de cantor normalmente.
B) Thomas se conformaria em não poder entrar na faculdade de música e continuaria fazendo direito.	B) Thomas se conformaria em não poder entrar na faculdade de música e continuaria fazendo direito.

As modificações que foram feitas nas alternativas da terceira notícia podem ser observadas na Tabela 9. A alternativa “A” recebeu um complemento para aumentar a probabilidade de ser classificada, em uma nova análise de juízes, na categoria obrigação, enquanto que, para a alternativa “B” não foram feitas modificações na sentença para se aproximar da categoria evento não usual. Para melhorar o índice de concordância, algumas definições e exemplos da tabela inicial entregue aos juízes foram reformulados, além disso, retirou-se da avaliação a categoria causa, que foi considerada presente em todas as alternativas.

Com relação à notícia 4 (“Celular e elevador salvaram ajudante de obras do desabamento no Rio”), apenas a alternativa “A” alcançou índice de concordância satisfatório na primeira avaliação, sendo que as alternativas “B”, “C” e “D” precisaram ser reelaboradas. A Tabela 10 apresenta as modificações realizadas na notícia 4 (“Celular e elevador salvaram ajudante de obras do desabamento no Rio”), após a segunda avaliação de juízes.

Tabela 10. Alterações feitas nas alternativas da notícia 4 – Celular e elevador salvaram ajudante de obras no Rio, após a segunda avaliação dos juízes

B) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.	B) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.
C) Os bombeiros ignorariam o chamado de Alexandre.	C) Os bombeiros, mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador , ignorariam o chamado de Alexandre.
D) Alexandre não teria conseguido passar pela fenda dos cabos do elevador e os bombeiros levariam mais tempo para tirá-lo de lá.	D) O prédio não desabaria durante a reforma e tudo estaria normal.

Na Tabela 10, pode-se perceber as modificações realizadas nas alternativas que não alcançaram índice de concordância satisfatório na segunda avaliação dos juízes. A alternativa “B” obteve um índice de 60% de concordância para a categoria desejada (ação/inação) e, portanto, optou-se por ser mantida a mesma frase para a terceira avaliação (lembrando que algumas instruções e exemplos foram readequados para a terceira avaliação). A alternativa “C” recebeu um complemento (“mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador”), para enfatizar a categoria obrigação. A Alternativa “D” havia apresentado um índice de concordância muito baixo (20%) na segunda avaliação e, por isso, foi totalmente reformulada para representar a categoria “evento não usual”.

Posteriormente à primeira avaliação dos juízes foram inseridos, no material, dois cenários/ estórias adaptados dos estudos de McCloy e Byrne (2000) e Juhos *et al.* (2003), com o objetivo de levar aos participantes situações já analisadas por outros autores e que pudessem representar ações vivenciadas por eles no dia a dia. Esses dois cenários substituíram duas notícias (“Maratonista perde medalha após admitir ter pegado ônibus durante a corrida” e “Mãe morre após salvar filha em carrinho preso em trilho de trem” – ANEXO 4) que inicialmente faziam parte do material, mas que não continham alternativas previamente formuladas para serem escolhidas pelos

participantes. Os cenários estão no ANEXO 5. As alternativas de modificação da realidade foram formuladas especificamente para esse estudo, sendo adaptada apenas a descrição dos cenários. Assim, os juízes também fizeram a avaliação desses dois cenários, realizando o mesmo procedimento já conhecido por eles, ou seja, classificando as alternativas quanto ao aspecto da realidade modificado na sentença.

Na Tabela 11, ilustra-se o resultado da avaliação dos juízes para os dois novos cenários, inseridos no material após a primeira avaliação.

Tabela 11. Avaliação das alternativas propostas para os cenários adaptados de McCloy e Byrne (2000) e Juhos et al. (2003)

CENÁRIO	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 1	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
A tentação	A	Ação/Inação	80%	Sim
	B	Obrigação	80%	Sim
	C	Tempo	40%	Sim
	D	Evento não usual	60%	Não
No caminho de casa	A	Tempo	60%	Sim
	B	Obrigação	80%	Sim
	C	Evento não usual	60%	Sim
	D	Ação/inação	80%	Sim

A Tabela 11 demonstra os índices de concordância para as alternativas dos dois cenários retirados da literatura. Pode-se perceber que quatro alternativas tiveram que ser readequadas e requisitaram uma nova avaliação, duas do primeiro cenário (C e D) e duas do segundo cenário (A e C).

A Tabela 12 apresenta as modificações feitas nas alternativas do cenário 1 (“A tentação”), adaptado do estudo de Juhos *et al.* (2003), após a avaliação dos juízes.

Tabela 12. Alterações feitas nas alternativas do cenário 1, após a avaliação dos juízes

A) Eu não teria ido à festa e nem conheceria o João.	A) Eu não teria ido à festa e nem conheceria o João.
B) Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga.	B) Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga.
C) Eles não teriam combinado de ir ao cinema antes da festa e eu me sentiria menos mal com a situação.	C) João me convidaria para sair antes da minha amiga contar que estava apaixonada por ele.
D) Eu não teria saído com minha amiga.	D) Eu não teria saído com minha amiga, como sempre fazia, e não teria conhecido João.

Como pode ser observado, apenas as alternativas C e D do cenário “A tentação” precisaram ser readequadas para se enquadrar nas classificações propostas e aumentar o índice de concordância entre juízes. A Alternativa “C” foi reformulada para se enquadrar na categoria tempo e a “D” recebeu um complemento para enfatizar a categoria evento não usual (“como sempre fazia, e não teria conhecido o João”).

A Tabela 13 apresenta as readequações feitas nas alternativas que não alcançaram índice de concordância satisfatório entre juízes na primeira avaliação do cenário “No caminho de casa”.

Tabela 13. Alterações feitas nas alternativas do cenário 2 - No caminho de casa, após a avaliação dos juízes

A) Daniel sairia uma hora antes do trabalho e não pegaria a rua bloqueada por uma árvore.	A) Daniel sairia uma hora antes do trabalho.
B) Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital.	B) Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital.
C) Daniel resolveria pegar um caminho diferente naquele dia e não chegaria tarde em casa.	C) Daniel resolveria pegar um caminho diferente do habitual naquele dia e não chegaria tarde em casa.
D) Daniel não pararia o carro por causa do ataque de asma.	D) Daniel não pararia o carro por causa do ataque de asma.

Na Tabela 13, pode-se comparar as alternativas do cenário 2 (“No caminho de casa”), antes e após as modificações feitas, em decorrência da avaliação dos juízes. Na alternativa “A”, optou-se por retirar a segunda parte da sentença, para dar mais ênfase ao aspecto temporal da alternativa. Na alternativa “C”, foi inserida a expressão diferente do habitual, para se aproximar mais da categoria não usual.

Como após a segunda avaliação sete alternativas das notícias e quatro alternativas dos cenários ainda não tiveram o índice de concordância satisfatório entre os juízes e com a proposta inicial, uma terceira avaliação foi necessária.

Resultados e discussão da terceira avaliação dos juízes

Para a terceira avaliação, a tabela de definições das categorias (aspectos de modificação da realidade) foi melhorada (ANEXO 6), com o intuito de aprimorar alguns exemplos e explicações fornecidos aos juízes. As modificações feitas na tabela foram destacadas em vermelho. Além disso, foi retirada da tabela de classificação dos juízes a categoria “causa”, por ser considerada categoria presente em todas as alternativas, o que poderia estar atrapalhando a avaliação dos juízes. Assim, foi requerido que os juízes avaliassem novamente apenas as alternativas que não alcançaram o índice de concordância satisfatório nas duas avaliações anteriores.

A Tabela 14 apresenta o índice de concordância entre juízes nas três avaliações realizadas na etapa de análise do material.

Tabela 14. Índice de concordância das alternativas analisadas pelos juízes nas três avaliações

ESTÓRIA	ALTERNATIVA	CLASSIFICAÇÃO PROPOSTA	AVALIAÇÃO 1		AVALIAÇÃO 2		AVALIAÇÃO 3	
			Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta	Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta	Concordância entre juízes	Concordância com a classificação proposta
A Tentação	A	Ação/Inação	-	-	80%	Sim	-	-
	B	Obrigação	-	-	80%	Sim	-	-
	C	Tempo	-	-	40%	Sim	100%	Sim
	D	Evento não usual	-	-	60% ^e	Não	100%	Sim
No caminho de casa	A	Tempo	-	-	60%	Sim	100%	Sim
	B	Obrigação	-	-	80%	Sim	-	-
	C	Evento não usual	-	-	60%	Sim	100%	Sim
	D	Ação/inação	-	-	80%	Sim	-	-
Dilema da montanha	A	Evento não usual	80%	Sim	-	-	-	-
	B	Ação/Inação	80%	Sim	-	-	-	-
	C	Obrigação	80%	Sim	-	-	-	-
	D	Tempo	80% ^a	Não	80%	Sim	-	-
Renascido para viver	A	Ação/Inação	80% ^a	Não	80%	Sim	-	-
	B	Tempo	60%	Sim	80%	Sim	-	-
	C	Obrigação	60%	Sim	100% ^e	Não	80%	Sim
	D	Evento não usual	40%	Sim	20%	Sim	20%	Sim
O encantador de plateias	A	Obrigação	60% ^a	Não	60% ^e	Não	40%	Sim
	B	Evento não usual	60%	Sim	20%	Sim	40%	Sim
	C	Tempo	60% ^c	Não	100%	Não	-	Sim
	D	Ação/Inação	100%	Sim	-	Sim	-	-
Celular e elevador	A	Tempo	80% ^d	Sim	-	Sim	-	-
	B	Ação/Inação	20%	Sim	60%	Sim	100%	Sim
	C	Obrigação	100% ^e	Não	40%	Não	80%	Sim
	D	Evento não usual	20%	Sim	20%	Sim	60%	Sim

^aAção/Inação, ^bObrigação, ^cEvento não usual, ^dTempo, ^eCausa.
Faccioli, Justino & Schelini, 2012.

Apesar das adequações feitas nas alternativas e nas instruções, algumas alternativas continuaram não alcançando o índice de concordância desejado, como é o caso da alternativa “D” da notícia “Renascido para viver”, duas alternativas de “O encantador de plateias” (“A” e “B”) e da alternativa “D” da notícia “Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”. Os resultados das três avaliações podem ser verificados e comparados na Tabela 14.

Como não havia mais tempo para uma quarta avaliação, optou-se por retirar do material final a notícia “O encantador de plateias”, por apresentar ainda duas alternativas não concordantes. Em relação às outras duas alternativas que não alcançaram o índice de concordância (“D” de Renascido para viver e “D” de Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio), foram incluídas expressões que enfatizam o caráter não usual das sentenças, como “Diferente do que fez...” no início da sentença “Lauro teria desistido do esporte e não teria participado de corridas na França” e “Como deveria ser...” no início da sentença “O prédio não desabaria durante a reforma e tudo estaria normal”. A partir daqui, as notícias e cenários serão chamados de estórias, para facilitar a compreensão. As estórias que compuseram a versão final do material podem ser observadas no Quadro 1.

Estória	Título	Fonte
1	A Tentação	Juhos <i>et al.</i> (2003).
2	No caminho de casa	McCloy e Byrne (2000).
3	Dilema da montanha – adaptada da	Miranda (2011). Revista Superinteressante -Edição especial (dezembro).
4	Renascido para viver	Miranda (2011) Revista Superinteressante - Edição especial (dezembro).
5	Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio	http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/01 .

Quadro 1. Estórias presentes na versão final do material.

As versões finais das histórias e do material podem ser verificadas nos ANEXOS 7 e 8, respectivamente.

Considerações finais sobre o estudo 1

De acordo com Faccioli, Justino & Schelini, 2012, a análise dos juízes possibilitou um refinamento no material, tanto no que se refere às histórias em si, quanto na adequação das alternativas em relação ao aspecto a que deveriam se referir. Assim, após três análises, e sem contar a história “O encantador de plateias”, retirada do material final, quase todas as alternativas (exceção de duas), tiveram índices de concordância entre juízes superiores a 80% em relação ao aspecto da realidade que estavam modificando. As alternativas que não alcançaram o índice de concordância desejado, não puderam ser avaliadas mais uma vez devido ao prazo de finalização do material, sendo apenas aperfeiçoadas com expressões que ressaltavam o aspecto desejado. Com a análise de concordância entre juízes, o material poderá ser apresentado a participantes, de modo que seja possível verificar quais aspectos da realidade mais tendem a ser modificados por eles.

A substituição de duas histórias por dois cenários já utilizados em estudos anteriores (McCloy & Byrne, 2000; Juhos *et al.*, 2003) fez-se necessária na medida em que se constatou a importância de apresentar aos participantes relatos mais próximos de seu cotidiano, que facilitassem o exercício da empatia, de forma que o participante conseguisse se colocar no lugar do personagem com mais facilidade. Vale dizer que optou-se por utilizar cenários fictícios ao invés de autorrelatos dos participantes como um cuidado ético, considerando que pessoas com depressão pudessem ficar muito sensíveis ao lembrar fatos de sua vida que gostariam que tivesse sido diferentes e, ainda, pelo desconhecimento de qual seria a função do pensamento contrafactual para

essas pessoas, o que poderia evocar sentimentos negativos, não funcionais e de difícil manejo em um único encontro com a pesquisadora.

Dessa forma, o material final consistiu de duas estórias mais próximas da realidade dos participantes e três estórias sobre a superação de dificuldades reais.

Com o uso das estórias, seguidas de questões abertas e de múltipla escolha a respeito dos fatos relatados, pretende-se acessar pensamentos contrafactuais a respeito das estórias que, por meio de comparação entre grupos, podem ajudar no entendimento desse tipo de pensamento.

CAPÍTULO 4: ESTUDO 2 - COMPARAÇÃO ENTRE O PENSAMENTO CONTRAFACTUAL DE PESSOAS COM INDICATIVOS DE DEPRESSÃO E PESSOAS SEM INDICATIVOS DE DEPRESSÃO

Roesse & Olson (1995) relatam que a depressão e outros estados de disforia podem estar associados a pensamentos não funcionais ou até mesmo disfuncionais, ou seja, pensamentos ruminativos em que, geralmente, essa população se engaja (APA, 2002; Beck, 1997; Roesse & Olson, 1995).

De acordo com Markman *et al.* (2010), alguns trabalhos na área têm sugerido que pensamentos contrafactuais ascendentes podem ser menos funcionais para indivíduos que sofrem de depressão. Um estudo recente buscou relacionar a abordagem cognitiva da depressão com a literatura do pensamento contrafactual, partindo da ideia de que esse tipo de pensamento pode manter ou agravar sintomas depressivos (Juhos, Quelhas & Senos, 2003). Os autores avaliaram a sensação de preparação, a percepção de controle e sentimentos disfóricos de pessoas com e sem depressão. Para tanto foram recrutados 105 estudantes universitários, de nível socioeconômico médio e médio-alto, com idade entre 18 e 34 anos. O nível de depressão foi medido pelo BDI, sendo que pessoas com escore entre zero e cinco compuseram o grupo de não depressivos e pessoas com escore maior que 16 compuseram o grupo de depressivos.

Os participantes entraram em contato com um cenário adaptado do estudo de Niendenthal, Tangney e Gavanski (1994, citado em Juhos *et al.*, 2003). O cenário foi adaptado para ambos os sexos e envolvia uma estória de traição, em que uma pessoa passa o número de telefone para o paquera do(a) amigo(a). O experimento apresentava duas condições de instrução: a condição contrafactual e a condição factual. Na condição contrafactual, era dada a instrução para que o participante pensasse e escrevesse o primeiro pensamento do que poderia ter sido diferente em relação a si, a seus comportamentos ou às circunstâncias para que a estória tivesse um fim diferente. Os

pensamentos contrafactuais eram solicitados de uma forma explícita, ou seja, após uma breve explicação sobre a frequência em que ocorrem pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra forma, para garantir que os participantes gerassem esse tipo de pensamento. Na condição factual, a instrução pedia para que o participante elaborasse um resumo sintético do cenário. Por fim, foi requisitado que o participante respondesse a um instrumento para avaliar a sensação de controle, preparação, culpa e vergonha diante dos acontecimentos do cenário (Juhos *et al.*, 2003).

Os resultados foram codificados segundo quatro critérios: alvo da mutação (se era modificada uma característica estável da personalidade, uma característica passageira da personalidade, comportamentos específicos ou características da situação); a quem se referia à mutação (auto ou heterorreferente); forma do pensamento contrafactual (ascendente ou descendente); e estrutura (aditiva ou subtrativa). Os resultados apontaram que o nível de depressão não altera significativamente o padrão de alteração nos cenários. Notou-se que pessoas sem depressão apresentaram maior número de modificações se referindo a uma característica passageira da personalidade (24%), do que no grupo de pessoas com depressão (em que não apareceu essa mutação). Um dado interessante refere-se ao foco de mutação. Apesar de aparecer em poucos casos, apenas participantes com depressão apresentaram foco de mutação em outra pessoa (heterorreferente). Todos os pensamentos contrafactuais se enquadraram na direção ascendente e 83,67% dos pensamentos apresentaram estrutura subtrativa, enquanto que 16,32% estrutura aditiva. Não foram observadas diferenças na estrutura de pensamento dos dois grupos.

Relacionando o nível de depressão com o tipo de pensamento contrafactual gerado, encontrou-se que, independente do nível de depressão, as pessoas sentem-se mais preparadas quando geram pensamentos contrafactuais do que quando pensam de

forma factual sobre o cenário apresentado. Percebeu-se também que o efeito do nível de depressão em relação à percepção de controle não foi significativo, o que confirma a hipótese dos autores de que as pessoas com depressão não percebem um controle maior sobre a situação quando comparadas com as pessoas sem depressão. Para Juhos *et al.* (2003), os resultados de seu estudo levam a pensar que o pensamento contrafactual possa ser útil no tratamento clínico de pessoas com depressão, já que não se observou aumento de afeto negativo ou diferença na percepção de preparação para o futuro entre os dois grupos de comparação, ou seja, o uso clínico do pensamento contrafactual não apresentaria consequências negativas na evolução do quadro de pacientes depressivos.

Outro estudo semelhante procurou avaliar a função do pensamento contrafactual na depressão (Quelhas *et al.*, 2008). Para tal, foram realizados dois experimentos com estudantes universitários. No primeiro experimento, os autores usaram três diferentes cenários para induzir o pensamento contrafactual (PC), de forma a avaliar se esses pensamentos poderiam ser moderados pelo contexto da história. O objetivo principal era comparar os PCs de pessoas depressivas e não depressivas e suas consequências afetivas e cognitivas. Em cada cenário, os participantes realizavam duas diferentes tarefas: listar o pensamento e avaliar a tarefa.

Na tarefa de listar o pensamento, os participantes escreviam seus pensamentos sobre como as coisas poderiam ter sido se algo tivesse acontecido de forma diferente. Na tarefa de avaliação, os participantes respondiam questões sobre a percepção de controle na situação, a forma ou direção do PC, o afeto associado ao PC, a preparação para uma situação similar no futuro e a percepção da valência do resultado (Quelhas *et al.*, 2008). Os resultados obtidos do primeiro experimento demonstraram

um estilo no pensamento contrafactual (direção⁶, estrutura e foco de mutação) semelhante em ambos os grupos. Além disso, os autores apontam que uma percepção de preparação para situações futuras aumentaram após a geração de pensamentos contrafactuais, que também foi observada nos dois grupos.

No segundo experimento, os autores substituíram os cenários por situações reais, sendo que os participantes eram convidados a pensar de forma contrafactual sobre algo que aconteceu com eles depois que receberam uma nota ruim em um exame. Uma das condições para participar do estudo era ter tido uma nota ruim em um teste acadêmico. O objetivo deste segundo estudo era analisar se o estado de humor depressivo e não depressivo em alguns participantes alteravam o efeito do pensamento contrafactual em relação a emoções, cognições e comportamento. A coleta de dados foi feita imediatamente após os estudantes receberem as notas do exame. Dessa forma, os participantes escreviam cinco pensamentos espontâneos relacionados ao resultado negativo e, em seguida, eram levados a pensar de forma contrafactual sobre como esse resultado poderia ter sido diferente. Nessa fase de coleta também eram avaliados sentimentos e emoções dos participantes, além da medida de intensidade de intenção de realizar comportamentos preventivos, ou seja, buscar formas de melhorar a nota em próximos exames. Uma semana depois, foi avaliado se comportamentos preventivos realmente ocorreram (Quelhas *et al.*, 2008).

Os resultados, obtidos por meio do segundo experimento, permitiram avaliar os grupos quanto à geração de pensamentos contrafactuais espontâneos. Participantes não depressivos demonstraram maior tendência a gerar pensamentos contrafactuais quando questionados sobre cinco pensamentos espontâneos a respeito do evento negativo que haviam vivenciado. Outro achado interessante diz respeito a emoções

⁶ A denominação direção do estudo de Quelhas *et al.* (2008) se refere a classificação quanto a forma do presente estudo, ou seja, os autores optaram por utilizar o termo direção para se referir ao aspecto ascendente ou descendente do pensamento contrafactual.

geradas após o pensamento contrafactual. Quelhas *et al.* (2008) encontraram mais afetos negativos associados a pensamentos contrafactuais ascendentes do que em relação a pensamentos contrafactuais descendentes, o que corrobora com os dados da literatura. Um último resultado importante contraria a literatura a respeito de pensamento contrafactual e da depressão, mostrando que tanto participantes com depressão, quanto sem depressão apresentaram pensamentos contrafactuais com função preparatória.

Por fim, os autores concluem que o uso de situações reais possibilita perceber aspectos funcionais do pensamento contrafactual na depressão. Participantes depressivos não apenas apresentaram falta de benefícios cognitivos por pensarem contrafactualmente, assim como uma falta de mudanças comportamentais no sentido de intenção de melhora. Mesmo após identificarem a causa de seu mau resultado e como melhorar no futuro, participantes com depressão não se beneficiaram do sentimento de preparação para modificar seu comportamento (Quelhas *et al.*, 2008).

Para concluir, é possível conceber que pensamentos contrafactuais apresentam-se como uma importante forma de simulação mental, que apresenta funções cognitivas significativas que podem afetar o funcionamento social do indivíduo. As pessoas tendem a imaginar o que poderia ter acontecido para tentar prevenir maus resultados no futuro e sentir-se melhor com situações ocorridas (Byrne, 2002). Geralmente, são repensados eventos controláveis e intencionais, excepcionais, recentes ou que sejam percebidos como razão de determinadas consequências (Byrne, 2002, 2005). Diante de indivíduos que apresentem alguma disfunção no âmbito cognitivo e social, como pessoas com depressão, a forma e função desse tipo de pensamento podem ser uma forma importante de regular pensamentos disfuncionais. O pensamento contrafactual parece ser benéfico para eventos que têm potencial para se repetirem,

porque podem estimular uma ação corretiva e reduzir a intensidade de arrependimento (Markman *et al.*, 2009).

Tendo em vista alguns sintomas depressivos, como o agravamento de sentimentos como culpa, inutilidade e baixa autoestima (OMS, 1993), a constante ruminação de pequenos erros do passado e a má interpretação de eventos cotidianos (APA, 2000), faz-se importante acessar o pensamento de pessoas com depressão e entender se pensamentos contrafactuais podem ser usados como possíveis ferramentas em intervenções clínicas.

A seguir, será descrito o método do segundo estudo que pretendeu comparar o pensamento contrafactual de pessoas com e sem indicativos de depressão.

OBJETIVOS DO SEGUNDO ESTUDO

O segundo estudo teve como objetivo:

(a) investigar se há diferenças no estilo de pensamento contrafactual de pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão, considerando a estrutura (aditiva, subtrativa e substitutiva), a forma (ascendente ou descendente), o alvo da mudança (autorreferente e heterorreferente) e os aspectos da realidade mais modificados de acordo com a literatura (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual).

MÉTODO

Participantes

Participaram do segundo estudo 42 adultos, de ambos os gêneros que pertenciam a um de dois grupos: um formado por 21 participantes com indicativos de depressão e outro formado por 21 sem indicativos de depressão.

Em relação aos participantes com indicativo de depressão, a idade dos respondentes variou de 23 a 58 anos, com média de 43,5 anos. Dentre os 21 participantes, 18 eram do sexo feminino e três do sexo masculino.

No grupo sem indicativos de depressão, a idade variou de 22 a 59 anos, com média de 43,04 anos, sendo que 18 eram do gênero feminino e três do masculino.

O nível de escolaridade da amostra variou de fundamental incompleto a superior completo, como pode ser visto na Tabela 15.

Tabela 15. Grau de escolaridade da amostra total

Grau de escolaridade	Participantes com indicativos de depressão	Participantes sem indicativos de depressão	Total
Fundamental incompleto	4	2	6
Fundamental completo	0	2	2
Médio incompleto	1	1	2
Médio completo	4	4	8
Superior incompleto	4	4	8
Superior completo	8	8	16

De acordo com a Tabela 15, pode-se observar um maior número de participantes (N=8) com grau superior completo, em ambos os grupos de comparação, e um menor número de participantes com fundamental completo (nenhum no grupo com indicativos de depressão e dois no grupo sem indicativos de depressão) e ensino médio incompleto (um participante para cada grupo).

Parte da amostra do grupo com indicativos de depressão (11 participantes) foi composta de pessoas atendidas em uma unidade de saúde escola de uma cidade do interior do estado de São Paulo, previamente diagnosticadas com depressão ou em tratamento por queixa de depressão. Dos participantes indicados pelos técnicos, 4 se recusaram a participar da pesquisa ou não compareceram nos dias agendados. Quatro participantes foram indicados por psicólogos clínicos, após prévia autorização dos

mesmos. Os seis participantes restantes foram encontrados na amostra de conveniência, tendo pontuado mais do que 12 no Inventário Beck de Depressão (BDI, Cunha, 2001). Todos os participantes, atendidos em clínicas ou indicados pela equipe do ambulatório, passaram pela (re) aplicação do Inventário Beck de Depressão (BDI, Cunha, 2001), como forma de assegurar a homogeneidade da composição da amostra. Também foi (re) aplicado o Inventário Beck de Ansiedade (BAI, Cunha, 2001). Vale dizer que no grupo de 21 participantes com indicativos de depressão, a média de pontuação no BDI foi 24,85 (D.P = 8,9; Mínimo = 12; Máximo = 48) e no BAI foi de 22,38 (D.P. = 9,8; Mínimo = 8; Máximo = 44). A pontuação média no BDI é indicativa de um grau moderado de depressão entre os 21 participantes. Para este grupo, o escore mínimo encontrado no BAI foi oito, que não indica ansiedade, porém a média aponta para um grau de ansiedade médio entre os participantes.

O grupo sem indicativos de depressão foi composto por uma amostra de conveniência, recrutados por meio de divulgação eletrônica e impressa, e a aplicação do BDI e do BAI foi utilizada como forma de constatar a ausência de sinais indicativos de depressão. Dessa forma, os indivíduos com escore igual ou menor que 11 compuseram a amostra de pessoas sem indicativos de depressão. Neste grupo, a média de pontuação no BDI foi 6,61 (D.P.= 3,29; Mínimo = 2; Máximo = 11) e no BAI foi 7,38 (D.P.= 5,03; Mínimo = 2; Máximo = 20). No BDI, o escore médio dos participantes (e mesmo o máximo) indica ausência ou nível mínimo de depressão. Quanto ao BAI, a pontuação média deste grupo indica ausência de ansiedade, porém um escore igual a 20 foi obtido por um dos participantes e é indicativo de ansiedade moderada.

Quanto à ingestão de medicamentos específicos para ansiedade e depressão, apenas participantes do grupo com indicativos de depressão relataram o uso desses medicamentos no período da coleta, sendo que dos 21 participantes do grupo com

indicativos de depressão, sete pessoas relataram tomar antidepressivos e ansiolíticos (os medicamentos apontados foram: *diazepam, vilafaxina, certralina, rivotril, pristique, donarem, socian, donperidon, clonazepan, sertralina, fluoxetina e amitril*). Entre o grupo de pessoas sem indicativos de depressão, apenas um participante relatou tomar homeopatia para ansiedade.

Local

A pesquisa foi realizada em salas adequadas para a coleta de dados, localizadas na instituição de saúde ou na própria residência dos participantes, sendo, em ambos os casos, ambientes silenciosos, com boa ventilação e luminosidade, com garantia de privacidade e de não interrupção do procedimento.

Materiais

Os materiais utilizados foram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, para participantes usuários da unidade de saúde (com indicativos de depressão) e para participantes da amostra de conveniência, sem indicativos de depressão (ANEXOS 9 e 10, respectivamente), uma entrevista semiestruturada contendo questões de identificação (nome, idade, local de nascimento, profissão, uso de medicamento – no caso de pacientes depressivos – ver ANEXO 11), o Inventário Beck de Depressão (BDI – Cunha, 2001) e o Inventário Beck de Ansiedade (BAI – Cunha, 2001).

Além disso, foi utilizado o material elaborado no Estudo 1, contendo cinco estórias e questões a respeito das mesmas. Essas questões eram compostas de perguntas abertas sobre pensamentos referentes à estória lida e quatro alternativas de múltipla escolha, contendo modificações nos fatos das estórias. As versões finais das estórias e do material utilizado podem ser verificadas nos ANEXOS 7 e 8, como já foi indicado anteriormente.

A título de ilustração, será apresentada no Quadro 2 a primeira estória (A Tentação, adaptada do estudo de Juhos *et al.*, 2003) com suas respectivas questões abertas e alternativas de modificação da realidade. Vale lembrar que para as demais estórias, o que variou foram apenas as alternativas de modificação da realidade, já que estas se referiam aos conteúdos de cada estória.

ESTÓRIA 1: A Tentação
<p>Uma grande amiga sua, que é um pouco tímida com rapazes, te convida para ir com ela e com um rapaz, o João, a uma festa. Como de costume, você aceita o convite. Ultimamente, sua amiga e João estão passando muito tempo juntos, porém, esta foi a primeira vez que eles combinaram de sair à noite. Antes de saírem, sua amiga te conta que está perdidamente apaixonada por ele.</p> <p>Durante a festa, você percebe que João é muito atraente e, além disso, está interessado em você, e isso te agrada muito. No fim da noite, sem pensar, você passa o seu número de telefone para ele. Quando chega o fim de semana, João telefona e te convida para jantar. Você acaba aceitando o convite. Pouco antes de você sair de casa, sua amiga telefona e conta chorando que João evitou falar com ela durante toda a semana e cancelou a ida ao cinema que haviam combinado antes da festa porque tinha muita coisa para fazer.</p> <p style="text-align: right;">Adaptada de Juhos, C.; Quelhas, A. C.; Senos, J (2003).</p>
QUESTÕES - ESTÓRIA 1
<p>1) Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo?</p> <p>2) Imagine se essa situação acontecesse com você. As pessoas, após passarem por situações como essas, têm, frequentemente, pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira. Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a estória tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?</p>
ALTERNATIVAS - ESTÓRIA 1
<p>3) Ainda se colocando no lugar da narradora, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? <u>Escolha apenas uma alternativa.</u></p> <p>a) Eu não teria ido à festa e nem conheceria o João.</p> <p>b) Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga.</p> <p>c) João me convidaria para sair antes da minha amiga contar que estava apaixonada por ele.</p> <p>d) Eu não teria saído com minha amiga, como sempre fazia, e não teria conhecido João.</p>

Quadro 2. Exemplo de uma estória com suas respectivas questões abertas e alternativas de múltipla escolha.

O Inventário Beck de Depressão – BDI (Cunha, 2001) – é um instrumento de autorrelato com 21 itens de múltipla escolha, que avalia sintomas comumente presentes na depressão, como tristeza, pessimismo, sentimento de fracasso, insatisfação, culpa, punição, autoaversão, autoacusações, ideias suicidas, choro, irritabilidade, retraimento social, indecisão, mudança na autoimagem, dificuldade de trabalhar e sintomas físicos como fadiga, perda de apetite, perda de peso, insônia, perda da libido e preocupações somáticas (Cunha, 2001). A pontuação do instrumento pode variar entre diferentes graus de depressão, sendo que pontuações entre 0-11 indicam nível mínimo de depressão, entre 12-19 nível leve, entre 20-35 nível moderado e de 36 a 63 nível grave (Cunha, 2001).

Dada a alta comorbidade entre os transtornos depressivos e transtornos de ansiedade (Teixeira, 2001; Teng, Humes & Demetrio, 2005) também foi utilizado o BAI, para avaliar o grau de ansiedade dos participantes da pesquisa, sendo este um instrumento de autorrelato, que busca avaliar sintomas comuns em transtornos de ansiedade por meio de 21 itens. A presença de cada sintoma deve ser avaliada por quem responde a esse instrumento de acordo com a percepção de incômodo causado no período de uma semana, incluindo o dia em que a avaliação foi realizada. Os escores entre o intervalo de zero a 10 pontos indicam um nível de ansiedade mínimo, resultados entre 11 e 19 pontos indicam ansiedade leve, o intervalo de 20 a 30 pontos, apresentam indicativos de um nível moderado de ansiedade e, por último, o nível grave de ansiedade é indicado por escores que estão entre o intervalo de 31 a 63 pontos (Cunha, 2001).

Procedimento

A seleção dos participantes com depressão foi feita por meio de indicações da equipe de uma unidade de saúde escola localizada no interior do estado de São Paulo

e contato com psicólogos clínicos da cidade. Inicialmente foi feita uma conversa individual com as psicólogas, explicando como seria feita a pesquisa e como deveria ser feito o contato com os pacientes dentro do perfil da amostra (com diagnóstico ou queixa de depressão, com idade entre 21 e 60 anos). A partir de então, cada psicóloga conversou com os possíveis participantes, verificando o interesse e perguntando se a pesquisadora poderia entrar em contato para agendar um horário. Após aceitação dos participantes, foram marcados encontros individuais com previsão de uma hora de duração. Para a maioria dos participantes foi realizado apenas um encontro. Apenas para dois participantes a coleta foi feita em dois encontros de uma hora cada.

No encontro foram apresentados: o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, a entrevista semiestruturada com perguntas para identificação e contato inicial, bem como os Inventários Beck de Ansiedade (BAI) e de Depressão (BDI). Em seguida, foram lidas as histórias, em voz alta com os participantes. Após cada história, eram feitas oralmente perguntas a respeito das mesmas, envolvendo pensamentos a respeito do conteúdo lido. No Quadro 3, podem ser verificadas as perguntas que foram feitas aos participantes após a leitura de cada história.

1) Enquanto você lia a história, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo?
2) Imagine se essa situação acontecesse com você. As pessoas, após passarem por situações como essas, têm, frequentemente, pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira. Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a história tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?
3) Ainda se colocando no lugar <i>do personagem</i> , qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? <u>Escolha apenas uma alternativa.</u>

Quadro 3. Questões feitas aos participantes após a leitura de cada história.

As questões eram lidas em voz alta para os participantes, sendo que o preenchimento dos materiais (anotações, escrita das respostas dos participantes) foi feito pela autora. A questão 3 continha as alternativas de modificação da realidade que foram previamente formuladas para cada estória e avaliadas pelos juízes no Estudo 1.

A pesquisadora sempre verificava se o participante tinha clareza quanto ao procedimento antes de seguir adiante. Quando o participante expressava alguma emoção mais forte, a pesquisadora perguntava se estava tudo bem e se gostaria de interromper, ressaltando que a interrupção não acarretaria em problema para ele.

RESULTADOS DO ESTUDO 2

A apresentação dos resultados obedecerá a ordem das questões feitas para as estórias, conforme apresentado no Quadro 2 da seção procedimentos. Assim, primeiramente serão apresentados os dados referentes à primeira questão (Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo?). Sempre que esta primeira questão for capaz de evocar pensamentos contrafactuais dos participantes, tais pensamentos foram devidamente analisados. Em seguida, serão descritas as informações referentes à segunda questão (“Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a estória tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?”). Por último, serão descritos os dados referentes à escolha de alternativas para a modificação de cada estória.

Vale dizer que as respostas dos participantes às perguntas abertas (questões 1 e 2) foram lidas e categorizadas para os grupos com e sem indicativos de depressão. O processo de categorização foi fundamentado nas propostas de Bardin (2009) para a

análise de conteúdo de respostas. Esta autora sugeriu a importância de uma primeira leitura flutuante de todas as respostas, de forma que as categorias comecem a ser formuladas. Além da leitura flutuante, e junto a ela, a teoria pode ser tomada como principal fonte para a formulação de categorias. Ressalta-se que as categorias reúnem respostas que tenham algo em comum e que sejam diferentes das demais categorias propostas.

No que se refere mais especificamente às respostas que dizem respeito aos pensamentos contrafactuais (e evocáveis pelas questões 1 e 2), a formulação das categorias foi baseada nos aspectos do pensamento contrafactual mais presentes na literatura: forma (ascendente ou descendente), estrutura (aditivo, subtrativo ou substitutivo), direção (auto e hetero direcionados) e aspectos da realidade aos quais a modificação se referia (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual). Assim, os seguintes critérios fundamentaram a análise das respostas no sentido de relacioná-las às categorias definidas pela literatura:

- Quanto à forma:

- Ascendente: uma resposta foi considerada como ascendente quando a modificação nos fatos da estória alterava seu resultado para melhor.
- Descendente – quando a modificação nos fatos da estória alterava seu resultado para pior.

- Quanto à estrutura:

- Aditiva - quando havia, na resposta, uma adição de qualquer elemento que não estivesse presente na estória;
- Subtrativa – quando havia remoção de um elemento que estivesse presente na estória.

- Substitutiva – quando o participante propusesse a substituição de um elemento por outro.

- Quanto ao alvo de mudança:

- Autorreferente – quando a modificação se referisse a algo próprio da personagem, que fosse possível dela modificar.

- Heterorreferente – quando a modificação se referisse a algo externo à personagem, impossível dela mesma modificar, ou seja, que não está no seu controle.

- Quanto ao aspecto da realidade:

- Ação/inação – quando a modificação feita pelo participante se referisse a uma ação que foi realizada ou que deixou de ser realizada pelo personagem da estória.

- Obrigação – quando a modificação se referisse a algum aspecto relacionado a normas ou padrões sociais.

- Tempo – quando a modificação se referisse a alguma passagem no tempo dos acontecimentos da estória.

- Evento não-usual – quando a modificação se referisse a algo fora do padrão normal de acontecimentos, que ferisse a rotina, o cotidiano do “personagem”.

Em relação às mesmas questões 1 e 2, que poderiam evocar pensamentos contrafactuais, as respostas foram consideradas como representativas do pensamento contrafactual quando apresentavam uma mudança nos fatos da estória, ou seja, pensamentos que buscassem uma alternativa para a situação vivenciada pelo narrador. Pensamentos que fizessem alguma constatação sobre os fatos, que revelassem sentimentos evocados pelo conteúdo ou que indicassem o que a pessoa faria após os fatos da estória, ou seja, que indicassem um desenrolar futuro da estória, não foram considerados contrafactuais.

Em relação ao aspecto da realidade, algumas respostas não apresentavam um aspecto isolado, sendo necessária a pontuação em mais de um aspecto da realidade.

Resultados referentes à questão 1 (“Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo?”)

As respostas à pergunta 1 (“Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo?”) foram divididas em categorias por meio da técnica de análise de conteúdo (Bardin, 2009). As categorias obtidas e consideradas para todas as estórias foram: admiração, se referindo a um pensamento de admiração de algum aspecto da estória; autorrevelação, quando o participante se referia a aspectos de sua própria vida; constatação, quando o participante apenas recontava algum aspecto da estória; empatia, quando o participante se colocava no lugar do personagem da estória; pensamento contrafactual, quando havia uma modificação em como as coisas aconteceram na estória; recriminação, quando o participante não concordava e recriminava alguma coisa na estória; sentimentos, quando o participante dizia como se sentiu com a estória; e outros, em que foram relacionados registros pouco frequentes nas cinco estórias. A categoria outros englobou aspectos religiosos, desenrolar da estória, suposições, inspiração e sorte. A Tabela 16 apresenta alguns exemplos relacionados a cada categoria.

Tabela 16. Exemplos das categorias a partir da fala dos participantes para a primeira questão

Categorias	Falas dos participantes
Admiração	"Que pessoa forte"; "Esse cara é guerreiro hein. Uma pessoa que dá para você ter orgulho, com tanta coisa que ele passou. Vale a pena ler estória desse tipo". (Estória 4)
Autorrevelação	"Sim. Me lembrou de mim. O começo lembra, depois vai mudando"; "Geralmente sou frio nessas horas" (Estória 1); "Passou... De eu saber do meu pai... Me lembrou meu pai e minha vida cheia de obstáculos e espinhos" (Estória 2).
Constatação	"O negócio é essa árvore no meio do caminho" (Estória 2); "o amigo caiu, quebrou a perna..." (Estória 3); "O telefone teve utilidade" (Estória 5).
Empatia	"Tentei me colocar na história" (Estória 1); "Fiquei pensando o que faria no lugar do Marcos, fiquei tentando imaginar" (Estória 3). "Me coloquei lá... Deus me livre" (Estória 5).
Pensamento Contrafactual	"“ Talvez eu não desse meu telefone” (Estória 1);” Teria ido embora direto" (Estória 2). "Cortaria a corda, mas pediria socorro. Não ia largar meu amigo lá, mas também não cairia junto, se não ninguém se salva." (Estória 3).
Recriminação	"Ela é uma traidora, traiu a amiga" (Estória 1); "Daniel não devia tomar cerveja antes de dirigir" (Estória 2); "Como que ele me deixa o outro lá na fenda? Amigo é amigo" (Estória 3).
Reflexão	"História interessante. Independente de qualquer circunstância, temos que ter responsabilidade" (Estória 2); "E que quando não é a hora a pessoa não morre" (Estória 3); "Ele mostrou que o ser humano nunca pode desistir" (Estória 4)
Sentimento	"Culpa, de não estar em casa naquela hora, se eu fosse o Daniel me sentiria culpada" (Estória 2); "Muita emoção, nossa..." (Estória 3); "A esperança renovou no meu coração" (Estória 4).
Outros	"Tentei construir. Imaginar as cenas" (Estória 2); "Só que a esposa ia brigar com ele por algum motivo" (Estória 2); "Veio um filme. No limite, fala a mesma coisa" (Estória 3); "O quanto a revista superinteressante é usada para pesquisas (também usada no ENEM)" (Estória 4); "Lembrei do cara, já tinha visto essa reportagem." (Estória 5).

A Figura 1 apresenta a frequência de respostas presentes em cada categoria para a Estória 1 ("A Tentação").

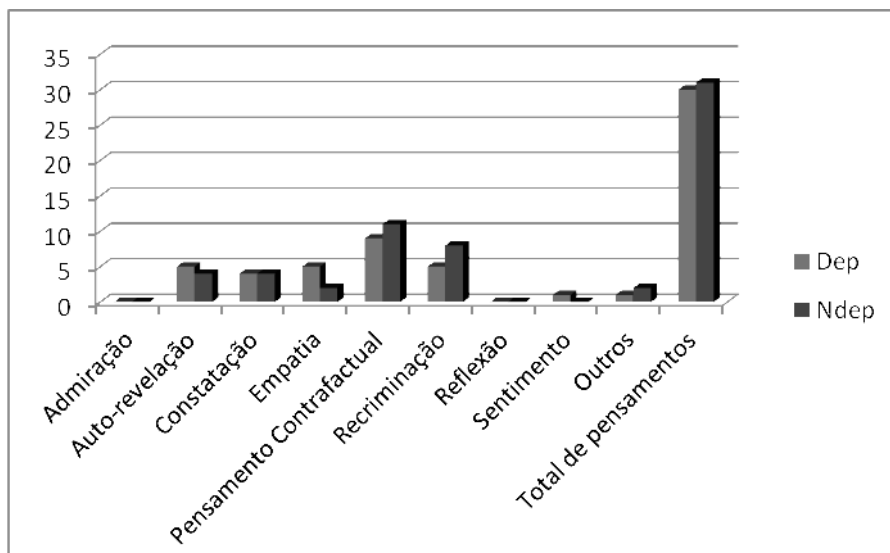


Figura 1. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 1 - A Tentação.

Pode-se verificar que tanto para o grupo de pessoas com indicativos de depressão (na figura: Dep), quanto para o grupo de pessoas sem indicativos de depressão (Ndep), a primeira estória pareceu favorecer os participantes a utilizar pensamentos contrafactuais espontaneamente (chamados neste texto de pensamentos contrafactuais espontâneos), sendo esta a categoria que apresentou maior número de respostas: nove para o grupo de participantes com indicativos de depressão e 11 para o grupo de participantes sem indicativos de depressão. A segunda categoria mais frequente na amostra pesquisada é a de recriminação.

A Tabela 17 apresenta os tipos de pensamento contrafactual (encontrados para a categoria pensamento contrafactual) gerados espontaneamente a partir da primeira questão feita para a primeira Estória (“A Tentação”).

Tabela 17. Pensamentos contrafactuais gerados espontaneamente a partir da Estória 1 – A Tentação

Tipos de PC	Categorias	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão
Forma	Ascendente	9	11
	Descendente	0	0
Estrutura	Aditiva	2	0
	Subtrativa	7	11
	Substitutiva	0	0
Direção	Auto	9	11
	Hetero	0	0
Aspectos da Realidade	Ação/Inação	9	11
	Obrigação	4	2
	Tempo	0	0
	Evento Não Usual	0	0

Na sua maioria, os pensamentos contrafactuais espontâneos evocados pela questão 1 apresentaram forma ascendente, estrutura subtrativa, autoreferentes e modificaram um aspecto referente a uma ação. O padrão de pensamento parece não ter sido diferente entre os dois grupos de comparação. Como exemplos das categorias mais encontradas (ascendentes, subtrativas, autorreferentes e com modificação de ação) foram registradas sentenças como “Talvez eu não desse meu telefone”; “(...) eu não sairia com o João”; “Jamais faria isso de aceitar o convite”. Em relação a alternativas que mencionavam o fato de não dar o telefone para o paquera da amiga, os aspectos da realidade foram enquadrados em ação/inação, já que modifica uma ação da personagem e em obrigação, pois se tende a indicar uma quebra de norma social.

A Figura 2 apresenta a frequência de respostas presentes em cada categoria para a Estória 2 (“No caminho de casa”).

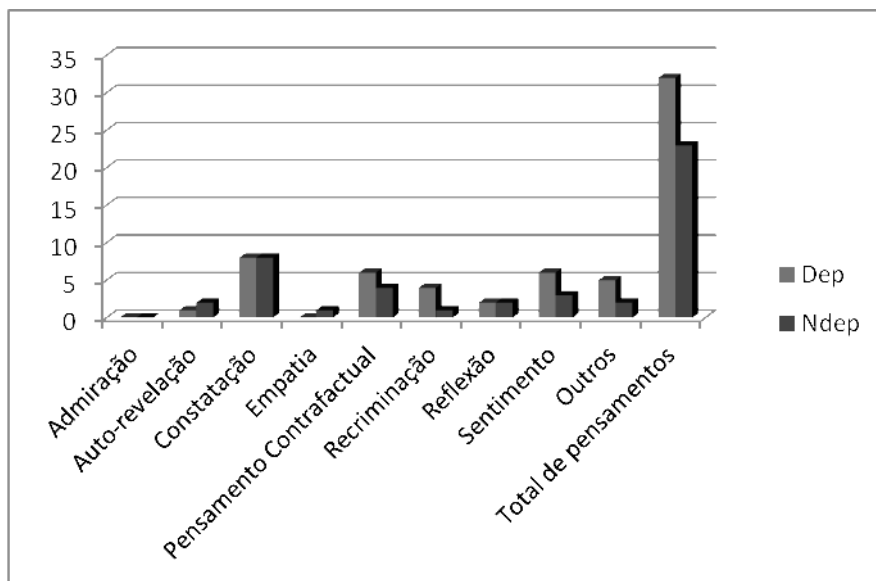


Figura 2. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 2 - No caminho de casa.

Para a segunda Estória, nota-se um maior aparecimento de pensamentos na categoria “Constatação”, ou seja, em que o participante apenas constatava eventos ou fatos da estória como, por exemplo, as expressões “dia ruim”, “primeiro, a árvore que foi que atrapalhou o caminho”. Os dois grupos (com e sem indicativos de depressão, na figura: Dep e Ndep) apresentaram oito respostas para essa categoria e para cada grupo. Em relação à geração de pensamentos contrafatuais espontâneos, foram encontradas seis respostas para o grupo de pessoas com indicativos para depressão e quatro para o grupo sem indicativos de depressão, o que parece demonstrar que mais pessoas no grupo com indicativos de depressão pensaram contrafactualmente sobre a segunda estória do que pessoas sem indicativos de depressão.

A Tabela 18 apresenta os tipos de pensamento contrafactual (categoria pensamento contrafactual) gerados espontaneamente a partir da primeira questão para a segunda Estória (“No caminho de casa”).

Tabela 18. Pensamentos contrafactuais gerados espontaneamente a partir da Estória 2 – No caminho de casa

Tipo	Categoria	Com indicativos de depressão	Sem indicativos
Forma	Ascendente	6	4
	Descendente	0	0
Estrutura	Aditiva	0	2
	Subtrativa	6	2
	Substitutiva	0	0
Alvo da mudança	Auto	6	4
	Hetero	0	0
Aspecto da Realidade	Ação/Inação	6	4
	Obrigação	4	1
	Tempo	0	1
	Evento Não usual	0	0

Com relação à segunda estória, os tipos de pensamentos contrafactuais espontâneos mais recorrentes foram ascendentes, subtrativos, autorreferentes e que envolviam uma modificação de ação. Parece não ter havido diferença no padrão de respostas entre os dois grupos de comparação. As falas dos participantes que exemplificam esse tipo de pensamento são: “Da parte do bar... Não aceitaria ir para o bar”; “Se tivesse ido direto para casa...”; “Se ele não tivesse tomado a cerveja, talvez ele estivesse em casa”; “Iria direto para casa”; “Em momento algum teria parado para tomar cerveja e deixar minha casa”.

Todas essas sentenças indicam um pensamento que pressupõe uma melhora no resultado final da estória, que seria o personagem chegar em casa a tempo para ajudar a esposa, ou seja, pensamentos ascendentes. Além disso, as falas dos participantes denotam uma subtração de aspectos, como não parar no bar para tomar cerveja ou ir direto para casa (não parar em local nenhum). Todas são autorreferentes por conter ações do próprio personagem e que são possíveis de modificar em situações semelhantes que possam vir a ocorrer no futuro. Em relação aos aspectos da realidade, a oração “ir direto para casa” representa uma modificação de ação (não parar no

caminho), enquanto que orações que se referem explicitamente à parada no bar, além de modificação de ação, representam uma modificação no aspecto obrigação. Pode-se perceber que ocorreram mais pensamentos contrafactuais espontâneos referentes ao aspecto obrigação para o grupo com indicativos de depressão (quatro ocorrências) do que para o grupo sem indicativos (uma ocorrência).

A Figura 3 apresenta a frequência de respostas presentes em cada categoria para a Estória 3 (“Dilema da montanha”).

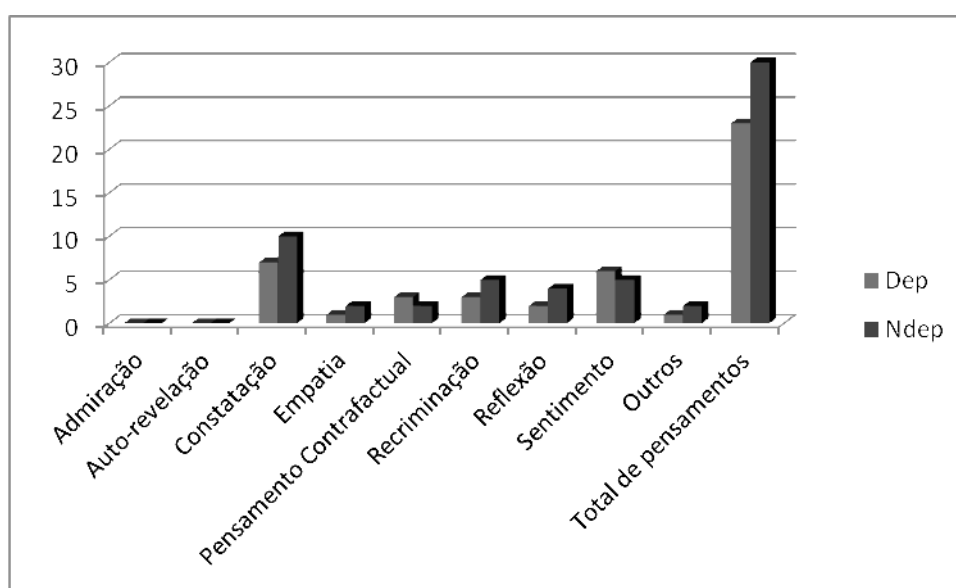


Figura 3. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 3 – Dilema da montanha.

Analisando o gráfico da Figura 3, pode-se observar que a categoria mais encontrada para a terceira estória apresentada aos participantes foi “Constatação”, com sete respostas para o grupo com indicativos de depressão e 10 respostas para o grupo sem indicativos de depressão. Como exemplo dessa categoria tem-se as sentenças “Ele foi paciente. Esperou uma hora. Pensando no Marcos”; “Esse é corajoso. Estória bonita no início, com um desespero no final. Dois amigos se depararem com uma situação dessa é difícil.”; “Meu Deus. Que persistência. Nossa... E o amigo achou que ele tinha morrido.”; “Ele foi guerreiro (Luiz), não parou.”.

Em relação às respostas categorizadas como pensamento contrafactual, nota-se um declínio em comparação com as duas primeiras estórias, já que foram encontradas apenas três respostas para o grupo com indicativos de depressão e duas para o grupo sem indicativos de depressão.

A Tabela 19 indica os tipos de pensamentos contrafactuais (categoria pensamento contrafactual) encontrados na Estória 3 (“Dilema da Montanha”) e gerados espontaneamente a partir da primeira questão.

Tabela 19. Pensamentos contrafactuais gerados espontaneamente a partir da Estória 3 – Dilema da montanha

Tipo	Categoria	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão
Forma	Ascendente	3	2
	Descendente	0	0
Estrutura	Aditiva	1	0
	Subtrativa	2	2
	Substitutiva	0	0
Alvo da mudança	Auto	3	2
	Hetero	0	0
Aspecto da Realidade	Ação/Inação	3	2
	Obrigação	3	2
	Tempo	0	0
	Evento Não usual	0	0

A Tabela 19 apresenta a frequência dos tipos de pensamento contrafactuais (PCs) espontâneos gerados a partir da terceira estória apresentada aos participantes da pesquisa. O surgimento de PCs também manteve o mesmo padrão entre os grupos de compara o, sendo a maioria classificados como ascendentes, subtrativos, autorreferentes e que envolviam uma mudança relacionada   a o e   obriga o. A maioria dos pensamentos referentes a essa estória se referiam ao fato de Marcos ter deixado o amigo na fenda e alteravam esse aspecto, ou seja, de que não deixariam Luiz

sozinho. Dessa forma, apareceram relatos como “Na hora da situação desesperadora não deixaria o Luiz ali”; “Se fosse para viver, viveria os dois, ou morreria os dois”; “Não iria até a montanha, mas se fosse, não deixaria de procurar o amigo”. Alternativas como essas também foram enquadradas em dois aspectos da realidade, como ação/inação e obrigação, pelo fato de “abandonar um amigo em uma situação difícil” não ser visto como uma norma socialmente aceita.

A Figura 4 apresenta a frequência de respostas presentes em cada categoria para a Estória 4 – Renascido para viver.

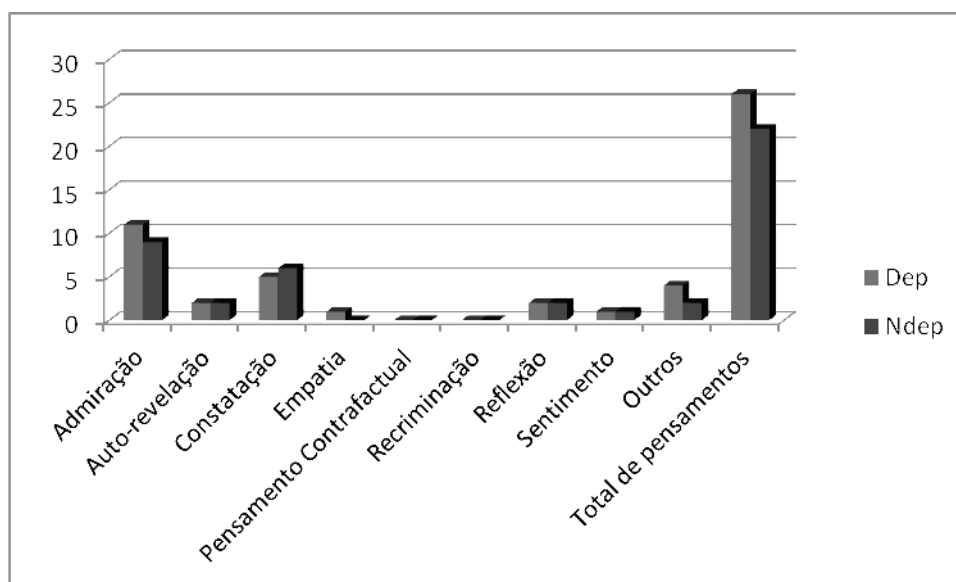


Figura 4. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 4 – Renascido para Viver.

A Estória 4 (“Renascido para viver”) evocou na maioria dos participantes pensamentos enquadrados na categoria “Admiração” (11 respostas para o grupo com indicativos de depressão e 9 para o grupo sem indicativos de depressão), seguidos da categoria “Constatação” (5 respostas para o grupo com indicativos de depressão e 6 para o grupo sem indicativos de depressão). Em relação à categoria “Pensamento Contrafactual”, essa estória não propiciou seu aparecimento.

A Figura 5 apresenta a frequência de respostas presentes em cada categoria para a Estória 5 – Celular e Elevador salvam ajudantes de obras no Rio.

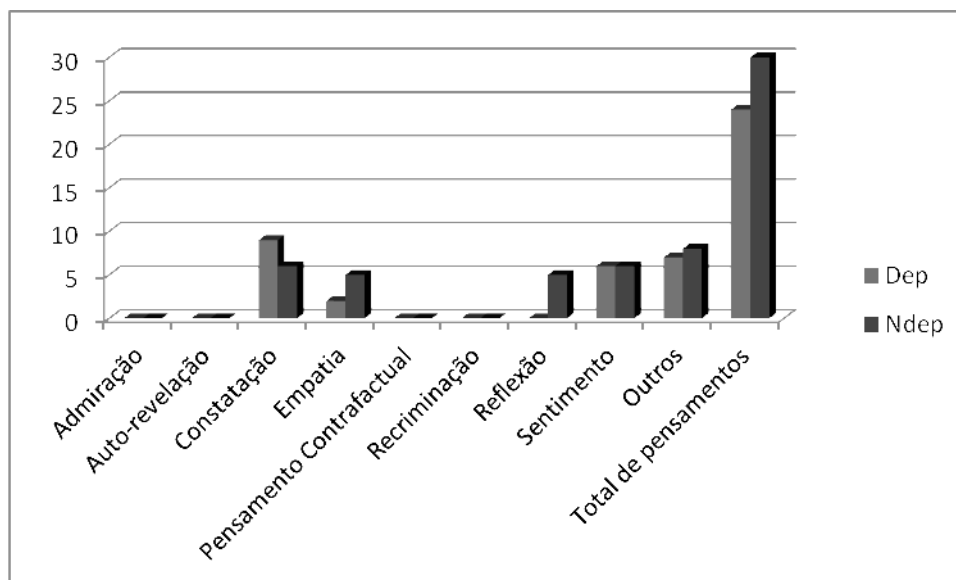


Figura 5. Frequência de respostas dadas pelos participantes à primeira pergunta relativa à Estória 5 - Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio.

Para a última estória apresentada aos participantes, o maior número de respostas se enquadrou na categoria “Constatação”, obtendo nove respostas para o grupo com indicativos de depressão e seis para o grupo sem indicativos de depressão. Essa estória também obteve um alto índice de respostas para a categoria sentimento, em que os participantes relatavam o que sentiram ao ler a estória.

A Estória 5, bem como a anterior, não propiciou aos participantes a elaboração de pensamentos contrafactuais espontâneos.

No geral, os participantes dos dois grupos apresentaram poucos pensamentos contrafactuais espontâneos e sua ocorrência foi diminuindo ao longo da apresentação das estórias. A Figura 6 demonstra a frequência de respostas alocadas na categoria pensamento contrafactual nas cinco estórias, para cada grupo de comparação (com indicativos de depressão – Dep - e sem indicativos - Ndep).

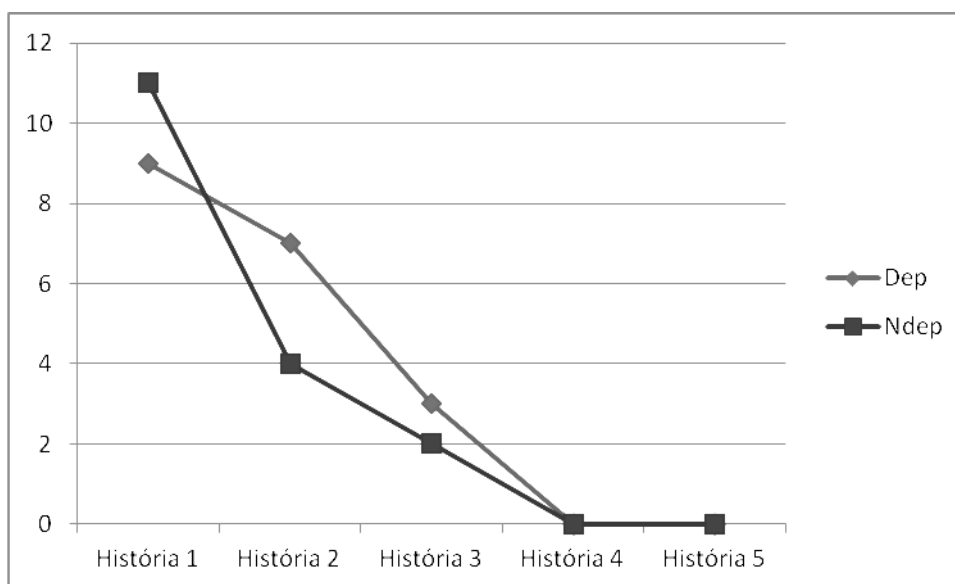


Figura 6. Frequência de respostas na categoria “Pensamento Contrafactual” dadas pelos participantes à questão 1 nas cinco estórias.

Pode-se perceber que a estória que permitiu maior aparecimento de alternativas à realidade (categoria “Pensamento Contrafactual”) foi a primeira, enquanto que as duas últimas estórias (“Renascido para viver” e “Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”), que apresentavam situações difíceis, mas com trajetórias de sucesso, não foram propícias para esse tipo de pensamento em nenhum dos grupos.

A Tabela 20 ilustra o número de pensamentos contrafactuais espontâneos relatados pelos participantes dos dois grupos de comparação, para as estórias que propiciaram esse tipo de pensamento.

Tabela 20. Número total de Pensamentos contrafactuais espontâneos gerados a partir da primeira questão do material

Tipo	Categoria	Estória 1		Estória 2		Estória 3	
		Dep*	Ndep*	Dep	Ndep	Dep	Ndep
Forma	Ascendente	9	11	6	4	3	2
	Descendente	0	0	0	0	0	0
Estrutura	Aditiva	2	0	0	2	1	0
	Subtrativa	7	11	6	2	2	2
	Substitutiva	0	0	0	0	0	0
Alvo de mudança	Auto	9	11	6	4	3	2
	Hetero	0	0	0	0	0	0
Aspecto da Realidade	Ação/Inação	9	11	6	4	3	2
	Obrigação	4	2	4	1	3	2
	Tempo	0	0	0	1	0	0
	Evento Não usual	0	0	0	0	0	0

*Dep: participantes com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão

O número total de pensamentos contrafactuais espontâneos relatados a partir da primeira questão do material foi 35, considerando os dois grupos, sendo 18 do grupo de pessoas com indicativos de depressão e 17 do grupo de pessoas sem indicativos de depressão. Nenhum participante gerou pensamento contrafactual descendente, substitutivo, heterorreferente e que se referisse a um evento não usual.

Faz-se importante explicitar aqui, que o número de pensamentos contrafactuais (PCs) gerados não corresponde ao número de participantes que geraram PCs, já que alguns participantes relataram mais de um pensamento contrafactual em resposta à questão 1. O número de participantes que relatou pensamentos contrafactuais pode ser observado na Tabela 21.

Tabela 21. Número de participantes que relataram pensamentos contrafactuais espontâneos a partir da questão 1

Estórias	Número de participantes	
	Com indicativos de depressão	Sem indicativos de depressão
1 – A Tentação	7	8
2 – No caminho de casa	6	3
3 - Dilema da Montanha	3	2

A partir dos dados da Tabela 21, constata-se que, no geral, mais pessoas do grupo com indicativos de depressão geraram pensamentos contrafactuais considerados espontâneos, quando comparados ao grupo de pessoas sem indicativos de depressão, sendo que, na Estória 1, houve um maior número de pessoas que relataram esse tipo de pensamento no grupo sem indicativos.

A seguir, serão apresentados os pensamentos contrafactuais direcionados, ou seja, pensamentos gerados para cada estória a partir da segunda questão: “Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a estória tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?”.

Resultados referentes à questão 2 – modificações direcionadas nos eventos das Estórias

As respostas dos participantes à questão 2 (Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a estória tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?) foram lidas e incluídas nas seguintes categorias: forma (ascendente ou descendente), estrutura (aditivo, subtrativo

ou substitutivo), direção (auto e heteroreferentes) e aspectos da realidade aos quais a modificação se referia (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual). Em seguida, cada resposta representativa de uma categoria recebeu um ponto, o que permitiu o cálculo das médias, desvios-padrão e erro-padrão por categoria. Como resposta, entende-se não a fala inteira do participante frente à pergunta, mas sim as unidades de registro (palavras, orações) relacionadas à categoria.

As modificações nas estórias, realizadas pelos participantes a partir da questão 2 serão chamadas de pensamentos contrafactuais direcionados, por se tratar de uma pergunta que direcionava o participante a pensar em alternativas para os fatos da estória lida.

Em relação aos pensamentos contrafactuais direcionados, surgidos a partir da Estória 1 (“A Tentação”), a maioria dos participantes gerou esse tipo de pensamento, sendo que apenas oito das 42 pessoas não fizeram modificações na Estória 1. Dentre os participantes que não elaboraram pensamentos contrafactuais, seis eram do grupo com indicativos de depressão e três do grupo sem indicativos de depressão. No total, os participantes do grupo sem indicativos de depressão geraram 23 pensamentos contrafactuais e os participantes do grupo com indicativos de depressão geraram 26 pensamentos contrafactuais. Faz-se importante ressaltar que, em alguns casos, os participantes relatavam mais de uma alternativa para a realidade, o que explica o número de pensamentos não ser igual ao número de participantes.

Os tipos de pensamentos contrafactuais (PCs) direcionados relatados para a Estória 1 estão representados na Tabela 22.

Tabela 22. Frequência de PCs direcionados dos participantes com e sem indicativos de depressão, para a Estória 1

Tipo de PC	Categorias	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão
Forma	Ascendente	25	26
	Descendente	0	0
Estrutura	Aditiva	9	11
	Subtrativa	15	12
	Substitutiva	1	3
Alvo da mudança	Auto	20	23
	Hetero	5	3
Aspectos da realidade	Ação/Inação	20	24
	Obrigação	17	19
	Tempo	1	3
	Evento não usual	2	0
Total de PCs		25	26

Pode-se perceber, a partir da Tabela 22, que todos os participantes geraram pensamentos contrafactuais ascendentes, ou seja, que apresentavam alternativas melhores do que a realidade vivenciada pelo personagem da Estória 1. Além disso, os participantes geraram mais pensamentos contrafactuais subtrativos nos dois grupos pesquisados, sendo que o número de PCs subtrativos para o grupo com indicativos de depressão foi 15 e para o grupo sem indicativos, 12. Em rela o   dire o, a maioria dos participantes de ambos os grupos geraram pensamento contrafactual autoreferente, o que indica que os participantes geraram modifica es possíveis, dentro do controle do personagem principal. Quanto   dire o hetero, ou seja, de modifica es externas ao personagem, ela apareceu com mais frequência em participantes com indicativos de depressão do que em participantes sem indicativos.

Quanto aos aspectos da realidade modificados pelos participantes, a maioria modificou um aspecto relacionado à ação ou inação dos personagens, aparecendo 20 ocorrências para o grupo com indicativos de depressão e 24 para o grupo sem indicativos. Na Estória 1 também apareceram alternativas referentes ao aspecto obrigação, com 17 ocorrências para o grupo com indicativos de depressão e 19 para o grupo sem indicativos de depressão. A categoria evento não usual só apareceu no grupo com indicativos de depressão e foi representada pelas falas “minha amiga não estaria apaixonada pelo João” e “tiraria o João da estória”.

A Tabela 23 apresenta a estatística descritiva dos tipos (categorias) de pensamento contrafactual (PC) relatados pelos participantes de ambos os grupos mediante a apresentação da Estória 1 (“A Tentação”).

Tabela 23. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 1 – A Tentação

CATEGORIAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
Ascendente	Dep*	21	1,19	0,92	0,20
	Ndep	21	1,23	0,70	0,15
Descendente	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Aditiva	Dep	21	0,42	0,67	0,14
	Ndep	21	0,52	0,60	0,13
Subtrativa	Dep	21	0,71	0,71	0,15
	Ndep	21	0,57	0,59	0,13
Substitutiva	Dep	21	0,04	0,21	0,04
	Ndep	21	0,14	0,47	0,10
Autorreferente	Dep	21	0,95	1,02	0,22
	Ndep	21	1,09	0,70	0,15
Heterorreferente	Dep	21	0,23	0,43	0,09
	Ndep	21	0,14	0,47	0,10
Ação/inação	Dep	21	0,95	0,86	0,18
	Ndep	21	1,14	0,72	0,15
Obrigação	Dep	21	0,80	1,03	0,22
	Ndep	21	0,90	0,62	0,13
Tempo	Dep	21	0,04	0,21	0,04
	Ndep	21	0,14	0,35	0,07
Evento não usual	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00

* Dep: grupo com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão.

A Tabela 23 é uma espécie de complemento da anterior (Tabela 22), neste sentido, os indicativos apresentados em ambas são os mesmos. Convém ressaltar em relação a esta tabela (23) que dentre o pensamento ascendente e descende, o primeiro foi o que apresentou a maior média de pontos nos grupos com e sem indicativos de depressão. Quanto ao tipo de estrutura, a subtrativa foi a que apresentou maior média de

pontuação também em ambos os grupos. Em relação à direção, a de maior média de pontuação foi a Autorreferente, em ambos os grupos. Sobre os aspectos da realidade modificados pelos participantes, a maior média de pontuação foi a referente à ação ou inação.

Para apreciar o significado estatístico das diferenças observadas entre as médias de pontuação relativas às categorias (tipos) de pensamento contrafactual, comparando as amostras de participantes com e sem indicativos de depressão, procedeu-se a uma análise de variância através do cálculo do teste-t para amostras independentes. Os resultados desta análise são apresentados na Tabela 24.

Tabela 24. Estória 1: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos

Categorias de PC	F	Sign.	T	DF	Sign	Diferença das médias
	Levene					
ASCENDENTE	1,07	0,30	-0,18	40	0,85	-0,04
			-0,18	37,19	0,85	-0,04
ADITIVA	0,06	0,79	-0,48	40	0,63	-0,09
			-0,48	39,46	0,63	-0,09
SUBTRATIVA	0,58	0,45	0,70	40	0,48	0,14
			0,70	38,74	0,48	0,14
SUBSTITUTIVA	2,99	0,09	-0,83	40	0,41	-0,09
			-0,83	27,98	0,41	-0,09
AUTORREFERENTE	3,37	0,07	-0,52	40	0,60	-0,14
			-0,52	35,36	0,60	-0,14
HETERORREFERENTE	1,08	0,30	0,67	40	0,50	0,09
			0,67	39,67	0,50	0,09
AÇÃO/INAÇÃO	0,16	0,68	-0,77	40	0,44	-0,19
			-0,77	38,85	0,44	-0,19
OBRIGAÇÃO	7,27	0,01	-0,36	40	0,71	-0,09
			-0,36	32,95	0,72	-0,09
TEMPO	4,77	0,03	-1,04	40	0,30	-0,09
			-1,04	33,02	0,30	-0,09
EVENTO NÃO USUAL	10,51	0,00	1,45	40	0,15	0,09
			1,45	20,00	0,16	0,09

A Tabela 24 compara os dois grupos de participantes (com e sem indicativos de depressão) com o objetivo de verificar se as diferenças entre as médias de pontuação obtidas por categoria de pensamento contrafactual (na Estória 1) são significativamente diferentes.

As diferenças entre as médias de pontuação de todas as categorias de pensamento contrafactual analisadas não foram expressivas, quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão. Conforme constatado pelos níveis de significância, as diferenças além de pouco expressivas não apresentam qualquer significado estatístico.

No que diz respeito aos pensamentos contrafactuais direcionados gerados a partir da Estória 2 (“No caminho de casa”), foram relatados 19 PCs para o grupo de pessoas com indicativos de depressão e 23 para o grupo de pessoas sem indicativos de depressão. No geral, a maioria dos participantes fizeram modificações nessa estória, sendo que apenas quatro pessoas do grupo com indicativos de depressão e duas sem indicativos de depressão não quiseram fazer modificações na estória.

Os tipos de pensamentos contrafactuais (PCs) direcionados relatados para a Estória 2 estão representados na Tabela 25.

Tabela 25. Frequência de PCs direcionados para a Estória 2 dos participantes com e sem indicativos de depressão

Tipo de PC	Categorias	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão
Forma	Ascendente	19	23
	Descendente	0	0
Estrutura	Aditiva	5	5
	Subtrativa	14	16
	Substitutiva	0	2
Alvo de mudança	Auto	17	19
	Hetero	2	4
Aspectos da realidade	Ação/Inação	18	20
	Obrigação	12	13
	Tempo	0	1
	Evento não usual	2	5
Total de PCs		19	23

Por meio da Tabela 25, verifica-se que os pensamentos contrafactuais direcionados relatados a partir da questão 2, foram na sua totalidade ascendentes, o que significa dizer que nenhum participante gerou uma alternativa pior que a realidade para a Estória 2. A maioria dos PCs se enquadrou na estrutura subtrativa, era Autorreferente e fazia uma modificação no aspecto ação/inação. A maioria das modificações feitas pelos participantes dos dois grupos (12 para o grupo com indicativos de depressão e 13 para o grupo sem indicativos de depressão) se referiu ao fato de Daniel ter parado no bar para tomar uma cerveja, como no caso das sentenças: “Não teria parado para tomar cerveja. Ficaria pensando: por que que eu fui tomar cerveja?”; “Ele não teria ido para o bar. Se ele tivesse feito o caminho direto para a casa né?”; “não poderia parar no bar. Não teria parado no bar para beber. Só isso que ele podia evitar”. Nesses casos, como já

foi citado anteriormente, o PC foi enquadrado em dois aspectos da realidade: ação/inacção e obrigação.

Na Estória 2 apareceram 6 pensamentos heteroreferentes, 2 para o grupo com indicativos de depressão e 4 para o grupo sem indicativos de depressão. As sentenças que foram relacionadas a essa categoria foram, para o grupo sem indicativos de depressão, “ela teria celular e ligaria para o marido para pedir ajuda”; “se não tivesse acontecido tudo isso, talvez desse tempo de chegar” e, para o grupo sem indicativos de depressão, “que a mulher não tivesse tido o ataque cardíaco”; “tiraria a árvore do caminho”; “a filha não ia sofrer tanto”; “ele chegaria em casa e estaria tudo bem”.

A Tabela 26 apresenta a estatística descritiva dos tipos (categorias) de pensamento contrafactual (PC) relatados pelos participantes de ambos os grupos mediante a apresentação da Estória 2 (“No caminho de casa”).

Tabela 26. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 2 – No caminho de casa

CATEGORIAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
Ascendente	Dep*	21	0,90	0,53	0,11
	Ndep*	21	1,09	0,70	0,15
Descendente	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Aditiva	Dep	21	0,23	0,43	0,09
	Ndep	21	0,23	0,43	0,09
Subtrativa	Dep	21	0,66	0,48	0,10
	Ndep	21	0,76	0,53	0,11
Substitutiva	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,09	0,30	0,06
Autorreferente	Dep	21	0,85	0,58	0,13
	Ndep	21	0,90	0,53	0,11
Heterorreferente	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,19	0,40	0,08
Ação/inação	Dep	21	0,85	0,47	0,10
	Ndep	21	0,95	0,66	0,14
Obrigação	Dep	21	0,60	0,50	0,11
	Ndep	21	0,61	0,49	0,10
Tempo	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
Evento não usual	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,23	0,53	0,11

* Dep: grupo com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão.

Como pode ser observado na Tabela 26, o pensamento ascendente apresentou uma média maior de pontos em relação ao descendente, tanto no grupo de pessoas com indicativos de depressão quanto no grupo sem indicativos de depressão. Quanto ao tipo de estrutura, a subtrativa foi a que apresentou maior média de pontuação também em ambos os grupos. Em relação à direção, a de maior média de pontuação foi

a autorreferente, em ambos os grupos. Sobre os aspectos da realidade modificados pelos participantes, a maior média de pontuação foi a referente à ação/inação.

As diferenças observadas entre as médias de pontuação relativas às categorias (tipos) de pensamento contrafactual, avaliadas pela análise de variância (teste-t para amostras independentes), podem ser verificadas na Tabela 27.

Tabela 27. Estória 2: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos

Categorias de PC	F Levene	Sign.	T	df	Sign	Diferença das médias
ASCENDENTE	0,01	0,90	-0,98	40	0,32	-0,19
			-0,98	37,53	0,33	-0,19
ADITIVA	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,00	1,00	0,00
SUBTRATIVA	0,01	0,90	-0,60	40	0,55	-0,09
			-0,60	39,53	0,55	-0,09
SUBSTITUTIVA	10,51	0,002	-1,45	40	0,15	-0,09
			-1,45	20,00	0,16	-0,09
			-0,31	39	0,75	-0,05
HETERORREFERENTE	3,20	0,08	-0,31	38,29	0,75	-0,05
			-0,86	40	0,39	-0,09
AÇÃO/INAÇÃO	0,06	0,80	-0,86	37,03	0,39	-0,09
			-0,53	40	0,59	-0,09
OBRIGAÇÃO	0,05	0,81	-0,53	36,20	0,59	-0,09
			-0,12	39	0,90	-0,01
TEMPO	4,43	0,04	-0,12	38,86	0,90	-0,01
			-1,00	40	0,32	-0,04
EVENTO NÃO USUAL	4,92	0,03	-1,00	20,00	0,32	-0,04
			-1,06	40	0,29	-0,14
			-1,06	31,35	0,29	-0,14

Na Tabela 27, apresenta-se os dados de comparação entre os dois grupos de participantes (com e sem indicativos de depressão) com o objetivo de verificar se as diferenças entre as médias de pontuação obtidas por categoria de pensamento contrafactual (na Estória 2) são diferentes de forma significativa.

As diferenças entre as médias de pontuação de todas as categorias de pensamento contrafactual analisadas não foram expressivas, quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão. Conforme constatado pelos níveis de significância, as diferenças além de pouco expressivas não apresentam significados estatísticos.

Em relação à Estória 3 (“Dilema da montanha”), o número de pensamentos contrafactuais direcionados foi maior para o grupo de pessoas com indicativos de depressão (32) do que para o grupo de pessoas sem indicativos de depressão (25). Dentre os 42 participantes da pesquisa, apenas três não quiseram fazer mudanças nessa Estória, sendo os três do grupo de pessoas sem indicativos de depressão. Os tipos de pensamentos contrafactuais direcionados para a Estória 3 (“Dilema da Montanha”) estão apresentados na Tabela 28.

Tabela 28. Frequência de PCs direcionados de participantes com e sem indicativos de depressão para a Estória 3

Tipo de PC	Categorias	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão
Forma	Ascendente	29	24
	Descendente	2	1
Estrutura	Aditiva	12	15
	Subtrativa	18	8
	Substitutiva	2	2
Alvo da mudança	Auto	24	21
	Hetero	8	4
Aspectos da realidade	Ação/Inação	25	23
	Obrigação	12	6
	Tempo	0	0
	Evento não usual	3	1
Total de PCs		32*	25

* um pensamento contrafactual não foi classificado quanto à forma.

A partir da Tabela 28, nota-se um maior número de pensamentos contrafactuais ascendentes nos dois grupos investigados. Nessa estória, apareceram três pensamentos descendentes, ou seja, piores do que a realidade, sendo dois pertencentes ao grupo com indicativos de depressão e um ao grupo sem indicativos de depressão. Esses pensamentos relatavam que Marcos cairia na fenda junto com Luiz. Houve, ainda, um pensamento contrafactual que não foi relacionado a qualquer das duas categorias (ascendente e descendente), por não ficar claro se o resultado final era melhor ou pior do que a realidade. Trata-se do pensamento “Trocaria o Marcos com o Luiz, para ele sentir o que o amigo passou”. Esse pensamento foi entendido como substitutivo, por propor uma troca de experiências entre os personagens e heterorreferente, por se tratar de uma modificação externa ao controle dos personagens.

Quanto às categorias referentes à estrutura, houve uma diferença entre os dois grupos. O grupo de participantes com indicativo de depressão gerou mais pensamentos subtrativos (18), enquanto que o grupo sem indicativos de depressão gerou mais pensamentos aditivos (15).

Em relação à direção, os pensamentos contrafactuais foram, em sua maioria, categorizados como autorreferentes. Dos pensamentos categorizados como heterorreferentes, oito foram provenientes de participantes com indicativos de depressão e quatro de participantes sem indicativos de depressão, o que indica que, nessa Estória, foram formulados mais pensamentos externos aos personagens entre pessoas com indicativos de depressão do que sem esses indicativos.

Vale dizer que um número expressivo das modificações dessa estória se referiu ao fato de Marcos ter deixado Luiz sozinho. Das 32 modificações feitas pelos participantes do grupo de pessoas com indicativos de depressão, 15 se referiram a esse aspecto. Desses 15, 3 se referiam explicitamente que não cortariam a corda no momento

em que Luiz caísse na fenda. Em relação aos participantes sem indicativos de depressão, dos 25 pensamentos contrafactuais encontrados nos relatos, 15 faziam referência a esse fato, sendo que cinco declararam explicitamente que não cortariam a corda. As modificações relacionadas a não cortar a corda foram relacionadas apenas à categoria ação/inação, enquanto as modificações que se referiam a não abandonar o amigo sozinho na fenda (como nas frases: “Ia gritar, chacoalhar a corda para ver se o cara respondia”; “quando o outro caiu, eu insistiria em ajudar”; “cortaria a corda, mas procuraria o amigo, tentaria encontrar para constatar se ele realmente estava morto, para depois ir embora”) foram enquadradas em ação/inação e obrigação.

Um fato de provável interesse relativo a esta estória foi que seis participantes do grupo com indicativos de depressão relataram que modificariam o fato de Luiz e Marcos terem ido escalar, enquanto que apenas um participante do grupo sem indicativos de depressão expressou essa mudança com uma ressalva, de que se o tempo não estivesse bom, não iria escalar (“... eu sou muito precavido, então eu não forçaria uma situação. Se o tempo não tivesse favorável, eu não me arriscaria. Só correria o risco sabendo que vou vencer...”).

Na Tabela 29, apresenta-se a estatística descritiva dos tipos (categorias) de pensamento contrafactual (PC) relatados pelos participantes de ambos os grupos mediante a apresentação da Estória 3 (“Dilema da montanha”).

Tabela 29. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 3 – Dilema da montanha

CATEGORIAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
Ascendente	Dep*	21	1,38	0,74	0,16
	Ndep*	21	1,14	0,72	0,15
Descendente	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
Aditiva	Dep	21	0,57	0,74	0,16
	Ndep	21	0,71	0,71	0,15
Subtrativa	Dep	21	0,85	0,72	0,15
	Ndep	21	0,38	0,58	0,12
Substitutiva	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,09	0,30	0,06
Autorreferente	Dep	21	1,14	0,85	0,18
	Ndep	21	1,00	0,77	0,16
Heterorreferente	Dep	21	0,38	0,80	0,17
	Ndep	21	0,19	0,40	0,08
Ação/inação	Dep	21	1,19	0,74	0,16
	Ndep	21	1,09	0,76	0,16
Obrigação	Dep	21	0,57	0,74	0,16
	Ndep	21	0,28	0,56	0,12
Tempo	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Evento não usual	Dep	21	0,14	0,35	0,07
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04

* Dep: grupo com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão

A partir da Tabela 29, pode-se observar que o pensamento ascendente apresentou uma média maior de pontos em relação ao descendente tanto no grupo de pessoas com indicativos de depressão quanto no grupo sem indicativos de depressão. Quanto ao tipo de estrutura, a média do grupo com indicativos de depressão foi maior para a subtrativa, enquanto que, para o grupo de pessoas sem indicativos de depressão, foi maior para a estrutura aditiva. Em relação à direção, a maior média de pontuação recaiu na categoria autorreferente, em ambos os grupos. Sobre os aspectos da realidade

modificados pelos participantes, a maior média de pontuação foi a referente à ação/inação.

As diferenças observadas entre as médias de pontuação relativas às categorias (tipos) de pensamento contrafactual, avaliadas pela análise de variância (teste-t para amostras independentes), podem ser verificadas na Tabela 30.

Tabela 30. Estória 3: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos

Categorias de PC	F Levene	Sign.	T	df	Sign	Diferença das médias
Ascendente	0,06	0,80	1,05	40	0,29	0,23
			1,05	39,987	0,29	0,23
Descendente	1,42	0,24	0,58	40	0,56	0,04
			0,58	36,486	0,56	0,04
Aditiva	0,15	0,69	-0,63	40	0,53	-0,14
			-0,63	39,936	0,53	-0,14
Subtrativa	0,02	0,88	2,33	40	0,02*	0,47
			2,33	38,364	0,02	0,47
Substitutiva	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,000	1,00	0,00
Autorreferente	0,02	0,87	0,56	40	0,57	0,14
			0,56	39,629	0,57	0,14
Heterorreferente	4,37	0,04	0,97	40	0,33	0,19
			0,97	29,412	0,34	0,19
Ação/inação	0,44	0,50	0,40	40	0,68	0,09
			0,40	39,975	0,68	0,09
Obrigação	4,43	0,04*	1,40	40	0,16	0,28
			1,40	37,117	0,16	0,28
Evento não usual	4,77	0,03*	1,04	40	0,30	0,09
			1,04	33,028	0,30	0,09

* $p \leq 0,05$

Na Tabela 30, apresenta-se os dados de comparação entre os dois grupos de participantes (com e sem indicativos de depressão), com o objetivo de verificar se as diferenças entre as médias de pontuação obtidas por categoria de pensamento contrafactual (na Estória 3) são diferentes de forma significativa.

As diferenças entre as médias de pontuação da grande maioria das categorias de pensamento contrafactual analisadas não foram expressivas, quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão, com exceção da categoria

“subtrativa”. Conforme constatado pelos níveis de significância, as diferenças além de pouco expressivas não apresentam qualquer significado estatístico, com exceção à categoria “subtrativa”, referente à estrutura do pensamento contrafactual. O nível de significância ($p \leq 0,05$) indica que ambos os grupos apresentaram médias de pontuação significativamente diferentes em tal aspecto analisado.

Com relação à Estória 4 (“Renascido para viver”), os pensamentos contrafactuais gerados a partir da questão 2 foram mais frequentes no grupo de pessoas com indicativos de depressão. Esse grupo relatou, para essa estória, 14 pensamentos contrafactuais direcionados, sendo que, dos 21 participantes, apenas 12 pessoas relataram pensamentos de modificações da realidade. Para o grupo de pessoas sem indicativos de depressão, um número expressivo de participantes não quis fazer modificação na estória (19 pessoas).

Os tipos de pensamentos contrafactuais (PCs) direcionados para a Estória 4 (“Renascido para viver”) estão apresentados na Tabela 31.

Tabela 31. Frequência de PCs direcionados dos participantes com e sem indicativos de depressão para a Estória 4

Tipo de PC	Categorias	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão
Forma	Ascendente	11	2
	Descendente	3	0
Estrutura	Aditivo	0	1
	Subtrativo	13	1
	Substitutivo	1	0
Alvo da mudança	Auto	6	0
	Hetero	8	2
Aspectos da realidade	Ação/Inação	7	1
	Obrigação	2	0
	Tempo	0	0
	Evento não usual	6	1
Total de PCs		14	2

Os pensamentos contrafactuais direcionados gerados a partir da Estória 4 foram, na sua maioria, ascendentes. O grupo de pessoas sem indicativos de depressão não gerou pensamento descendente, enquanto que o grupo de pessoas com indicativos de depressão relatou tr s pensamentos contrafactuais descendentes. São eles: “Não teria todos os filhos, ficaria com medo, preocupada com a responsabilidade de deixá-los. De não sobreviver e quem vai cuidar deles?”; “Diminuiria o ritmo” e “Não voltaria mais a correr”.

Em rela o   estrutura, a maioria dos PCs relatados pelo grupo com indicativos de depressão foi de pensamentos subtrativos. Já para o grupo sem indicativos de depressão, dos dois pensamentos relatados, um foi categorizado como aditivo e outro como subtrativo. Convém ressaltar que, para essa estória, nenhum

pensamento contrafactual do grupo com indicativos de depressão foi relacionado à categoria aditiva.

Os resultados para essa estória mostram uma inversão no padrão de PCs quanto à direção. Enquanto nas outras estórias, houve a predominância de pensamentos autoreferentes, nessa, houve um maior aparecimento de pensamentos heteroreferentes (oito ocorrências). Dentre os pensamentos heteroreferentes, seis se referiam a uma mudança no fato de Lauro ter o câncer, o que não está no controle do personagem. Os dois PCs restantes se referiam ao falso testemunho do colega de Lauro, quanto à acusação de *doping*.

Quanto ao aspecto da realidade, para essa estória ainda predominou a mudança em relação a uma ação/inação, para o grupo de pessoas com indicativos de depressão, como “me afastar das pessoas que querem o meu mal”; “diminuiria o ritmo”; “o amigo não teria afirmado o falso testemunho”. Algumas modificações se referiam à retirada do câncer (“tiraria o câncer dele”, “não teria a doença”, “Lauro não teria o câncer”) e foram incluídas nas categorias heteroreferente e evento não usual, por serem entendidas como algo fora do alcance do personagem. Respostas como essas foram registradas em seis dos 14 PCs gerados para o grupo com indicativos e um entre os dois PCs gerados para o grupo sem indicativos de depressão.

No que diz respeito às duas modificações direcionadas dos participantes sem indicativos de depressão, o aspecto da realidade apareceu em duas categorias: ação/inação e evento não usual, sendo que uma delas se referia à retirada do câncer e a outra ao prognóstico dado pelos médicos a Lauro (nas palavras do participante “mudaria no sentido de que os médicos diriam para ele que ele teria todas as chances”).

Na Tabela 32, apresenta-se estatísticas descritivas para os tipos (categorias) de pensamento contrafactual (PC) relatados pelos participantes de ambos os grupos mediante a apresentação da Estória 4 (“Renascido para viver”).

Tabela 32. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 4 – Renascido para viver

CATEGORIAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
Ascendente	Dep	21	0,52	0,60	0,13
	Ndep	21	0,09	0,30	0,06
Descendente	Dep	21	0,14	0,47	0,10
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Aditiva	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
Subtrativa	Dep	21	0,61	0,66	0,14
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
Substitutiva	Dep	21	0,04	0,21	0,04
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Autorreferente	Dep	21	0,28	0,56	0,12
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Heterorreferente	Dep	21	0,38	0,58	0,12
	Ndep	21	0,09	0,30	0,06
Ação/inação	Dep	21	0,33	0,57	0,12
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
Obrigação	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Tempo	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Evento não usual	Dep	21	0,28	0,46	0,10
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04

* Dep: grupo com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão

Como pode ser observado na Tabela 32, o pensamento ascendente apresentou uma média maior de pontos em relação ao descendente tanto no grupo de pessoas com indicativos de depressão quanto no grupo sem indicativos de depressão. Quanto ao tipo de estrutura, a média do grupo com indicativos de depressão foi maior para a subtrativa, e, para o grupo de pessoas sem indicativos de depressão, a média foi

igual para a estrutura aditiva e para a estrutura subtrativa. Em relação à direção, a maior média de pontuação foi da categoria heterorreferente, em ambos os grupos. Sobre os aspectos da realidade modificados pelos participantes, a maior média de pontuação foi a referente à ação ou inação, seguida da categoria evento não usual.

As diferenças observadas entre as médias de pontuação relativas às categorias (tipos) de pensamento contrafactual, avaliadas pela análise de variância (teste-t para amostras independentes) das respostas dadas à questão 2 da Estória 4 podem ser verificadas na Tabela 33.

Tabela 33. Estória 4: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos

Categorias	F Levene	Sign.	T	DF	Sign	Diferença das médias
Ascendente	28,33	0,00	2,92	40	0,00*	0,42
			2,92	29,41	0,00	0,42
Descendente	8,85	0,00	1,36	40	0,1	0,14
			1,36	20,00	0,18	0,14
Aditiva	4,43	0,04	-1,00	40	0,32	-0,04
			-1,00	20,00	0,32	-0,04
Subtrativa	42,96	0,00	3,72	40	0,00**	0,57
			3,72	24,20	0,00	0,57
Substitutiva	4,43	0,04	1,00	40	0,32	0,04
			1,00	20,00	0,32	0,04
Autorreferente	34,53	0,00	2,33	40	0,02*	0,28
			2,33	20,00	0,03	0,28
Heterorreferente	17,39	0,00	1,97	40	0,05*	0,28
			1,97	29,75	0,05	0,28
Ação/inação	23,25	0,00	2,12	40	0,04*	0,28
			2,12	25,60	0,04	0,28
Obrigação	10,51	0,00	1,45	40	0,15	0,09
			1,45	20,00	0,16	0,09
Evento não usual	27,01	0,00	2,13	40	0,03*	0,23
			2,13	28,47	0,04	0,23

* $p \leq 0,05$

** $p \leq 0,001$

Na Tabela 33, apresenta-se os dados de comparação entre os dois grupos de participantes (com e sem indicativos de depressão) com o objetivo de verificar se as

diferenças entre as médias de pontuação obtidas por categoria de pensamento contrafactual na Estória 4 são diferentes de forma significativa.

Houve diferenças significativas entre as médias de pontuação de participantes com e sem indicativos de depressão nas seguintes categorias de pensamento contrafactual: ascendente ($p \leq 0,05$), subtrativa ($p \leq 0,001$), auto e heterorreferente (para ambas $p \leq 0,05$), ação-inação ($p \leq 0,05$) e evento não usual ($p \leq 0,05$). Vale dizer que na categoria “subtrativa” a diferença foi altamente significativa em termos estatísticos.

No que diz respeito à última estória apresentada aos participantes (Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio), foram relatados 18 pensamentos contrafactuais pelo grupo de pessoas com indicativos de depressão e 16 pelo grupo de pessoas sem indicativos de depressão. Entre os 42 participantes, 15 não quiseram fazer modificações na estória, sendo 7 pessoas do grupo com indicativos e 8 do grupo sem indicativos de depressão.

A Tabela 34 apresenta os tipos de pensamentos contrafactuais direccionados gerados a partir da resposta à questão 2 mediante a leitura da Estória 5 (Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio).

Tabela 34. Frequência de PCs direcionados dos participantes com e sem indicativos de depressão para a Estória 5

Tipo de PC	Categorias	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão
Forma	Ascendente	11	15
	Descendente	5	0
Estrutura	Aditivo	3	2
	Subtrativo	15	10
	Substitutivo	0	4
Alvo da mudança	Auto	9	7
	Hetero	9	9
Aspectos da realidade	Ação/Inação	11	7
	Obrigação	0	0
	Tempo	2	1
	Evento não usual	7	7
Total de PCs		18*	16**

* dois pensamentos contrafactuais não foram classificados quanto à forma.

** um pensamento contrafactual não foi classificado quanto à forma.

Para a Estória 5, também foram relatados mais pensamentos contrafactuais ascendentes do que descendentes, para ambos os grupos. Apenas no grupo de pessoas com indicativos de depressão apareceram pensamentos contrafactuais descendentes. Esses pensamentos foram: “ele poderia ter morrido”; “não teria entrado no elevador”; “gritaria, depois desistiria”. Em relação à estrutura dos PCs gerados para essa estória, a maioria apresentou a estrutura subtrativa para os dois grupos investigados. Quanto à direção do PC, os participantes com indicativos de depressão geraram o mesmo número de PCs auto e heterorreferentes (nove ocorrências para cada categoria). E para o grupo sem indicativos, ocorreram mais pensamentos heterorreferentes do que autorreferentes. A maioria dos pensamentos heterorreferentes estava relacionada com sentenças que modificavam o fato do prédio ter desabado, sendo que quatro participantes do grupo

com indicativos e seis participantes do grupo sem indicativos para depressão formularam alternativas como esta.

Em relação ao aspecto da realidade mais modificado na Estória 5, é possível notar um maior número de ocorrências para o aspecto ação/inação (11) no grupo com indicativos de depressão e em igual número de ocorrências para os aspectos ação/inação e evento não usual (7 ocorrências cada), para o grupo sem indicativos de depressão. Essa foi a única estória em que a categoria obrigação não foi pontuada para nenhum dos grupos de participantes.

A estatística descritiva dos tipos (categorias) de pensamento contrafactual (PC) relatados pelos participantes de ambos os grupos mediante à apresentação da Estória 5 (“Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”), pode ser verificada na Tabela 35.

Tabela 35. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das categorias de PC direcionado por tipo de grupo na Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio

CATEGORIAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
Ascendente	Dep	21	0,52	0,51	0,11
	Ndep	21	0,71	0,64	0,14
Descendente	Dep	21	0,23	0,53	0,11
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Aditiva	Dep	21	0,14	0,35	0,07
	Ndep	21	0,09	0,30	0,06
Subtrativa	Dep	21	0,71	0,71	0,15
	Ndep	21	0,47	0,60	0,13
Substitutiva	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,19	0,40	0,08
Autorreferente	Dep	21	0,42	0,59	0,13
	Ndep	21	0,33	0,65	0,14
Heterorreferente	Dep	21	0,42	0,50	0,11
	Ndep	21	0,42	0,50	0,11
Ação	Dep	21	0,52	0,67	0,14
	Ndep	21	0,33	0,65	0,14
Obrigação	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
Tempo	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
Evento não usual	Dep	21	0,33	0,48	0,10
	Ndep	21	0,33	0,48	0,10

* Dep: grupo com indicativos de depressão/Ndep: sem indicativos de depressão

A partir da Tabela 35, pode-se observar que o pensamento ascendente apresentou uma média maior de pontos em relação ao descendente tanto no grupo de pessoas com indicativos de depressão quanto no grupo sem indicativos de depressão. Quanto ao tipo de estrutura, a média dos dois grupos foi maior para a categoria subtrativa. Em relação à direção, as médias de pontuação foram iguais para a categoria auto e heterorreferente para o grupo com indicativos de depressão e maior para a categoria heterorreferente para o grupo sem indicativos de depressão. Sobre os aspectos da realidade modificados pelos participantes, a maior média de pontuação foi a referente

à ação ou inação para o grupo com indicativos de depressão e igual para as categorias ação/inação e evento não usual para o grupo sem indicativos de depressão.

As diferenças observadas entre as médias de pontuação relativas às categorias (tipos) de pensamento contrafactual, avaliadas pela análise de variância (teste-t para amostras independentes), podem ser verificadas na Tabela 36.

Tabela 36. Estória 5: Teste-t comparando as médias de pontuação por categoria de PC direcionado entre participantes dos dois grupos

Categorias	F Levene	Sign.	T	df	Sign	Diferença das médias
Ascendente	0,41	0,52	-1,06	40	0,29	-0,19
			-1,06	38,067	0,29	-0,19
Descendente	23,21	0,00	2,02	40	0,05*	0,23
			2,02	20,000	0,05	0,23
Aditiva	0,88	0,35	0,46	40	0,64	0,04
			0,46	38,826	0,64	0,04
Subtrativa	0,56	0,45	1,16	40	0,25	0,23
			1,16	38,826	0,25	0,23
Substitutiva	32,18	0,000	-2,16	40	0,03*	-0,19
			-2,16	20,000	0,04	-0,19
Autorreferente	0,04	0,82	0,49	40	0,62	0,09
			0,49	39,632	0,62	0,09
Heterorreferente	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,000	1,00	0,00
Ação	0,69	0,40	0,92	40	0,36	0,19
			0,92	39,959	0,36	0,19
Tempo	1,42	0,24	0,58	40	0,56	0,04
			0,58	36,486	0,56	0,04
Evento não usual	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,000	1,00	0,00

* $p \leq 0,05$

Na Tabela 36, apresenta-se os dados de comparação entre os dois grupos de participantes (com e sem indicativos de depressão) com o objetivo de verificar se as diferenças entre as médias de pontuação obtidas por categoria de pensamento contrafactual na Estória 5 são diferentes de forma significativa.

Quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão, as diferenças entre as médias de pontuação só foram significativas ($p \leq 0,05$) para as categorias “descendente” e “substitutiva”.

A Tabela 37 é referente à questão 2, formulada para as cinco estórias, e apresenta a categorização de todos os pensamentos contrafactuais direcionados dos participantes com e sem indicativos de depressão.

Tabela 37. Frequência de pensamentos contrafactuais direcionados gerados a partir todas de todas as estórias para pessoas com e sem indicativos de depressão

Tipo	Categoria	Estória 1		Estória 2		Estória 3		Estória 4		Estória 5		Total	
		Dep*	Ndep*	Dep	Ndep	Dep	Ndep	Dep	Ndep	Dep	Ndep	Dep	Ndep
Forma	Ascendente	25	26	19	23	29	24	11	2	11	15	95	90
	Descendente	0	0	0	0	2	1	3	0	5	0	10	1
Estrutura	Aditiva	9	11	5	5	12	15	0	1	3	2	29	34
	Subtrativa	15	12	14	16	18	8	13	1	15	10	75	47
	Substitutiva	1	3	0	2	2	2	1	0	0	4	4	11
Alvo da mudança	Auto	20	23	17	19	24	21	6	0	9	7	76	70
	Hetero	5	3	2	4	8	4	8	2	9	9	32	22
Aspecto da Realidade	Ação/Inação	20	24	18	20	25	23	7	1	11	7	81	75
	Obrigaçã	17	19	12	13	12	6	2	0	0	0	43	38
	Tempo	1	3	0	1	0	0	0	0	2	1	3	5
	Evento Não usual	2	0	2	5	3	1	6	1	7	7	20	14
Total de PCs		25	26	19	23	32	25	14	2	18	16	108	92

A partir da Tabela 37, pode-se perceber que entre os pensamentos contrafactuais direcionados, gerados a partir da questão 2, a estória que tendeu a propiciar seu aparecimento entre pessoas com indicativos de depressão foi a Estória 3 (“Dilema da montanha”) enquanto que para pessoas sem indicativos de depressão, a estória que mais tendeu a possibilitar esse tipo de pensamento foi a primeira.

A Tabela 37 também permite observar que a maioria dos PCs direcionados gerados apresentou a forma ascendente, representando 92,5% das respostas dos

participantes dos dois grupos. Com relação à estrutura, a categoria que mais tendeu a apresentar respostas foi a subtrativa, representando 61% dos pensamentos contrafactuais para os dois grupos. Quanto à direção, a categoria com maior frequência para os dois grupos foi a autorreferente com 146 repostas para os dois grupos (73% das repostas). Em relação ao aspecto da realidade, a maioria dos PCs direcionados se referia à categoria ação/inação, representando 78% das respostas dos dois grupos.

A Tabela 38 ilustra o número de participantes que optaram por não fazer modificações direcionadas em cada estória.

Tabela 38. Número de participantes que não fizeram modificações nas estórias

Estória	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão
1 - “A Tentação”	6	3
2 - “No caminho de casa”	4	2
3 - “Dilema da montanha”	0	3
4 - “Renascido para viver”	9	19
5 - “Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”	7	8

Observando a Tabela 38, pode-se perceber que a estória em que os participantes menos realizaram modificações direcionadas foi a Estória 4 (“Renascido para viver”), sendo que 9 das 21 pessoas com indicativos de depressão e 19 das 21 pessoas sem indicativos de depressão optaram por não fazer modificações nela. No geral, as duas primeiras estórias (“A Tentação” e “No caminho de casa”) tenderam a apresentar menor adesão à modificação dos participantes com indicativos de depressão, quando comparados com o grupo de pessoas sem indicativos de depressão, enquanto que nas outras três estórias (“Dilema da montanha”, “Renascido para viver” e “Celular e

elevador salvam ajudante de obras no Rio”), mais pessoas do grupo sem indicativos optou por não fazer modificações direcionadas.

Resultados referentes à escolha de alternativas para a modificação de cada estória

Neste momento, serão estabelecidos os resultados referentes à apresentação de alternativas de modificação das estórias, sob o formato de múltipla escolha e a partir da pergunta “Ainda se colocando no lugar do personagem da estória, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa”.

As alternativas de cada estória foram formuladas no estudo 1 da presente pesquisa e baseadas nos aspectos da realidade, compilados por Byrne (2005), que são mais comumente modificados pelas pessoas (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual). Além dos quatro aspectos, alguns participantes preferiam não fazer modificações na estória, nem mesmo por meio das alternativas. Portanto, foi criada uma quinta alternativa que se referia a nenhuma das alternativas anteriores.

As respostas dos participantes foram analisadas quanto à frequência de ocorrência para cada alternativa. Convém ressaltar que as alternativas formuladas no estudo 1 foram avaliadas por cinco juízes, sendo que as categorias em que cada alternativa se enquadraram, não necessariamente estariam isoladas na sentença. Dessa forma, as categorias definidas após as avaliações dos juízes ressaltam um aspecto que fica mais evidente na alternativa, mas não necessariamente refere-se a um aspecto isolado.

A Tabela 39, apresenta as frequências de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 1 (“A Tentação”), bem como sua classificação quanto ao aspecto da realidade mais proeminente e quanto à forma.

Tabela 39. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 1 – A Tentação

Alternativas	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão	Classificação	Forma
A	4	2	Ação/Inação	Ascendente
B	9	14	Obrigação	Ascendente
C	3	1	Tempo	Ascendente
D	4	4	Evento não usual	Ascendente
E	0	0	Nenhuma	-----

A Tabela 39 ilustra as escolhas feitas pelos participantes em relação às alternativas previamente formuladas. No geral, os participantes dos dois grupos tenderam a escolher a alternativa B, que fazia uma modificação referente a um aspecto socialmente não aceito (dar seu número de telefone para a(o) paquera do(a) seu(sua) amigo(a)) e, por isso se referia a uma modificação do aspecto obrigação. Vale ressaltar que, nessa estória, nenhum participante se recusou a escolher uma alternativa (por isso a alternativa “E” aparece com o valor zero), apenas uma participante do grupo com indicativos de depressão se recusou a responder as questões referentes a essa estória por ter se lembrado de algo que aconteceu com ela.

A Tabela 40 apresenta a estatística descritiva das alternativas escolhidas pelos participantes dos dois grupos para a Estória 1.

Tabela 40. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 1 – A Tentação

ALTERNATIVAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
A	Dep*	21	0,19	0,40	0,08
	Ndep	21	0,09	0,30	0,06
B	Dep	21	0,42	0,50	0,11
	Ndep	21	0,66	0,48	0,10
C	Dep	21	0,14	0,35	0,07
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
D	Dep	21	0,19	0,40	0,08
	Ndep	21	0,19	0,40	0,08
E	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00

* Dep: grupo com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão.

Convém ressaltar da Tabela 40 que a média de alternativas escolhidas para a Estória 1 foi maior em relação à alternativa B, em que ressaltava o aspecto obrigação.

Como forma de verificar se as diferenças entre as médias de pontos para as escolhas das alternativas são significativas entre as amostras de participantes com e sem indicativos de depressão, foi feita a uma análise de variância através do cálculo do teste-t para amostras independentes. Os resultados desta análise são apresentados na Tabela 41.

Tabela 41. Estória 1: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos

Alternativas	F Levene	Sign.	T	df	Sign	Diferença das médias
A	3,20	0,08	0,86	40	0,39	0,09
			0,86	37,03	0,39	0,09
B	1,38	0,24	-1,55	40	0,12	-0,23
			-1,55	39,90	0,12	-0,23
C	4,77	0,03	1,04	40	0,30	0,09
			1,04	33,02	0,30	0,09
D	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,00	1,00	0,00

A Tabela 41 compara os dois grupos de participantes (com e sem indicativos de depressão) com o objetivo de verificar se as diferenças entre as médias de pontuação referentes às alternativas escolhidas na Estória 1 são diferentes de forma significativa. A diferença entre as médias de pontuação nas alternativas de modificação da realidade não foram expressivas, quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão. Conforme constatado pelos níveis de significância, as diferenças além de pouco expressivas não apresentam significado estatístico.

A Tabela 42 ilustra o resultado das frequências de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 2 (“No caminho de casa”), bem como sua classificação quanto ao aspecto da realidade mais proeminente e quanto à forma.

Tabela 42. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 2 – No caminho de casa

Alternativas	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão	Classificação	Forma
A	3	0	Tempo	Ascendente
B	11	13	Obrigaçã	Ascendente
C	5	4	Evento não usual	Ascendente
D	0	1	Ação/inação	Ascendente
E	2	3	Nenhuma	-----

Conforme pode ser visto na Tabela 43, a alternativa mais escolhida para modificação da Estória 2 foi a B, que se referia, principalmente, ao aspecto obrigaçã, em ambos os grupos estudados. Nesta Estória, cinco pessoas (duas do grupo com indicativo de depressão e três do grupo sem indicativos de depressão) optaram por não escolher uma alternativa de modificação.

A Tabela 43 apresenta a estatística descritiva das alternativas escolhidas pelos participantes dos dois grupos para a Estória 2.

Tabela 43. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 2 – No caminho de casa

ALTERNATIVAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
A	Dep*	21	0,14	0,35	0,07
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
B	Dep	21	0,52	0,51	0,11
	Ndep	21	0,61	0,49	0,10
C	Dep	21	0,23	0,43	0,09
	Ndep	21	0,19	0,40	0,08
D	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
E	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,14	0,35	0,07

* Dep: grupo com indicativos de depressão/Ndep: sem indicativos de depressão.

A partir da Tabela 43, pode-se constatar que a média de alternativas escolhidas para a Estória 2 foi maior em relação à alternativa B para os dois grupos de comparação. O aspecto da realidade que mais se destacava em relação à alternativa B era obrigação, referindo-se a um aspecto social não aceitável (parar no bar para tomar cerveja).

A análise das diferenças entre as médias de pontos para as escolhas das alternativas foi realizada por meio do cálculo do teste-t para amostras independentes, como pode ser verificado na Tabela 44.

Tabela 44. Estória 2: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos

Alternativas	F Levene	Sign.	T	df	Sign	Diferença das médias
A	19,20	0,00	1,82	40	0,07	0,14
			1,82	20,00	0,08	0,14
B	1,06	0,30	-0,61	40	0,54	-0,09
			-0,61	39,96	0,54	-0,09
C	0,54	0,46	0,36	40	0,71	0,04
			0,36	39,73	0,71	0,04
D	4,43	0,04	-1,00	40	0,32	-0,04
			-1,00	20,00	0,32	-0,04
E	0,88	0,35	-0,46	40	0,64	-0,04
			-0,46	38,82	0,64	-0,04

A Tabela 44 apresenta a comparação entre os dois grupos de participantes (com e sem indicativos de depressão) com o objetivo de verificar se as diferenças entre as médias de pontuação na escolha de alternativas são diferentes de forma significativa.

A diferença entre as médias de pontuação das alternativas de modificação analisadas não foram expressivas, quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão. Conforme constatado pelos níveis de significância, as diferenças além de pouco expressivas não apresentam significado estatístico.

Os resultados referentes à frequência de alternativas escolhidas pelos participantes com e sem indicativos de depressão, em relação à Estória 3 (“Dilema da montanha”), estão apresentados na Tabela 45, bem como sua classificação quanto ao aspecto da realidade mais proeminente e quanto à forma.

Tabela 45. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 3 – Dilema da montanha

Alternativas	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão	Classificação	Forma
A	4	7	Evento não usual	Ascendente
B	4	1	Ação/Inação	Descendente
C	0	0	Obrigação	Ascendente
D	12	12	Tempo	Ascendente
E	1	1	Nenhuma	-----

A frequência de escolha de alternativas para a terceira estória foi maior para a alternativa D, que representava o aspecto tempo. A alternativa “C” (Marcos não ficaria para salvar Luiz quando ele quebrasse a perna e, assim, Luiz não conseguiria sobreviver) referente ao aspecto obrigação não foi assinalada por qualquer participante.

Os dados referentes à estatística descritiva das alternativas escolhidas pelos participantes dos dois grupos para a Estória 3 estão apresentados na Tabela 46.

Tabela 46. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 3 – Dilema da montanha

ALTERNATIVAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
A	Dep*	21	0,19	0,40	0,08
	Ndep	21	0,33	0,48	0,10
B	Dep	21	0,19	0,40	0,08
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
C	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
D	Dep	21	0,57	0,50	0,11
	Ndep	21	0,57	0,50	0,11
E	Dep	21	0,04	0,21	0,04
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04

* Dep: grupo com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão.

Pode-se verificar na Tabela 46, que a média de alternativas escolhidas para a Estória 3 foi maior em relação à alternativa D para os dois grupos de comparação. Também é possível observar que a alternativa “C” não foi escolhida por qualquer participante.

As diferenças entre as médias de pontos para as escolhas das alternativas da Estória 3 foram analisadas por meio do teste-t para amostras independentes, conforme demonstra a Tabela 47.

Tabela 47. Estória 3: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos

Alternativas	F Levene	Sign.	T	df	Sign	Diferença das médias
A	4,41	0,04	-1,04	40	0,30	-0,14
			-1,04	38,73	0,30	-0,14
B	9,85	0,00	1,43	40	0,16	0,14
			1,43	30,82	0,16	0,14
D	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,00	1,00	0,00
E	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,00	1,00	0,00

A Tabela 47 apresenta a comparação entre os dois grupos de participantes (com e sem indicativos de depressão) com o objetivo de verificar se as diferenças entre as médias de pontuação na escolha de alternativas para a Estória 3 são diferentes de forma significativa.

A diferença entre as médias de pontuação de alternativas de modificação analisadas não foram expressivas, quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão. Conforme constatado pelos níveis de significância, as diferenças além de pouco expressivas não apresentam significado estatístico.

A Tabela 48 demonstra a frequência de alternativas escolhidas pelos participantes com e sem indicativos de depressão para a Estória 4 (“Renascido para viver”), bem como sua classificação quanto ao aspecto da realidade mais proeminente e à forma.

Tabela 48. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 4 – Renascido para viver

Alternativas	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão	Classificação	Forma
A	14	11	Ação/Inação	Ascendente
B	1	1	Tempo	Descendente
C	0	1	Obrigação	Descendente
D	2	0	Evento não usual	Descendente
E	3	8	Nenhuma	-----

A alternativa mais escolhida pelos participantes de ambos os grupos foi a “A” (“O ex-colega de Lauro não teria feito a denúncia de doping e ele não teria que enfrentar mais esse problema na sua vida”), que apresenta como aspecto mais representativo a ação/inação. Nota-se que um número expressivo de pessoas do grupo sem indicativos de depressão optaram por não escolher qualquer alternativa.

A Tabela 49 demonstra os dados referentes à estatística descritiva das alternativas escolhidas pelos participantes dos dois grupos para a Estória 4.

Tabela 49. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 4 – Renascido para viver

ALTERNATIVAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
A	Dep*	21	0,66	0,48	0,10
	Ndep	21	0,52	0,51	0,11
B	Dep	21	0,04	0,21	0,04
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
C	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,04	0,21	0,04
D	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
E	Dep	21	0,14	0,35	0,07
	Ndep	21	0,38	0,49	0,10

* Dep: grupo com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão.

Pode-se verificar na Tabela 49, que a média de alternativas escolhidas para a Estória 4 foi maior em relação à alternativa “A” para os dois grupos de comparação, que se referia a uma modificação de ação/inação.

A análise das diferenças entre as médias de pontos na escolha das alternativas da Estória 4 foi realizada por meio do cálculo do teste-t para amostras independentes, como indicado na Tabela 50.

Tabela 50. Estória 4: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos

Alternativas	F Levene	Sign.	T	df	Sign	Diferença das médias
A	2,34	0,13	0,93	40	0,35	2,34
			0,93	39,86	0,35	
B	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,00	1,00	
C	4,43	0,04	-1,00	40	0,32	4,43
			-1,00	20,00	0,32	
D	10,51	0,00	1,45	40	0,15	10,51
			1,45	20,00	0,16	
E	13,55	0,00	-1,77	40	0,08	13,55
			-1,77	36,35	0,08	

A partir da análise da Tabela 50, pode-se observar as diferenças entre as médias de pontuação na escolha de alternativas para a Estória 4, entre os dois grupos (com e sem indicativos de depressão).

A diferença entre as médias de pontuação de alternativas de modificação analisadas não foram expressivas, quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão. Conforme constatado pelos níveis de significância, as diferenças além de pouco expressivas não apresentam significado estatístico.

A Tabela 51 apresenta os resultados referentes à frequência de alternativas escolhidas pelos participantes dos grupos com indicativos e sem indicativos de depressão para a Estória 5, bem como sua classificação quanto ao aspecto da realidade mais proeminente e à forma.

Tabela 51. Frequência de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes para a Estória 5 – Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio

Alternativas	Pessoas com indicativos de depressão	Pessoas sem indicativos de depressão	Classificação	Forma
A	3	3	Tempo	Ascendente
B	7	7	Ação/Inação	Ascendente
C	0	0	Obrigação	Descendente
D	8	10	Evento não usual	Ascendente
E	2	0	Nenhuma	-----

Com relação à Estória 5, a alternativa mais escolhida pelos participantes dos dois grupos foi a “D”, que ressaltava o aspecto “evento não usual”. Outra alternativa que obteve bastante ocorrência foi a “B”, que se referia ao aspecto ação/inação. A alternativa “C” não foi assinalada pelos participantes.

A Tabela 52 ilustra os dados referentes à estatística descritiva das alternativas escolhidas pelos participantes dos dois grupos para a Estória 5 (Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio).

Tabela 52. Médias, desvios-padrão e erro-padrão das alternativas de modificação por tipo de grupo na Estória 5 - Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio

ALTERNATIVAS	GRUPO	N	Média	Desvio-padrão	Erro padrão
A	Dep*	21	0,14	0,35	0,07
	Ndep	21	0,14	0,35	0,07
B	Dep	21	0,33	0,48	0,10
	Ndep	21	0,38	0,49	0,10
C	Dep	21	0,00	0,00	0,00
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00
D	Dep	21	0,38	0,49	0,10
	Ndep	21	0,47	0,51	0,11
E	Dep	21	0,09	0,30	0,06
	Ndep	21	0,00	0,00	0,00

* Dep: grupo com indicativos de depressão/ Ndep: sem indicativos de depressão.

A Tabela 52 expressa que a média de alternativas escolhidas pelos dois grupos de comparação foi maior em relação à alternativa “D”, que se referia a uma modificação no aspecto “evento não usual”.

A próxima tabela apresenta a significância das diferenças entre as médias de alternativas escolhidas pelos dois grupos de participantes.

Tabela 53. Estória 5: Teste-t comparando as médias de pontuação das alternativas de PC entre participantes dos dois grupos

Alternativas	F Levene	Sign.	T	DF	Sign	Diferença das médias
A	0,00	1,00	0,00	40	1,00	0,00
			0,00	40,00	1,00	0,00
B	0,38	0,53	-0,31	40	0,75	-0,04
			-0,31	39,96	0,75	-0,04
D	1,06	0,30	-0,61	40	0,54	-0,09
			-0,61	39,96	0,54	-0,09
E	10,51	0,00	1,45	40	0,15	0,09
			1,45	20,00	0,16	0,09

A partir da análise da Tabela 53, pode-se observar as diferenças entre as médias de pontuação de escolha de alternativas na Estória 5, entre os dois grupos (com e sem indicativos de depressão). A diferença entre as médias de pontuação de alternativas de modificação analisadas não foram expressivas, quando comparados os grupos com e sem indicativos de depressão. Conforme constatado pelos níveis de significância, as diferenças além de pouco expressivas não apresentam significado estatístico.

Os resultados encontrados a partir da questão 3, que implicava na escolha de alternativas previamente formuladas e que representavam modificações nas estórias, não apresentaram diferenças significativas entre os grupos investigados.

A Tabela 54 apresenta as alternativas mais escolhidas pelos participantes dos dois grupos para todas as estórias, bem como sua classificação quanto ao aspecto da realidade mais proeminente e quanto à forma.

Tabela 54. Alternativas mais escolhidas pelos participantes dos dois grupos, com sua respectiva classificação de aspecto da realidade e forma

Estória	Alternativa	Categoria	Forma
“A Tentação”	B	Obrigação	Ascendente
“No caminho de casa”	B	Obrigação	Ascendente
“Dilema da montanha”	D	Tempo	Ascendente
“Renascido para viver”	A	Ação/Inação	Ascendente
“Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”.	D	Evento não usual	Ascendente

Pode-se perceber a partir da Tabela 54, que a maioria das respostas mais escolhidas pelos participantes apresentava forma ascendente. As duas primeiras estórias tiveram maioria de respostas na categoria obrigação, enquanto que as outras apresentaram as categorias Tempo (“Dilema da montanha”), Ação/Inação (“Renascido para viver”) e Evento não usual (“Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”).

Na seção seguinte, os resultados obtidos no estudo 2 serão discutidos.

CAPÍTULO 5: DISCUSSÃO DO ESTUDO 2

O objetivo do segundo estudo consistiu na investigação do pensamento contrafactual de pessoas com e sem indicativos de depressão, buscando verificar se havia diferenças, entre esses dois grupos, no estilo de pensamento contrafactual, considerando a estrutura (aditiva, subtrativa e substitutiva), a forma (ascendente ou descendente), o alvo da mudança (autorreferente e heterorreferente) e os aspectos da realidade mais modificados de acordo com a literatura (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual).

Os resultados serão discutidos considerando a ordem em que foram apresentados na devida seção (“Resultados do Estudo 2”), ou seja, pela ordem das questões feitas aos participantes.

Em relação à questão 1, em que os participantes tinham que relatar se ocorreu algum pensamento sobre a estória lida, as categorias mais encontradas para as cinco estórias foram: pensamento contrafactual, para a estória 1 (“A Tentação”), constatação, para as estórias 2, 3 e 5 (“No caminho de casa”, “Dilema da montanha” e “Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”) e admiração para a Estória 4 (“Renascido para viver”).

A Estória 1 (“A Tentação”) foi, dentre as cinco, a que mais propiciou o aparecimento de pensamentos relacionados à categoria “pensamento contrafactual” ou seja, relatos que explicitaram uma mudança nos fatos ocorridos na estória. Além da categoria “pensamento contrafactual”, os pensamentos mais evocados por tal estória foram associados à categoria recriminação em relação às atitudes do(a) personagem da estória (dar o número de telefone para o paquera do(a) amigo(a), aceitar sair para jantar com ele(a)). A alta frequência tanto de pensamentos contrafactuais espontâneos, quanto de pensamentos de recriminação relatados para a Estória 1 pode ter decorrido do próprio

formato da estória, que envolvia um cenário de traição e que era contado em primeira pessoa, o que pode ter facilitado aos participantes se colocarem no lugar do personagem. Desta forma, quando solicitados a elaborar de forma mais espontânea pensamentos sobre ações relatadas, os participantes parecem ter sido favorecidos pela Estória “A Tentação”.

Em relação à categoria “constatação”, que foi mais frequente para as Estórias 2, 3 e 5 (“No caminho de casa”, “Dilema da montanha” e “Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”), deduz-se que essas podem ter sido estórias que não causaram inquietações nos participantes, fazendo-os apenas pensar nos próprios fatos ocorridos nas estórias, o que caracteriza tal categoria. A categoria “admiração” foi a que obteve mais registros na Estória 4 (“Renascido para viver”), o que pode se dever ao fato de que a estória de superação de todos os obstáculos encontrados pelo personagem causaram admiração nas pessoas que participaram da pesquisa. Essa estória era a que os participantes mais relatavam ter gostado de ler, pelo exemplo de vida do personagem.

Também foi possível constatar que as respostas relativas a pensamentos livres, isto é, geradas após uma questão aberta (Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo?) e que foram incluídas na categoria “pensamento contrafactual” apareceram apenas para as primeiras três estórias (“A Tentação”, “No caminho de casa” e “Dilema da montanha”).

No que se refere especificamente aos pensamentos contrafactuais (PCs) elaborados em resposta à primeira questão, estes foram analisados quanto às seguintes categorias: forma (ascendente e descendente), estrutura (aditiva, subtrativa e substitutiva), alvo da mudança (auto e heterorreferente) e aspecto da realidade (ação/inação, obrigação, tempo e evento não usual).

As Estórias 1, 2 e 3 (“A Tentação”, “No caminho de casa” e “Dilema da montanha”), apresentaram categorias similares com maior frequência de pensamentos ascendentes (melhores do que a realidade), subtrativos (que removia um aspecto da estória), autoreferentes e com modificações referentes à ação/inação.

Um fato importante de ser ressaltado, considerando a categoria “aspecto da realidade” modificado, é que, tanto os pensamentos contrafactuais (PCs) presentes nas respostas da Estória 2, quanto nas respostas da Estória 3 apresentaram, além do aspecto ação/inação, alta frequência do aspecto obrigação (segundo no número de ocorrências). Dos seis PCs referentes à ação/inação que apareceram na Estória 2 para o grupo com indicativos de depressão, quatro se enquadraram também na categoria “obrigação”. As modificações se referiram à ação do personagem ter parado no bar para tomar cerveja. As falas dos participantes como “Mudaria a parte do bar... Não aceitaria ir para o bar”; “Se ele não tivesse tomado a cerveja, talvez ele estivesse em casa”; “Em momento algum teria parado para tomar cerveja e deixar minha casa”, indicam que, entre os eventos que atrasaram a ida do personagem para casa (árvore bloqueando a rua, parada no bar e ataque de asma), a ação que mais parece gerar insatisfação é a “parada no bar”. Essas modificações coincidiram com uma alternativa previamente formulada para a Estória 2 e que foi avaliada pelos juízes, no estudo 1, se referindo ao aspecto obrigação. Trata-se da alternativa “B” (“Daniel não pararia no bar para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de socorrer a esposa”). Dessa forma, os pensamentos contrafactuais que tiveram como foco a modificação da ação de “parar no bar” também foram entendidos como modificações de algo menos aceito socialmente.

No mesmo sentido, os cinco PCs (dos dois grupos) que apareceram na Estória 3 se enquadraram nas categorias ação/inação e obrigação, sendo eles a respeito de um dos personagens não ter voltado para ajudar o amigo que havia caído na fenda.

Ações dos personagens da estória que se referiam ao abandono do amigo em uma situação difícil foram consideradas como menos aceitas socialmente, sendo que, entre as alternativas formuladas previamente para a Estória 3, no estudo 1, também havia uma alternativa de modificação nesse sentido (“Marcos não ficaria para salvar Luiz quando ele quebrasse a perna e, assim, Luiz não conseguiria sobreviver”) e que recebeu índice satisfatório de concordância entre os juízes para o aspecto obrigação.

O aparecimento da categoria obrigação corrobora com os estudos de McCloy e Byrne (2000) que apresentaram uma discussão a respeito da maior propensão das pessoas realizarem modificações mentais de eventos socialmente inaceitáveis quando relacionados a eventos socialmente aceitáveis. Seus estudos concluíram que a mutabilidade de eventos controláveis depende de quão apropriado socialmente esse evento é. Além disso, os resultados indicam que as pessoas tendem a pensar contrafactualmente a respeito de situações socialmente inapropriadas, até mesmo quando seu desfecho é positivo (McCloy e Byrne, 2000).

No geral, as respostas dos dois grupos com relação à primeira questão apresentaram poucos pensamentos contrafactuais espontâneos e sua ocorrência foi diminuindo ao longo da apresentação das estórias. As três primeiras estórias, considerando as características da amostra, foram as mais eficazes na produção de pensamentos contrafactuais “livres” ou “espontâneos”, com destaque à primeira delas.

Uma possível explicação para essa diminuição pode ser o próprio conteúdo das estórias. A primeira Estória (“A Tentação”) apresentava um enredo envolvendo traição entre amigos(as) e, que era lido em primeira pessoa, o que facilitava ao participante se colocar no lugar do personagem e sentir-se mal com a situação “vivenciada”. A segunda Estória (“No caminho de casa”) apresentava uma situação cotidiana plausível (um homem, No caminho de casa e que encontrava obstáculos no

caminho), mas que não era escrita em primeira pessoa, o que pode dificultar a possibilidade do estabelecimento da empatia. A terceira Estória (“Dilema da montanha”) apresentava uma trama mais distante da realidade dos participantes e que, embora tivesse em seu enredo situações dramáticas, terminava com um desfecho positivo, o que pode ter diminuído a ocorrência desse tipo de pensamento. Todas as modificações livres feitas para essa estória (terceira) se referiram ao dilema moral vivido pelos personagens (Marcos não ter voltado para ajudar Luiz) o que, mais uma vez ressalta o fato de aspectos socialmente inaceitáveis serem mais modificados do que aspectos socialmente aceitáveis (McCloy & Byrne, 2000).

Analisando o enredo das Estórias, pode-se verificar algumas ações possivelmente entendidas como socialmente inaceitáveis, o que pode ser uma possível explicação para a ocorrência dos PCs relacionados ao aspecto obrigação. Na Estória 1 (“A Tentação”), a ação de dar o telefone para o(a) paquera do(a) amigo(a) pode ser vista como socialmente inaceitável. Na Estória 2 (“Voltando par casa”) vários imprevistos acontecem no caminho de Daniel, o que faz com que ele chegue tarde demais em casa para ajudar a esposa que havia sofrido um ataque cardíaco. Entre os imprevistos ocorridos no seu caminho (árvore bloqueando a rua, parada no bar com amigo e ataque de asma), a ação mais inaceitável socialmente foi a de parar no bar. Além disso, a “parada no bar” é a única ação controlável, ou seja, que está dentro do controle do personagem, a única que ele poderia ter escolhido não fazer. Em relação à Estória 3 (“Dilema da montanha”) entre as ações que ocorrem no enredo (Luiz ter caído e quebrado a perna, Marcos ter ficado para ajudar o amigo com a perna quebrada, Luiz ter caído na fenda, Marcos ter cortado a corda, Marcos ter voltado ao acampamento sem Luiz) duas podem ser consideradas relacionadas a ações sociais: Marcos ter ficado para ajudar o amigo com a perna quebrada (em um primeiro momento) e Marcos não ter

voltado para ajudar o amigo que havia caído na fenda. O primeiro caso (Marcos ficar para ajudar quando Luiz quebrou a perna) é considerável socialmente mais aceito do que o segundo (Marcos não ter voltado para ajudar quando Luiz caiu na fenda).

Na mesma linha e no que se refere às duas últimas estórias, na Estória 4 é apresentado um enredo de sucesso, de superação de um câncer. Entre as ações relatadas na estória pode-se assinalar: Lauro não ter desistido de lutar contra o câncer, não ter desistido do ciclismo, ter ganhado vários prêmios mundiais, o amigo ter denunciado o falso doping, Lauro ter cinco filhos, apesar da infertilidade causada na maioria das pessoas pelo tratamento do câncer. Entre essas ações, a única entendida como uma ação que fere as normas sociais é a denúncia de falso *doping*. Quanto à Estória 5 (“Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”), as ações que podem ser assinaladas são: o desabamento ter acontecido, Alexandre ter olhado pela janela e visto o reboco caindo, Alexandre ter entrado no elevador, Alexandre ter ligado para o amigo que estava fora do prédio, os bombeiros terem salvado Alexandre. Das ações listadas, a única que menciona um fator social é sobre o salvamento pelos bombeiros, já que se entende que essa é a função destes profissionais.

As Estórias 4 e 5 (“Renascido para viver” e “Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”), apresentaram eventos mais plausíveis para o cotidiano dos participantes (o câncer e um desabamento de prédio), mas tinham como característica a superação e, conseqüentemente, um desfecho positivo, o que pode explicar a não ocorrência de pensamentos contrafactuais espontâneos para esses enredos. Além disso, as ações das Estórias 4 e 5 que podem ser relacionadas ao aspecto obrigação, frequentemente visto nas outras estórias, referem-se a outros personagens que não os protagonistas, como o caso do amigo de Lauro que fez a denúncia de *doping* e dos bombeiros que salvaram Alexandre do desabamento.

No geral, os pensamentos contrafactuais espontâneos, encontrados nos relatos dos participantes para a primeira questão, foram 100% ascendentes, ou seja, nenhum dos participantes da pesquisa relatou pensamentos contrafactuais descendentes (piores do que as realidades apresentadas nas histórias) quando questionados sobre pensamentos espontâneos, o que corrobora com os dados da literatura (Roese, 1994, 1997), que apontam maior frequência desse tipo de pensamento.

Outro dado que corrobora com a literatura é o de que mais participantes com indicativos de depressão tenderam a gerar pensamentos contrafactuais espontâneos, em relação aos participantes sem indicativos de depressão, como apresentado no estudo de Quelhas (2008). Vale dizer que as significâncias das diferenças não foram analisadas nas respostas à primeira questão, no entanto, a análise da frequência de ocorrência das respostas pode apontar uma tendência.

Com relação aos pensamentos contrafactuais direcionados (na questão era dada ênfase à elaboração de um pensamento que diferisse da história original), gerados a partir da questão 2 (Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a história tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?) também foram encontrados, na sua maioria, pensamentos ascendentes, subtrativos, autoreferentes e referentes a uma modificação de ação/inação atreladas à obrigação.

Para as Histórias 1 e 2 (“A Tentação” e “No caminho de casa”), não foram encontradas diferenças significativas nos padrões de respostas entre os dois grupos de participantes, o que indica não ter havido diferença na forma como pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão geraram pensamentos contrafactuais, quando direcionados a isso. Os resultados quanto ao aspecto da realidade

mais modificado para essas duas estórias (ação/inação e obrigação) corroboram com os dados de McCloy e Byrne (2000). Nota-se que mais pessoas sem indicativos de depressão realizaram modificações direcionadas para essas estórias do que pessoas com indicativos de depressão.

A partir da Estória 3 (“Dilema da montanha”), começam a aparecer algumas diferenças significativas nas respostas dos participantes quando requisitados a realizarem modificações nas estórias. Neste sentido, na Estória 3, foram registrados mais pensamentos contrafactuais direcionados entre participantes do grupo com indicativos de depressão e esses se configuraram como ascendentes, subtrativos, autoreferentes e referentes ao aspecto ação, seguidos do aspecto obrigação. Quanto aos PCs direcionados relatados pelos participantes do grupo sem indicativos de depressão, houve diferença nas respostas quanto à estrutura, que apresentou maioria de PCs aditivos. O aparecimento de mudanças em aspecto socialmente inaceitável (deixar o amigo na fenda) surgiu em quase metade dos PCs de pessoas com indicativos de depressão e em mais da metade dos PCs de pessoas sem indicativos de depressão, o que reflete nas conclusões de McCloy e Byrne (2000), que apontam uma predileção para modificação de eventos socialmente inaceitáveis.

Estudos de Roese (1993) sugerem que as pessoas tendem a gerar mais pensamentos aditivos após vivenciarem uma situação de fracasso e subtrativos após vivenciarem uma situação de sucesso. No caso da Estória 3, a maioria das modificações (para ambos os grupos) se referia ao fato de Marcos ter deixado Luiz na fenda, sem ter voltado para resgatá-lo o que se configura numa situação de fracasso. O que se nota é que, diferente do apontado por Roese (1993), pessoas com indicativos de depressão tenderam a gerar mais pensamentos subtrativos mesmo após situações de fracasso, o

que pode indicar uma tendência de possível falha na função preparatória do pensamento contrafactual para esse grupo (pessoas com indicativos de depressão).

A função preparatória do pensamento contrafactual, configura-se como uma importante ferramenta que pode ajudar as pessoas a entenderem eventos passados e se prepararem para eventos futuros que possam ser similares (Roese & Olson, 1995; Well & Gavanski, 1989). Assim, um aluno que tirou uma nota ruim em uma prova, pode pensar que poderia ter ido melhor se tivesse estudado mais. Esse pensamento pode provocar uma dor momentânea, um arrependimento, mas tende a impulsionar o aluno a se preparar melhor para provas futuras (Quelhas *et al.*, 2008). De acordo com Roese (1994), o pensamento ascendente de estrutura aditiva indica uma propensão maior para essa função do pensamento contrafactual, já que oferece formas melhores do que a realidade e que proporcionam mais opções de ação.

No caso das respostas subtrativas dadas para a Estória 3 (“Dilema da montanha”) as modificações como “não ir escalar”, “não cortar a corda” ou “não quebrar a perna” não oferecem novas opções de enfrentamento da condição, apenas eliminam os fatos desagradáveis, diferentemente da asserção “tentaria encontrar o amigo”, que indica uma forma de ação mais concreta e pode servir como forma de comportamento em situações futuras.

Ainda em relação à Estória 3, outro resultado se refere à grande frequência de pensamentos contrafactuais que retiram uma experiência (no caso, a escalada na montanha) para “melhorar” a estória, o que apareceu com maior número de ocorrências entre participantes com indicativos de depressão (seis participantes fizeram modificações desse tipo, enquanto que apenas um participante do grupo sem indicativos relatou que não teria ido escalar), indicando uma tendência no grupo de pessoas com indicativos de depressão. Esse dado pode gerar uma reflexão a respeito da importância

da experiência, mesmo que negativa, para a vivência individual e pode denotar uma possível crença entre pessoas com indicativos de depressão de que os problemas não apresentam algo de positivo. Para pessoas depressivas, a experiência negativa pode acentuar os sintomas de culpa e ideias de inutilidade (OMS, 1993), levando-as a uma má interpretação de eventos cotidianos, que as fazem ter avaliações negativas e irrealistas do próprio valor (APA, 2002, p. 350).

A Estória 4 (“Renascido para viver”) foi a que mais propiciou diferenças significativas entre as médias de pontuação de participantes com e sem indicativos de depressão. Isto porque foram constatadas diferenças significativas entre os participantes dos dois grupos no que se refere às categorias: ascendente, subtrativa, auto e heterorreferente, ação/inação e evento não usual. Tal fato pode indicar um padrão de respostas cognitivas diferentes entre pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão, quando pensam sobre eventos envolvendo doença, como o câncer. Dado que eventos negativos, para pessoas com depressão, aparecem de forma mais acentuada, aparecendo como um senso exagerado de responsabilidade pelas adversidades da vida (APA, 2002), a exclusão do problema se torna a melhor alternativa de resolução do mesmo. Não há espaço para se entender o problema como algo a ser superado, há apenas lamentações e rumações por se ter o problema.

Na Estória 4, a maioria dos participantes sem indicativos de depressão (19 de 21) não fez modificações direcionadas, o que significa dizer que foram registrados mais pensamentos contrafactuais entre pessoas com indicativos de depressão do que entre pessoas sem esse indicativo. Os PCs do grupo com indicativos de depressão foram caracterizados, principalmente, como ascendentes, subtrativos, heterorreferentes e referentes ao aspecto ação/inação, seguido pelo aspecto evento não usual. Houve uma grande número de PCs eliminando o câncer do personagem da estória, o que se

configura como um pensamento ascendente (melhora a estória), subtrativo (retira um elemento câncer), heterorreferente (não depende do controle do personagem) e evento não usual (por não ser algo que se espera para o cotidiano das pessoas).

Esse padrão de pensamento, apesar de ascendente, pode indicar uma falha na função preparatória do pensamento contrafactual, já que se configura como heterorreferente, ou seja, como uma mudança que está fora do controle do participante, o que corrobora com a hipótese de Markman *et al.* (2009), de que pensamentos contrafactuais ascendentes podem ser menos funcionais para indivíduos que sofrem de depressão. A retirada do câncer, assim como a retirada da escalada da Estória 3, pode indicar a crença de que a experiência negativa não apresenta benefícios para a vivência das pessoas.

Em relação à Estória 5 (“Celular e elevador salvam ajudante de obras no Rio”), os resultados quanto aos PCs direcionados apresentam-se mais frequentes entre participantes com indicativos de depressão e configuram-se na sua maioria por pensamentos ascendentes, subtrativos, auto e heterorreferentes (com mesmo número de ocorrências para as duas condições) e referente ao aspecto ação/inação, seguidos do aspecto evento não usual. Vale lembrar que modificações a respeito do desabamento do prédio foram caracterizadas como evento não usual sendo essa uma modificação muito frequente entre os dois grupos (sete ocorrências para cada grupo). Essa estória apresentou diferenças significativas entre as médias de pontuações dos dois grupos, no que se refere a pensamentos descendentes (apareceram apenas no grupo com indicativos de depressão) e na estrutura substitutiva (que apareceu apenas no grupo sem indicativos).

Diferentemente do que foi observado nas Estórias 1 e 2, as 3 estórias finais (“Dilema da montanha”, “Renascido para viver” e “Celular e elevador salvam ajudante

de obras no Rio”) apresentaram um maior número pensamentos contrafactuais entre pessoas com indicativos de depressão. O que pode ser observado desse dado é que, quando a estória apresentava um desfecho negativo (que é o caso das Estórias 1 e 2), mais pessoas sem indicativos de depressão buscaram fazer modificações nos eventos ocorridos, enquanto que, quando o desfecho era positivo, mais pessoas com indicativos de depressão buscaram fazer modificações nas estórias. Esse dado traz uma reflexão importante a respeito do fenômeno depressivo, já que pessoas com indicativo de depressão preferiram fazer modificações em situações difíceis, mas que foram resolvidas no final, enquanto que, para eventos com desfecho negativo, um menor número de pessoas com indicativos de depressão se engajou nesse tipo de pensamento.

Com relação a todas as estórias apresentadas, pode-se concluir que a maioria dos PCs direcionados se relacionou à forma ascendente, o que corrobora com a literatura (Justino & Schelini, 2010; Juhos *et al.*, 2003; Faccioli & Schelini, 2009, Roese, 1994, 1997; Quelhas, 2008). A estrutura mais encontrada para os dois grupos foi a subtrativa, embora em número mais expressivo entre participantes com indicativos de depressão (75 ocorrências para participantes com indicativos de depressão e 47 para os sem indicativos). Também apareceu uma maioria de pensamentos autoreferentes e que se referiam ao aspecto ação/inação.

Em relação à escolha de alternativas (questão 3), o padrão de PCs também se configurou como ascendente, sendo que nenhum participante escolheu uma alternativa pior do que a realidade apresentada pelas estórias, o que corrobora com os dados da literatura (Justino & Schelini, 2010; Juhos *et al.*, 2003; Faccioli & Schelini, 2009, Roese, 1994, 1997; Quelhas, 2008).

Quanto ao aspecto da realidade, os resultados apontam para uma modificação representativa na categoria obrigação sempre que esta se apresentava entre

as alternativas como um aspecto socialmente aceitável (como no caso das duas primeiras histórias em que as alternativas para essa categoria eram “Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga” e “Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital”). Entretanto, quando a modificação referente ao aspecto obrigação fazia uma modificação social menos aceita do que a da história (como nos casos “Marcos não ficaria para salvar Luiz quando ele quebrasse a perna e, assim, Luiz não conseguiria sobreviver”, “Os exames de *doping* teriam dado positivo e, desobedecendo às ordens do comitê esportivo, Lauro continuaria a correr” e “Os bombeiros, mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador, ignorariam o chamado de Alexandre”), as pessoas tendiam a escolher outras alternativas. Nota-se também, que as duas sentenças referentes à obrigação das Histórias 1 e 2 eram ascendentes, enquanto que as três últimas apresentavam-se sobre a forma descendente, o que pode ter favorecido outras opções.

O aspecto tempo, mais pontuado para a História 3, indica uma remoção de aspecto também relatado pelos participantes quando estes fizeram modificações direcionadas: o fato de não ir escalar esse dia, com a prerrogativa de que não escalariam por causa da avalanche que aconteceria antes da partida. Essa alternativa foi mais frequente para ambos os grupos, sendo que participantes do grupo sem depressão, que não haviam apresentado alta frequência para essa questão nas modificações direcionadas, optaram também por eliminar a aventura dos escaladores.

Em relação ao aspecto ação/inacção, mais pontuado para a História 4, pode-se ressaltar o fato de que a alternativa referente a esse aspecto era a única dentre as opções que tinha uma modificação ascendente, não ficando claro aqui se o que controlou a escolha das alternativas foi a forma (ascendente) ou o aspecto da realidade (ação/inacção).

Com relação à Estória 5, houve maior número de respostas para a alternativa que representava o aspecto evento não usual, seguido da escolha da alternativa que representava o aspecto ação/inação. As duas alternativas se enquadram como “ascendentes”, o que pode ter influenciado na maior escolha de ambas. Vale ressaltar aqui, que, apesar de muito próximas, a alternativa B (“Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido”), representante do aspecto ação/inação, coloca sujeitos na oração, o que implica que alguém teria prevenido o acidente, enquanto que a alternativa D (“Como deveria ser, o prédio não desabaria durante a reforma e tudo estaria normal”), apenas retira, de maneira não explicada, o evento trágico, não usual na vida das pessoas. A escolha maior por essa alternativa pode indicar uma lacuna na função preparatória do pensamento contrafactual, por apresentar uma mudança que não traz elementos novos (subtrativa) e não responsabiliza um agente pelo fato ocorrido.

A frequência de alternativas não apresentou diferenças significativas entre as médias de pontuação dos dois grupos para nenhuma das estórias apresentadas, indicando não haver diferenças na maneira como os participantes com e sem indicativos de depressão elegeram as alternativas elaboradas no estudo 1 e avaliadas por juízes, participantes do mesmo estudo.

No geral, as diferentes questões levaram a resultados semelhantes, configurando pensamentos contrafactuais nos mesmos estilos (maioria ascendente, subtrativo, autorreferente e de modificação de ação/inação). A questão 1 parece ter sido importante, porque por meio dela foi possível verificar a geração de pensamentos contrafactuais espontâneos, ou seja, que surgissem sem que fosse solicitado diretamente aos participantes. Essa questão permitiu perceber se as estórias foram eficientes para que o participante se colocasse no lugar dos personagens e pensasse a partir da

perspectiva de quem estava vivenciando os eventos narrados, sendo que as histórias que mais proporcionaram esse tipo de pensamento foram as 1, 2 e 3 (“A Tentação”, “No caminho de casa” e “Dilema da montanha”), especialmente a História 1, que foi a que mais propiciou o aparecimento de pensamentos contrafactuais espontâneos. É natural que o número de pensamentos de modificação espontâneos seja menor do que o número de PCs direcionados (gerados pela questão 2), já que na questão 2 era pedido explicitamente para que as modificações fossem realizadas.

Da mesma forma, a questão 2, que pedia para que o participante fizesse modificações nos eventos das histórias, parece ter sido relevante para garantir, que mesmo não sendo gerado espontaneamente, o pensamento contrafactual aparecesse para que pudesse ser analisado e comparado entre os grupos pesquisados. As histórias que mais propiciaram o aparecimento de PCs direcionados (evocados por meio da questão 2) foram as Histórias 1 e 3 (“A Tentação” e “Dilema da montanha”); e a história que mais gerou diferença significativa entre as médias de pontuação foi a História 4 (“Renascido para viver”), que propiciou o aparecimento de pensamentos contrafactuais mais para o grupo de pessoas com indicativos de depressão do que para o grupo sem indicativos de depressão. Por fim, a questão 3 apresentava um formato mais fechado, para aumentar as chances de surgirem pensamentos contrafactuais que pudessem ser analisados entre os dois grupos, sendo que não apareceram diferenças significativas para a escolha das alternativas em todas as histórias apresentadas.

O material elaborado no Estudo 1 permitiu a investigação dos pensamentos contrafactuais a respeito de histórias reais, o que garantiu a análise e comparação entre o pensamento contrafactual de dois grupos populacionais: pessoas com indicativos de depressão e pessoas sem indicativos de depressão. No entanto, há considerações a serem

feitas principalmente no que se refere às limitações do segundo estudo, o que será realizado na próxima seção.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos resultados apresentados e discutidos pela presente pesquisa pode-se dizer que os objetivos propostos foram alcançados, tendo sido possível acessar e comparar o pensamento contrafactual de pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão.

Sendo a depressão um fenômeno mundial, do qual se estima um aumento significativo nos próximos anos (WHO, 2011), o surgimento de estudos que contribuam para sua prevenção ou tratamento são fundamentais como forma de buscar ferramentas que possam colaborar para o entendimento desse fenômeno.

Como os estudos sobre pensamento contrafactual são relativamente novos (os primeiros datam de 1983) e, especialmente no contexto brasileiro são escassos, a busca por um método inovador para acessar o pensamento contrafactual foi necessária. Assim, buscou-se na literatura da área as formas como esse pensamento tem sido estudado para fundamentar o material proposto pelo Estudo 1 da presente pesquisa. Entre as possibilidades encontradas nos estudos, pode-se ressaltar o uso de cenários pré-elaborados (Juhos *et al.*, 2003; McCloy & Byrne, 2000; Quelhas, 2008), o uso de relatos pessoais (Quelhas, 2008; Roese, 1994, 1997), o uso de maquetes e bonecos (Faccioli & Schelini, 2009) e o uso de histórias adaptadas de contos de fada (Justino & Schelini, 2010). Optou-se pelo uso de cenários adaptados de estudos da literatura e, ainda, histórias reais adaptadas de jornais e revistas, que contivessem situações de vida com descrição rica em detalhes, por considerar que o uso de autorrelatos pudesse evocar nos participantes com indicativos de depressão emoções e sentimentos difíceis de serem manejados em apenas um encontro com a pesquisadora. Esse cuidado foi importante visto que, mesmo com relatos “fictícios”, alguns participantes demonstraram sentimentos de tristeza e choro ao pensar sobre as histórias apresentadas. Nesses casos,

todo o cuidado ético foi garantido, sendo providenciada a interrupção da entrevista e a escuta psicológica, como forma de aliviar os sentimentos dos participantes.

Além disso, as diferentes estórias demonstraram respostas similares entre os participantes, o que indica que os enredos propiciaram um padrão na forma de pensar em modificações possíveis para os contextos apresentados. Esse fato facilita a evocação e o entendimento dos possíveis pensamentos contrafactuais relatados a partir do material proposto no Estudo 1. Entretanto, faz-se importante considerar as limitações apontadas por Kassimatis e Wells (1995), de que cenários fictícios podem evocar respostas fictícias e hipotéticas que podem não condizer a formas de agir em um ambiente natural. Apesar dessas ponderações, as estórias puderam permitir o acesso a pensamentos de como as pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão modificam eventos cotidianos ou reais.

Uma das limitações encontradas nesse estudo refere-se à busca por participantes com indicativos de depressão que, apesar do alto índice de incidência populacional desse distúrbio, poucas são as pessoas atendidas por instituições públicas de saúde e, das poucas encontradas na unidade de saúde em questão, algumas não se disponibilizaram a participar da pesquisa. Apesar desta dificuldade, as amostras encontradas para os dois grupos apresentaram-se homogêneas quanto à idade, gênero e escolaridade, sendo possível fazer um paralelo entre os pensamentos dos participantes de ambos os grupos.

Os resultados, apesar de demonstrarem poucas diferenças estatisticamente significativas, indicam uma tendência nos padrões de pensamentos das pessoas, o que tornam necessários estudos com amostras populacionais maiores, que possam comparar um maior número de respostas entre pessoas com indicativos de depressão e sem indicativos de depressão.

Um importante fator do pensamento contrafactual, a função, tanto afetiva quanto preparatória, não foi investigado pela presente pesquisa, ressaltando-se a importância da inclusão de metodologias que busquem entender qual a função do pensamento contrafactual para pessoas com indicativos de depressão. De acordo com alguns autores, os pensamentos contrafactuais podem não ter as mesmas funções para pessoas com depressão (Markman *et al.*, 2009), sendo que, pensamentos ascendentes, que se apresentariam como um propulsor para engajamentos futuros podem ser menos funcionais para pessoas com sintomas depressivos.

Além disso, parece ser importante, no que se refere à análise de dados, realizar a análise da significância das diferenças em relação a todas as frequências de respostas obtidas, fato que não ocorreu nesta pesquisa. Finalmente, vale destacar a importância de novas pesquisas na área e que envolvam grupos distintos, variadas faixas etárias e metodologias semelhantes ou não à utilizada na presente pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Associação Americana de Psiquiatria (2002). *DSM-IV-TR- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (4^a. Ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Bahls, S. C. (1999). Depressão: uma breve revisão dos fundamentos biológicos e cognitivos. *Interação em Psicologia, Curitiba*, 3(1), 49-60.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, Trad.). São Paulo: Edições 70, Livraria Martins Fontes (Obra original publicada em 1977).
- Beck, A. T.; Rush, A. J.; Shaw, B. F.; Emery, G. (1997). *Terapia cognitiva da depressão* (S. Costa, Trad.). Porto Alegre, RS: Artmed. (Obra original publicada em 1979).
- Byrne, R. M. J. (2002). Mental models and counterfactual thoughts about what might have been. *Trends in Cognitive Sciences*. 6(10) 426-431.
- Byrne, R. M. J. (2005). *The rational imagination*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- Byrne, R. M. J. & Girotto, V. (2009). Cognitive processes in counterfactual thinking. In K. D. Markman; W. M. P. Klein; J. A. Suhr (Eds.). *Handbook of Imagination and Mental Simulation*. Psychology Press. (pp. 151-160). Nova York, NY.
- Byrne, R. M. J. & Quelhas A. C. (1999). Raciocínio contrafactual e modelos mentais. *Análise Psicológica*, 17 (4) 713-721. Recuperado em 5 de março, 2009, de <http://www.scielo.br> ISSN 0870-8231.
- Burguess, A. W. & Holmstrom, L. (1979). *Rape: crisis and recovery*. Bowie, MD: Brady.

- Callender, G.; Brown, G. P.; Tata, P. & Regan, L. (2007). Counterfactual thinking and psychological distress following recurrent miscarriage. *Journal of reproductive and infant psychology*, 25, 51-65.
- Chase, H.; Camille N.; Michael, A.; Bullmore E. T.; Robbins T. W. & Sahakian B. J. (2010). Regret and the negative evaluation of decision outcomes in major depression. *Cognitive, Affective & Behavioral Neuroscience*, 10 (3), 406-413.
- Chauí, M. (2006). *Convite à Filosofia*. (13ª Ed.). São Paulo: Ed. Ática.
- Cunha, J. A. (2001). *Manual da Versão em português das Escalas Beck*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Epstude, K.; Roese, N.J. (2008). The functional theory of counterfactual thinking. *Personality and Social Psychology Review*, 12, 168-192.
- Faccioli, J. S.; Schelini, P. W. (2009). *A imaginação de crianças com necessidades especiais*. Monografia não publicada. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Faccioli, J. S.; Justino, F. L. C.; Schelini, P. W. (2012). Elaboração de técnica para avaliação de pensamento contrafactual em adultos. *Anais da 42ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia e VIII Congresso Iberoamericano de Psicologia [Painel]*, São Paulo, SP, Brasil.
- Folger, R. (1984). Perceived injustice, referent cognitions, and the concept of comparison level. *Representative Research in Social Psychology*, 14, 88-108.
- Hooker, C.; Roese N. J.; Park S. (2000). Impoverished counterfactual thinking is associated with schizophrenia. *Psychiatry*, 63(4), 326-335.

- Juhos, C.; Quelhas, A. C.; Senos, J (2003). Pensamento contrafactual na depressão. *Psychologica*, 32, 199-215.
- Justino F. L. C.; Schelini, P. W. (2010). *Análise da capacidade de modificação de estórias em crianças, adultos e idosos*. Monografia não publicada. Universidade Federal de São Carlos.
- Kassimatis, M; Wells, G. L. (1995). Individual differences of counterfactual thinking. In Roese, N. J.; Olson, J. M. (Eds.). *What might have been: the social psychology of counterfactual thinking*.(Vol. 1, Cap. 3, pp. 81-101). New Jersey: LEA.
- Leithy, S.E.; Brown, G.P.; Robbins, I. (2006). Counterfactual thinking and posttraumatic stress reactions. *Journal of Abnormal Psychology*, 3, 629-635.
- Mandel, D. R., Hilton, D. J., Catellani, P. (2005). *The psychology of counterfactual thinking*. New York, NY: Routledge.
- Markman, K. D.; Karadogan, F.; Lindberg, M. J.; Zell, E. (2009). Counterfactual Thinking: Function and Dysfunction. In K. D. Markman; W. M. P. Klein; J. A. Suhr (Eds.). *Handbook of Imagination and Mental Simulation*. Psychology Press. (pp. 175-195). Nova York, NY.
- Markman, K. D.; Klein, W. M. P.; Suhr, J. A. (2009). Overview. In K. D. Markman; W. M. P. Klein; J. A. Suhr (Eds.). *Handbook of Imagination and Mental Simulation*. Psychology Press. Nova York, NY.
- McCloy, R.; Byrne, R. M. J. (2000). Counterfactual thinking about controllable events. *Memory and Cognition*, 28, 6, 1071-1078.
- McMahon, A. (2009). *Counterfactual thinking about social situations in social anxiety*. Dissertação de mestrado, Trinity College Dublin, Dublin.

- McNamara, P.; Durso, R.; Brown, A.; Lynch, A. (2003). Counterfactual cognitive deficit in persons with Parkinson's disease. *Journal of Neurology, Neurosurgery & Psychiatry*, 74, 1065–1070.
- Miranda, M. (2011, dezembro). Dilema da montanha. *Revista Superinteressante – Edição Especial*, São Paulo, SP: Abril.
- Miranda, M. (2011, dezembro). Renascido para viver. *Revista Superinteressante – Edição Especial*. São Paulo, SP: Abril.
- Organização Mundial de Saúde (1993). *Classificação de transtornos mentais e do comportamento da CID-10: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas*. (D. Caetano, Trad.), Porto Alegre: Artes Médicas. (Obra original publicada em 1992).
- Porto, J. A. D. (1999). Conceito e diagnóstico. *Revista Brasileira de Psiquiatria (online)*, 21, 1, 6-11.
- Quelhas, A. C.; Power, M. J.; Juhos, C.; Senos, J. (2008). Counterfactual thinking and functional differences in depression. *Clinical Psychology and Psychotherapy*, 15, 352-356.
- Roese, N.J.; Olson, J.M. (1993). Self-esteem and counterfactual thinking. *Journal of Personality and Social Psychology*, 65, (1), 199-206.
- Roese, N. J. (1994). The functional basis of counterfactual thinking. *Journal of Personality and Social Psychology*, 56, 5, 805-838.
- Roese, N., & Olson, J.M. (1995). Counterfactual thinking: A critical overview. In N.J. Roese, & J.M. Olson (Eds.). *What might have been: The social psychology of counterfactual thinking* (pp. 169-197).
- Roese, N. J. (1997). Counterfactual thinking. *Psychological Bulletin*, 121, (1), 133-148.
- Roth, I. (2007). *Imaginative minds*. England. Oxford University Press.

- Sartre, J. P. (2008). *Imaginação*. (P. Neves, Trad.). Porto Alegre: L&PM Pocket. (Obra original publicada em 1969).
- Singer, D.G.; Singer, J.L. (2007). *Imaginação e jogos na era eletrônica*. (G. Klein. Trad.) Porto Alegre: Artmed.
- Tabak, B. (2012). Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio. Recuperado em 26, janeiro, 2012 de <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/01>.
- Taylor, S.E.; Wood J.V.; Lichtman, R.R. (1983). It could be worse: selective evaluation as a response to victimization. *Journal of Social Issues*, 39(2), 19-40.
- Teixeira, J. M. (2001). Comorbilidade: depressão e ansiedade. Recuperado em 26 de abril, 2012 de http://www.saude-mental.net/pdf/vol3_rev1_artigo1.pdf.
- Teng, C.T.; Humes, E.C.; Demetrio, F.N. (2005). *Depressão e comorbidades clínicas*. Revista de Psiquiatria Clínica. 32(3), 149-159.
- Vygotski, L.S. (1996). *La imaginación y el arte en la infancia (Ensayo Psicológico)*. (3ª. Ed.). Madrid, Espanha: Editora Akal, S. A.
- Wells G. L.; Gavanski I. (1989). Counterfactual process of normal and exceptional events. *Journal of Experimental Social Psychology*, 25, (4), 314-325.
- Wong, E. M.; Galinsky, A. D.; Kray, L. J. (2009). The counterfactual mind-set: A decade of research. In Markman K. D.; Klein, W. M. P.; Suhr, J. A. *Handbook of Imagination and Mental Simulation*. (161-174). Psychology Press. Nova York, NY.
- World Health Organization (2011). *Depression*. Recuperado em 18, janeiro, 2011 de http://www.who.int/mental_health/management/depression/definition/en.

ANEXO 1

CARTA ENTREGUE AOS JUÍZES

Prezado juiz,

Nós, Florença L.C. Justino e Juliana S. Faccioli, alunas do curso de mestrado do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de São Carlos, sob orientação da Profa. Dra. Patrícia Waltz Schelini, desenvolvemos nossas dissertações na área da imaginação estudando um construto relativamente novo denominado pensamento contrafactual.

O pensamento contrafactual consiste em representações mentais de versões alternativas para o passado, ou seja, as formas como imaginamos o que poderia ter acontecido em alguma situação já ocorrida, modificando elementos do real para obter fatos diferentes do vivenciado. Nossos trabalhos têm por objetivo avaliar essa capacidade cognitiva em grupos populacionais específicos, quais sejam depressivos e mulheres vítimas de violência doméstica. Para tal, estamos desenvolvendo um método específico para estes estudos, uma vez que ainda não há pesquisas sobre o tema no contexto brasileiro.

Nosso método utiliza notícias de jornais e revistas seguidas de alternativas de modificação que contemplam aspectos descritos na literatura como aqueles que tendem a ser modificados pelos indivíduos quando estes se engajam no pensamento contrafactual.

Os aspectos da realidade mais prontamente modificados são ação, obrigação, causa, tempo e eventos não usuais. Modificações relacionadas à ação acontecem quando as pessoas se arrependem de ações que tenham levado a um desfecho ruim. O mesmo vale para inações, quando estas levam a um desfecho ruim. As pessoas tendem a gerar mais pensamentos contrafactuais quando realizam uma ação, do que quando não realizam. Mudanças em relação à obrigação fazem referência àquilo que é permitido e ao que é proibido. Situações proibidas acarretam em obrigações pessoais e sociais. Há uma tendência para a modificação de eventos controláveis e socialmente inapropriados. Modificações relacionadas à causa ocorrem quando há uma relação causal, ou seja, as pessoas identificam um importante fator determinante do evento em sua sequência causal e o modificam. O aspecto temporal refere-se à modificação na sequência temporal dos acontecimentos. Há um foco maior para eventos mais recentes. Eventos não usuais denotam uma falha na normalidade. A modificação desse aspecto refere-se, pois, ao reestabelecimento da normalidade, uma vez que trazê-los de volta a realidade é mais fácil do que ir além da normalidade.

Tendo em vista a necessidade de garantir que as alternativas propostas estejam realmente fazendo referência a um dos aspectos da realidade que tendem a ser modificados, solicitamos sua colaboração na avaliação das mesmas. A capacitação da qual você participou teve por objetivo apresentar o conceito de pensamento contrafactual e dos aspectos da realidade modificados de modo a torna-lo capaz de dar os elementos necessários para que você avalie as alternativas.

Gostaríamos que você categorizasse cada uma das alternativas de cada notícia em um dos aspectos da realidade que são modificados e, ainda, avaliasse a clareza das mesmas e das instruções que estão sendo dadas. Solicitamos que caso haja necessidade você

proponha a eliminação de uma ou mais histórias desse material justificando a sua escolha. Sugestões e modificações são bem vindas.

Desde já agradecemos a sua colaboração!
Cordialmente,

Florença Justino
(*mestranda*)

Juliana Faccioli
(*mestranda*)

Patrícia Schelini
(*orientadora*)

ANEXO 2- ATIVIDADE REALIZADA NA CAPACITAÇÃO

Estória 1: O rato, o pássaro e a salsicha

Era uma vez um rato, um pássaro e uma salsicha, que moravam juntos, em perfeita paz e grande prosperidade. A ocupação do pássaro era voar até a floresta todos os dias e trazer lenha para casa. O rato devia tirar água do poço, acender o fogo e por a mesa. E a salsicha cozinhava. Mas ninguém está contente neste mundo, e há sempre quem queria ter mais. Um dia, o pássaro encontrou outro pássaro no caminho e contou-lhe quais eram suas excelentes condições de vida. O outro pássaro, porém, chamou-o simplório, por trabalhar tanto, enquanto os outros dois levavam vida folgada, sem sair de casa.

Quando o rato acabava de acender o fogo e de tirar a água do poço, recolhia-se para descansar no quartinho, até a hora de por a mesa. A salsicha ficava junto às panelas, vigiando para que a comida ficasse bem feita, e um pouco antes do jantar mexia o caldo ou o ensopado com o próprio corpo, para enriquecer assim o sabor e o perfume do prato que preparara. Então o pássaro chegava, entregava sua carga de lenha, e todos se sentavam à mesa. Depois de uma boa refeição iam dormir à vontade até a manhã seguinte. Era realmente uma vida muito satisfatória.

Mas naquele dia o pássaro chegou em casa com a resolução de que nunca mais ia buscar lenha. Fora, disse ele, um escravo durante bastante tempo. Agora, deviam mudar tudo e fazer novos arranjos. Apesar de tudo quanto o rato e salsicha disseram, o pássaro estava resolvido a fazer o que dizia. Assim tiraram a sorte, e resultou que a salsicha deveria procurar lenha, o rato, cozinhar, e o pássaro tirar água do poço e acender o fogo.

Vejam o que aconteceu: a salsicha foi para o bosque procurar lenha, o pássaro acendeu o fogo e o rato preparou as panelas. Esperaram que a salsicha voltasse trazendo a lenha para o dia seguinte. Mas a salsicha demorou-se tanto que eles pensaram em algum desastre que lhe pudesse ter acontecido e o pássaro percorreu perto do caminho do bosque a fim de ver se conseguia ter notícias dela. Não voou muito, porque logo encontrou um cão que, tendo visto a salsicha no bosque, achara que por justiça aquela presa lhe pertencia, e dera cabo dela. O pássaro fez queixa contra o cão, dizendo tratar-se de clara e patente roubalheira, mas nada adiantou, pois o cão declarou ter encontrado cartas falsas com a salsicha, de forma que ela merecia ser condenada a morte.

O pássaro, então, muito triste, apanhou a lenha e levou-a para casa, contando ao rato tudo quanto vira e ouvira. Ficaram ambos bastante transtornados, mas resolveram olhar para o lado mais otimista das coisas e permanecer juntos. Assim, o pássaro pos a mesa, o rato preparou a comida, e, finalmente, entrou na panela como via a salsicha fazer todos os dias, a fim de mexer o caldo com o próprio corpo. Mas o que aconteceu, foi perder o pêlo, a pele e, finalmente a vida!

Quando o pássaro chegou para servir o jantar, não viu por ali o rato. Remexeu no monte de lenha, procurou, procurou, mas o cozinheiro não apareceu. Ele percebeu que estava sozinho na casa e sozinho ficou.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados e quanto a sua forma:

	Aspectos da realidade					Evento não usual
	Ação	Inação	Obrigaçào	Tempo	Causa	
A) O pássaro poderia não ter encontrado o outro pássaro, isso evitaria muitas mudanças ruins em sua vida						
B) O pássaro não deveria ter se recusado a buscar lenha						
C) Quando o pássaro chegou em casa para servir o jantar, a lenha pegou fogo, e o ele apressou-se a ir buscar água para apagá-lo, mas deixou o balde no poço e, querendo apanhar a vasilha, lá se foi atrás dela. Como não conseguisse sair dali, morreu afogado.						
D) Antes de entrar na panela para mexer a comida, o rato poderia ter conferido a temperatura da água						

ANEXO 3 – FOLHA DE REGISTRO – AVALIAÇÃO 1

Juiz ou Juíza: _____

Na tabela abaixo, encontram-se as definições de cada aspecto da realidade que pode ser modificado pelo pensamento contrafactual (PC).

Aspecto da realidade	Definição	Exemplo
Ação	Acontece quando as pessoas se arrependem de suas ações ou inações (coisas que deixaram de fazer).	Se meu parente não tivesse tomado a vacina contra SARS, não teria morrido.
Obrigação	Faz referência àquilo que é permitido e o que é proibido. Situações proibidas acarretam em obrigações pessoais e sociais. Há uma tendência para a modificação de eventos controláveis e socialmente inapropriados.	Se ele não tivesse parado para tomar uma cerveja, chegaria em casa a tempo de salvar a mulher.
Causa	Ocorre quando há uma relação causal, ou seja, as pessoas identificam um importante fator que determina um evento em sua sequência causal e o modificam.	Se eu não tivesse deixado a janela do banheiro aberta, o ladrão não teria entrado na casa.
Tempo	Refere-se a modificações feitas na sequência temporal dos acontecimentos. Há um foco maior para eventos mais recentes.	Se Paulo tivesse pegado uma bolinha azul, ele e Estevão teriam ganhado R\$1.000,00.
Evento não usual	Denota uma falha na normalidade (aspectos que fogem da rotina). A modificação desse aspecto refere-se ao reestabelecimento da normalidade.	Se Paulo não tivesse pegado o caminho da costa, para apreciar a vista, não sofreria o acidente.

Considerando as definições de cada um dos aspectos da realidade que podem ser modificados pelo PC, registre nas tabelas abaixo (assinalando com um X) a sua avaliação quanto a cada uma das alternativas das histórias/notícias apresentadas. Para isso, pense em qual aspecto da realidade da história/notícia a alternativa está modificando. Mais de um aspecto pode estar presente nas alternativas e alguns aspectos não aparecem nas mesmas.

Notícia 1 - Dilema da Montanha

Tudo foi bem para dois amigos, Luiz (25 anos) e Marcos (21 anos), até o 4º dia de escalada de um pico de 6344 metros de altitude. Era 1985 e ninguém, até então, tinha desafiado aquele trecho de 8 quilômetros, dos Andes peruanos.

No primeiro dia, subiram por cascatas de gelo e neve. Como é comum no alpinismo, um estava amarrado ao outro por uma corda, que, em caso de queda, podia ajudar a salvar a vida do parceiro. No segundo dia, enfrentaram avalanches e nevascas e um frio muito intenso. Não parava de nevar e os dois já sentiam um princípio de hipotermia (queda de temperatura corporal). Demoraram 6 horas para percorrer 60 metros. Faltava pouco para chegar, mas já havia escurecido. Então resolveram cavar uma caverna e dormir.

Amanheceu com o tempo bom e alcançaram o topo da montanha. A paisagem era indescritível. Só faltava descer e, em um ou dois dias, estariam de volta ao acampamento. Quando desciam de volta, nuvens começaram a se aproximar rapidamente. Tudo o que enxergavam era um branco sem fim. Em menos de uma hora, estavam perdidos. Escureceu, e o plano de descer no mesmo dia se esvaiu.

Quando voltaram a tentar descer, Luiz caiu. E o impacto quebrou sua perna. “Estou morto”, pensou. Os dois sabiam que Marcos devia deixar Luiz para trás, ou morreria junto. Mas ele ficou e tentou salvar o amigo. Sentava-se num buraco na neve enquanto esperava que Luiz descesse pela corda. E de corda em corda continuaram a descida.

Foi então que Luiz deixou de sentir o chão debaixo de seus pés. Tinha parado sem perceber num precipício, numa fenda gigante que dava para um abismo. Luiz tentou subir pela corda, mas seus dedos já estavam insensíveis. Marcos começava a se desesperar lá do alto, pensava que se Luiz caísse ele caía junto. Ficou mais de uma hora sem saber o que fazer e temendo que fosse arrastado pelo amigo. Foi quando pegou seu canivete e cortou a corda. Luiz caiu abismo adentro. No 5º dia, Marcos, achando que o amigo estava morto, foi embora.

Mas Luiz havia sobrevivido. Tentou subir pela corda, mas, com a perna quebrada, era impossível. Então tomou uma decisão corajosa. Desceu mais para dentro da fenda, na esperança de encontrar outra saída. Se lá embaixo não houvesse nada, ou fosse muito mais fundo do que o comprimento da corda, ele morreria. Mas ali havia uma espécie de rampa, levando a outra saída. E então ele conseguiu alcançar o lado de fora. Ao sair, Luiz viu as pegadas deixadas por Marcos e começou uma jornada de quase 3 dias, rastejando até o acampamento. Assim prosseguiu, desidratado, sem comida, com a pele queimada do sol e do gelo.

Quando conseguiu chegar ao acampamento, Marcos ainda estava lá. Luiz parecia um fantasma, mas conseguira realizar seu desafio. Passados 2 anos e 6 cirurgias, voltou a escalar e não parou mais.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade					
	Ação	Inação	Obrigaçã	Tempo	Causa	Evento não usual
A) Luiz não quebrou a perna, assim, mesmo caindo na fenda, chegou mais rápido ao acampamento.						
B) Marcos não cortou a corda quando Luiz caiu e acabou caindo junto com o amigo.						
C) Marcos não ficou para salvar Luiz quando ele quebrou a perna e, assim, Luiz não conseguiu sobreviver						
D) Quando aconteceu a avalanche, logo no segundo dia, os dois amigos desistiram de escalar o pico e nada disso aconteceu.						

Notícia 2 - Renascido para Viver

“Foi a melhor coisa que aconteceu”, vive dizendo Lauro. Ele não se refere aos prêmios que o tornaram recordista no ciclismo, mas ao câncer que descobriu quando tinha 25 anos. O câncer nos testículos chegou ao pulmão e ao cérebro e o forçou a se aposentar do esporte que já era parte de sua rotina. As chances de recuperação eram de 50%. E as chances de voltar a ser atleta, nulas. Foi então que ele se agarrou a uma idéia: “a dor é temporária”. Pode ser um minuto, uma hora, um dia, um ano e, no final das contas, vai acabar e dar lugar a outra coisa. Já, se eu desistir, durará para sempre.”

Seu corpo já era uma máquina - enquanto maratonistas de elite conseguem usar em média 70 mililitros de oxigênio por segundo a cada quilo de massa corporal, Armstrong usava 85. Mas um atleta não é pura genética. Sobreviver trouxe a ele o que faltava: disciplina e obstinação.

Dois anos depois, o Lauro voltou a pedalar. Bastou mais um ano para vencer os 6630 quilômetros da volta da França, principal prova de ciclismo mundial. De 2000 a 2005 tornou-se o principal vencedor da competição.

Durante esses anos, outro fantasma pairou na sua vida, além do câncer já superado: as suspeitas de doping. Um ex-colega afirmou que ele usava hormônio do crescimento, testosterona e uma droga que turbinava o transporte de oxigênio. Mas os exames deram negativo.

Em 2005 resolveu se aposentar para se dedicar aos 5 filhos – 3 por inseminação artificial, com o sêmen congelado antes da quimioterapia e dois que vieram naturalmente, apesar de isso ser considerado raro em quem faz esse tipo de tratamento. Em 2009, com 37 anos, disputou a volta da França novamente. Ficou em 3º lugar. Só em 2011, quase aos 40, decidiu se aposentar de vez, feliz com o modo como sua carreira começou e terminou.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade					
	Ação	Inação	Obrigaçã	Tempo	Causa	Evento não usual
A) O ex-colega de Lauro não fez a denúncia de doping e ele não teve que enfrentar mais esse problema na sua vida.						
B) Lauro descobriu o câncer bem no início de sua carreira e não conseguiu enfrentar a doença com tanta determinação.						
C) Lauro não se agarrou a ideia de que a dor é temporária e não conseguiu enfrentar o câncer com tanta garra.						
D) O tratamento comprometeu sua fertilidade e ele não conseguiu ter filhos.						

Notícia 3 - A vida depois do corredor da morte

Antônio, nascido no Equador, filho de um espanhol e uma equatoriana, morava nos Estados Unidos (Flórida), e, aos 26 anos, era empresário, tinha carro esportivo, casa na praia e uma segunda esposa. Num dia, que voltava da casa da ex-mulher, seu carro foi cercado por quatro viaturas da polícia, enquanto helicópteros o acompanhavam do alto. Os policiais buscavam-no pela morte de um rapaz, traficante de drogas e filho do chefe do escritório de provas do xerife da cidade e sua noiva, uma dançarina de strip-tease. Meteram-no numa cela, sem qualquer explicação.

O crime tinha acontecido dois anos antes, e 11 suspeitos já haviam sido detidos, sem conclusão definitiva. A polícia não sabia mais como resolver o caso, quando a ex-mulher de Antônio – que estava a ponto de perder a custódias das 2 filhas para ele – resolveu denunciá-lo, dizendo que ele cometera o crime.

O traficante de drogas morto trabalhou na mesma empresa que Antônio, anos antes, mas eles não mantiveram qualquer vínculo após a saída da empresa. Faltava, portanto, algum motivo aparente para o crime. Além disso, as impressões digitais e o DNA coletado na cena do crime não eram dele. A única prova que a polícia apresentava era uma filmagem de Antonio com a ex-mulher, gravada por ela mesma, em que ele supostamente confessava ter cometido o crime. A gravação era de péssima qualidade, e quem transcreveu foi o próprio xerife, pai de uma das vítimas, que tinha oferecido dez mil dólares como recompensa a quem achasse o criminoso. Além da fita, havia o testemunho da ex-mulher, dos policiais envolvidos no caso e de colegas de cela que receberam a oferta de redução de pena em troca da denúncia.

Antônio acabou acusado, sentenciado a pena de morte. Ao se despedirem dele, seus pais prometeram tirá-lo de lá. Foi o que lhe deu forças para seguir em frente. Nos primeiros 30 dias na prisão, sem poder receber visitas, Antônio começou a duvidar que seu caso pudesse ter solução. Passou cinco anos preso. Viu oito pessoas serem mortas. Delas, três foram logo na primeira semana para a cadeira elétrica. Depois disso, o governo da Flórida passou a fazer as execuções com uma injeção letal, menos dolorosa. De sua cela, via os condenados caminhando para a execução. Choravam e tremiam no percurso. Viu morrerem pessoas que depois foram inocentadas. Viu pessoas ficarem loucas. E ele próprio achou que perderia a razão.

O que lhe deu esperança foi a visita frequente dos pais e a luta para que ele saísse de lá. Recorreram a jornais, ao governo, a partidos políticos, entre outros, para conseguir dinheiro para pagar um bom advogado. Foram apoiados pelo Parlamento Europeu, pelo Senado Italiano, pelo rei da Espanha e pelo Papa João Paulo II.

Em 2000, o novo advogado apelou para um novo julgamento, alegando manipulação de provas e de testemunhos. A gravação foi considerada inválida, por ser inaudível. A ex-mulher alterou seu depoimento, assim como outras testemunhas. O pai da vítima, que havia transcrito a gravação admitiu que era uma falsificação. Quando o dia do julgamento chegou, a acusação ainda pedia prisão perpétua.

Os promotores propuseram uma redução na pena, se Antônio confessasse o crime. Ele não confessou. Um ano depois, o júri declarou que Antônio estava livre, por falta de provas. Hoje, Antônio atua como militante, contra a prática de pena de morte, que ainda é permitida em 57 países dos Estados Unidos.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade					
	Ação	Inação	Obrigaçã	Tempo	Causa	Evento não usual
A) Os pais de Antônio não conseguiram inocenta-lo e ele foi morto assim como outras pessoas inocentes.						
B) O filho do xerife não foi assassinado e, por isso, nenhuma denúncia foi feita contra Antônio.						
C) Antônio não passou pelo corredor da morte e hoje não luta contra a pena de morte.						
D) O xerife declarou que a gravação era falsa logo em seguida a denúncia e Antônio não ficou preso por tanto tempo.						

Notícia 4 - O encantador de plateias

“Um cantor de concerto com 1,29m de altura, sem as articulações do joelho, sem braços ou coxas, com apenas quatro dedos na mão direita e três na esquerda”. É assim que Thomas descreve a si mesmo. O cantor foi uma das vítimas da talidomida (medicamento que no início dos anos 60 levou ao nascimento de mais de 10 mil bebês com malformação ou ausência de membros). Mas Thomas não deixa que sua deficiência física o leve a ter pena de si mesmo.

“Quando era pequeno e esperava minha mãe do lado de fora de uma loja, alguns pedestres diziam que eu tinha sido amaldiçoado por uma bruxa. Isso fica com você. Mas agora, eu uso essa experiência no meu canto. Então, acaba sendo uma vantagem”, diz. “Se eu não puder rir de mim mesmo, estarei perdido”.

Na escola, o adolescente respondia a todo tipo de provocação com alguma piada – e assim, de aberração ele se tornou popular entre os colegas. Não havia dúvidas de que seu maior talento era música, mas a tentativa de entrar para um conservatório musical foi frustrada. Para estudar canto, precisava também tocar piano, o que é impossível sem os braços. Mas o jovem não se deixou abalar. Seu pai contratou um professor particular, que o treinou tanto para o jazz quanto para a música erudita.

Thomas chegou a cogitar seguir carreira de advogado, mas logo abandonou a faculdade de direito para trabalhar como locutor de rádio e cantar com o irmão em igrejas e clubes de jazz. Aos 24 anos, venceu uma grande competição de canto. Thomas focou sua carreira em canções para voz e piano e sua potente voz transformou um gênero inicialmente criado para recitais íntimos em uma arte executada em grandes salas de concerto. Hoje, o cantor é famoso pelo que faz e tem sua agenda cheia de apresentações.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:	Aspectos da realidade					
	Ação	Inação	Obrigaçã	Tempo	Causa	Evento não usual
A) Thomas foi aceito no conservatório musical, mesmo sem poder tocar piano.						
B) Thomas não teve a doença e seguiu a carreira de músico normalmente.						
C) Thomas nasceu depois da descoberta das consequências da talidomida e não teve a deficiência.						
D) Thomas não levou seu problema “rindo de si mesmo” e não conseguiu chegar aonde chegou.						

Notícia 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio

“Foi esse telefone que me salvou”, disse o ajudante de obras Alexandre, mostrando o celular que tocou assim que ele saiu do hospital, após receber alta. Alexandre é um dos sobreviventes do desabamento de três edifícios no centro do Rio de Janeiro. “Quando olhei pela janela, comecei a ver o reboco caindo. A primeira coisa que pensei foi em entrar no elevador”, contou o moço, que trabalhava em uma obra no 9º andar do Edifício Liberdade. “Quando entrei, o elevador despencou. Só pensava na minha família e que iria morrer”, diz.

De dentro do elevador, Alexandre conta que ligava para um amigo, que estava fora do prédio. “De dez em dez minutos eu falava com ele”, lembra. “Até que ele me colocou para falar com um dos bombeiros”, diz. O ajudante de obras levou duas horas até ser resgatado. “Não tive um machucado, nem um arranhão”, disse, na saída do hospital.

O ajudante de obras conta que, por volta das 21h de quarta-feira, chegou ao 9º andar do edifício, onde trabalhava em uma pintura. “O prédio parecia estar desmanchando. Começou a cair de cima para baixo”, recorda, antes de voltar correndo para dentro do elevador.

“Os bombeiros gritavam: ‘Tem alguém aí?’ E eu respondia, de dentro do elevador: ‘Estou aqui!’”, conta. “Quando me acharam, cortaram um ferro na parte de cima do elevador. Eu, que sou magrinho, consegui sair por ali”, recorda. “Quando me pegaram, já me deram uma máscara para eu respirar melhor. Eu estava calmo”, complementa.

Alexandre afirmou que não sentiu cheiro de gás em nenhum momento durante o tempo em que participou da obra no 9º andar. “Também não ouvi nenhuma explosão, somente o barulho do prédio caindo”, acrescentou. “É difícil explicar o que aconteceu”, disse. “Eu pedi muito a Deus. Orei muito. Tenho quatro filhos e minha esposa, e agora só quero abraçá-los. Além do meu aniversário, agora tenho que comemorar o dia de ontem, quando nasci de novo”, concluiu com um sorriso.

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade					
	Ação	Inação	Obrigação	Tempo	Causa	Evento não usual
A) Alexandre chegou ao prédio 10 minutos depois do desabamento.						
B) Alexandre não conseguiu falar com o amigo pelo celular e não foi encontrado pelos bombeiros.						
C) O amigo de Alexandre não o colocou para falar com os bombeiros e ele não foi encontrado com vida.						
D) Alexandre era gordinho e não conseguiu passar pela fenda dos cabos do elevador.						

Após cada notícia, teremos essa estrutura de questionário:

Agora, me fale um pouco sobre o que leu. Você ficou com alguma dúvida em relação à notícia?

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes.

Se você pudesse mudar algo na notícia, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com o que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

Ainda se colocando no lugar do *personagem*, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

ALTERNATIVAS REFERENTES A CADA NOTÍCIA

Responda às seguintes questões:

1) Você acha que as instruções estão claras?

2) Você faria alguma modificação em palavras ou frases?

3) Dentre as notícias lidas, há alguma (ou algumas) que você eliminaria? Justifique.

ANEXO 4 – Notícias com questões de resposta aberta que compunham a primeira versão do material.

Notícia 1. Maratonista perde medalha após admitir ter pegado ônibus durante a corrida.

Roberto havia sido o terceiro a cruzar a linha de chegada de uma maratona, no norte da Inglaterra, no domingo, com um tempo de 2 horas e 51 minutos. Porém ele levantou suspeitas dos corredores que chegaram depois dele, que disseram não tê-lo visto passar por eles.

Logo após a corrida, ele afirmou à televisão que estava indignado com as suspeitas de que ele teria trapaceado. Na ocasião, ele disse que as acusações contra ele eram absurdas, mas depois admitiu ter tomado um ônibus antes de retornar ao trajeto da corrida no trecho final.

O ônibus que ele tomou havia sido disponibilizado pela direção da maratona para transportar os espectadores ao longo do trajeto para a área da chegada. Segundo os organizadores, ele admitiu ter tomado o ônibus por estar "cansado" e pediu desculpas pelo erro.

Testemunhas disseram tê-lo visto escondido atrás de algumas árvores antes de retomar o trajeto após a passagem do primeiro e do segundo colocados na maratona. Outro ponto que levantou dúvidas entre os organizadores foi o fato de Roberto ter sido o único dos corredores a ter completado a segunda metade da prova com um tempo mais baixo que o da primeira metade. O atleta corre agora o risco de ser expulso por seu clube e também de ser banido de futuras maratonas.

Agora, me fale um pouco sobre o que leu. Você ficou com alguma dúvida em relação à notícia?

Agora, tente se colocar no lugar de Roberto. Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes e tente mudar esses fatos. Você pode mudar partes dela, ou ela como um todo.

Notícia 2. Mãe morre após salvar filha em carrinho preso em trilho de trem

Uma mulher teria tentado atravessar os trilhos do trem numa cidade dos Estados Unidos, apesar da passagem estar fechada por uma cancela para alertar sobre o trem que se aproximava.

O carrinho de bebê teria prendido nos trilhos. A mãe chegou a soltar o carrinho e continuar a travessia, mas as rodas ficaram presas novamente.

Segundo a polícia local, o condutor do trem chegou a ver a mulher nos trilhos e soou a buzina para alertá-la, mas não teve tempo de parar o trem. A mulher teria então soltado a criança e a jogado para fora dos trilhos antes de ser atingida pelo trem. Ela morreu na hora. A menina foi levada por precaução a um hospital, mas foi liberada pouco depois, sem ferimentos graves.

O pai da criança afirmou estar sentindo "emoções conflitantes". "Você perde a mãe de sua filha, mas ela salvou sua vida. Sinto que ela deu seu último sacrifício. "Acho que nesta situação várias coisas poderiam ter acontecido. O pânico e o medo poderiam ter feito ela simplesmente congelar. O trem poderia ter tirado a vida das duas", disse.

Agora, me fale um pouco sobre o que leu. Você ficou com alguma dúvida em relação à notícia?

Pense em como os fatos dessa notícia poderiam ser diferentes e tente mudar esses fatos. Você pode mudar partes dela, ou ela como um todo.

As mudanças deixaram a notícia melhor ou pior?

ANEXO 5 – PRIMEIRA VERSÃO DOS CENÁRIOS ADAPTADOS DE ESTUDOS DA LITERATURA

Cenário 1

Uma grande amiga sua, que é um pouco tímida com rapazes, te convida para ir com ela e com um rapaz, o João, a uma festa. Apesar de sua amiga e João estarem passando muito tempo juntos, ultimamente, esta foi a primeira vez que eles combinaram sair a noite. Antes de saírem, ela te conta que está perdidamente apaixonada por ele.

Durante a festa, você percebe que João é muito atraente e, além disso, está interessado em você, o que te agrada. No fim da noite, sem pensar, você passa o seu número de telefone para ele. No fim de semana seguinte, João telefona e te convida para jantar. Você acaba aceitando o convite. Pouco antes de sair de casa aparece tua amiga com um ar muito triste e conta chorando que o João evitou falar com ela durante toda a semana e cancelou a ida ao cinema que haviam combinado antes da festa, porque tinha muita coisa para fazer.

Adaptado de Juhos *et al.* (2003)

Cenário 2

Daniel, no seu caminho de volta para casa em um dia comum, chega muito tarde por conta de uma série de eventos que acontecem em seu caminho e não consegue ajudar sua mulher que sofria de um ataque cardíaco.

Ao sair do trabalho, no horário e caminho de sempre, Daniel encontra um primeiro obstáculo. Uma árvore muito grande havia caído e bloqueado a rua que levava até sua casa. Vendo a rua bloqueada, Daniel resolve mudar o caminho e vira a esquina para fugir do trânsito. Ao mudar sua rota, Daniel encontra um amigo indo para um bar e resolve parar para tomar uma cerveja. Após 20 minutos, Daniel volta a seguir o caminho de casa. Quando finalmente está indo para casa, é surpreendido por um ataque de asma e tem que parar por mais tempo até voltar ao normal. Quando chega em casa, encontra sua filha desesperada dizendo que sua esposa foi levada ao hospital pelos vizinhos.

Adaptado de McCloy e Byrne (2000)

**ANEXO 6 – MATERIAL DESTINADO PARA TERCEIRA AVALIAÇÃO DOS JUÍZES
FOLHA DE REGISTRO – AVALIAÇÃO 3**

Juiz ou Juíza: _____

Na tabela abaixo, encontram-se as definições de cada aspecto da realidade que pode ser modificado pelo pensamento contrafactual (PC). **Por favor, repare que algumas definições foram ligeiramente modificadas para facilitar a compreensão. As modificações estão em negrito/sublinhado.**

Aspecto da realidade	Definição	Exemplo
Ação/ Inação	Acontece quando as pessoas se arrependem de suas ações ou inações (coisas que deixaram de fazer).	Se meu parente não tivesse tomado a vacina contra SARS, não teria morrido.
Obrigação	Faz referência àquilo que é permitido e o que é proibido <u>de acordo com as normas sociais</u> . Há uma tendência para a modificação de eventos controláveis e socialmente inapropriados.	Se eu tivesse doado meu rim a meu tio, talvez ele teria sobrevivido.
Tempo	Refere-se a modificações feitas na sequência temporal dos acontecimentos.	<u>Se eu tivesse saído uma hora depois de casa, não teria tomado chuva.</u>
Evento não usual	<u>Refere-se a</u> aspectos que fogem da rotina, que não são usuais ao cotidiano da pessoa. A modificação desse aspecto refere-se ao reestabelecimento da normalidade.	Se Paulo não tivesse pegado o caminho da costa, para apreciar a vista, não sofreria o acidente.

Considerando as definições de cada um dos aspectos da realidade que podem ser modificados pelo PC, registre nas tabelas abaixo (assinalando com um X) a sua avaliação quanto a cada uma das alternativas das histórias apresentadas. Para isso, pense em qual aspecto da realidade da história a alternativa está modificando. Mais de um aspecto pode estar presente nas alternativas e alguns aspectos não aparecem nas mesmas.

Importante:

- 1) A maioria, senão todas as alternativas propostas envolvem mudança em ações/inações, portanto, pedimos que sempre que possível você assinale mais uma opção de classificação diferente do aspecto ação/inação.
- 2) **Nesta etapa da avaliação, pedimos que você classifique apenas as alternativas cuja linha na tabela não está preenchida. Essas alternativas correspondem às que ainda não atingiram o nível de concordância desejado.**
- 3) **Pedimos que a avaliação seja feita com cautela!**

ESTÓRIA 1: A Tentação

Uma grande amiga sua, que é um pouco tímida com rapazes, te convida para ir com ela e com um rapaz, o João, a uma festa. **Como de costume, você aceita o convite.** Ultimamente, sua amiga e João estão passando muito tempo juntos, porém, esta foi a primeira vez que eles combinaram de sair à noite. Antes de saírem, sua amiga te conta que está perdidamente apaixonada por ele.

Durante a festa, você percebe que João é muito atraente e, além disso, está interessado em você, e isso te agrada muito. No fim da noite, sem pensar, você passa o seu número de telefone para ele. Quando chega o fim de semana, João telefona e te convida para jantar. Você acaba aceitando o convite. Pouco antes de você sair de casa, sua amiga telefona e conta chorando que João evitou falar com ela durante toda a semana e cancelou a ida ao cinema que haviam combinado antes da festa porque tinha muita coisa para fazer.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade			
	Ação/Inação	Obrigação	Tempo	Evento não usual
A) Eu não teria ido à festa e nem conheceria o João.				
B) Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga.				
C) <u>João me convidaria para sair antes da minha amiga contar que estava apaixonada por ele.</u>				
D) Eu não teria saído com minha amiga, <u>como sempre fazia</u> , e não teria conhecido João.				

ESTÓRIA 2 - No caminho de casa

Ao sair do trabalho, pelo caminho de sempre, **Daniel chega muito tarde em casa por conta de uma série de eventos que acontecem em seu caminho. Primeiro, encontra** uma árvore muito grande **que** havia caído e bloqueado a rua que levava até sua casa. Vendo a rua bloqueada, Daniel resolve mudar o caminho e vira a esquina para fugir do trânsito. Ao mudar sua rota, Daniel encontra um amigo indo para um bar e resolve parar para tomar uma cerveja. Após 20 minutos, Daniel volta a seguir o caminho de casa. Quando finalmente está indo para casa, é surpreendido por um ataque de asma e tem que parar por mais tempo até voltar a respirar normalmente. Quando chega em casa, encontra sua filha desesperada dizendo que sua esposa foi levada ao hospital pelos vizinhos **porque tinha sofrido um ataque cardíaco há alguns minutos atrás.**

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade			
	Ação/Inação	Obrigação	Tempo	Evento não usual
A) Daniel sairia uma hora antes do trabalho.				
B) Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital.				
C) Daniel resolveria pegar um caminho <u>diferente do habitual</u> naquele dia e não chegaria tarde em casa.				
D) Daniel não pararia o carro por causa do ataque de asma.				

ESTÓRIA 4 - Renascido para Viver

“Foi a melhor coisa que aconteceu”, vive dizendo Lauro. Ele não se refere aos prêmios que o tornaram recordista no ciclismo, mas ao câncer que descobriu quando tinha 25 anos. O câncer nos testículos chegou ao pulmão e ao cérebro e o forçou a se aposentar do esporte que já era parte de sua rotina. As chances de recuperação eram de 50% e, as chances de voltar a ser atleta, nulas. Foi então que ele se agarrou a uma ideia: “a dor que sinto é temporária. Pode ser um minuto, uma hora, um dia, um ano e, no final das contas, vai acabar e dar lugar a outra coisa. Já, se eu desistir, durará para sempre.”

Seu corpo já era uma máquina - enquanto maratonistas de elite conseguem usar em média 70 mililitros de oxigênio por segundo a cada quilo de massa corporal, Lauro usava 85. Mas um atleta não é pura genética, sobreviver trouxe a ele o que faltava: disciplina e obstinação.

Dois anos depois, Lauro **mostrou que não costuma desanimar frente aos desafios** e voltou a pedalar. Bastou mais um ano para vencer os 6630 quilômetros da volta da França, principal prova de ciclismo mundial. De 2000 a 2005 tornou-se o principal vencedor dessa competição.

Durante esses anos, outro fantasma pairou na sua vida, além do câncer já superado: as suspeitas de doping. Um ex-colega afirmou que ele usava hormônio do crescimento, testosterona e uma droga que turbinava o transporte de oxigênio. Porém, os exames deram negativo e mesmo após as acusações de doping, Lauro participou da corrida mais importante da França ganhando o prêmio por sete vezes consecutivas.

Em 2005 resolveu se aposentar para se dedicar aos 5 filhos – 3 por inseminação artificial, com o sêmen congelado antes da quimioterapia e dois que vieram naturalmente, apesar de isso ser considerado raro em quem faz esse tipo de tratamento. Em 2009, com 37 anos, disputou a volta da França novamente, ficando em 3º lugar. Só em 2011, quase aos 40, decidiu se aposentar de vez, feliz com o modo como sua carreira começou e terminou.

Adaptado da Revista Super Interessante. Edição Especial. Dez/2011

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade			
	Ação/ Inação	Obrigaçã	Tempo	Evento não usual
A) O ex-colega de Lauro não teria feito a denúncia de doping e ele não teria que enfrentar mais esse problema na sua vida.				
B) Logo no início de sua carreira, Lauro descobriria o câncer e não conseguiria enfrentar a doença com tanta determinação.				
C) <u>Os exames de doping teriam dado positivo e, desobedecendo às ordens do comitê esportivo, Lauro continuaria a correr.</u>				
D) <u>Lauro teria desistido do esporte e não teria participado de corridas na França.</u>				

ESTÓRIA 5 - O encantador de plateias

“Um cantor de concerto com 1,29m de altura, sem as articulações do joelho, sem braços ou coxas, com apenas quatro dedos na mão direita e três na esquerda”. É assim que Thomas descreve a si mesmo. O cantor foi uma das vítimas da talidomida (medicamento que no início dos anos 60 levou ao nascimento de mais de 10 mil bebês com má formação ou ausência de membros). **Geralmente, as pessoas se conformam com sua condição**, mas Thomas não deixou que sua deficiência física o levasse a ter pena de si mesmo.

“Quando era pequeno e esperava minha mãe do lado de fora de uma loja, alguns pedestres diziam que eu tinha sido amaldiçoado por uma bruxa. Isso fica com você. Mas agora, eu uso essa experiência no meu canto. Então, acaba sendo uma vantagem”, diz. “Se eu não puder rir de mim mesmo, estarei perdido”.

Na escola, quando adolescente, Thomas respondia a todo tipo de provocação com alguma piada e, assim, de aberração ele se tornou popular entre os colegas. Não havia dúvidas de que seu maior talento era música, mas a tentativa de entrar para um conservatório musical foi frustrada, **já que o conservatório não o aceitou com a justificativa de que** para estudar canto, precisava também tocar piano, o que é impossível sem os braços. Mas o jovem não se deixou abalar e seu pai contratou um professor particular, que o treinou tanto para o jazz quanto para a música erudita.

Thomas chegou a cogitar seguir carreira de advogado, mas logo abandonou a faculdade de direito para trabalhar como locutor de rádio e cantar com o irmão em igrejas e clubes de jazz. Aos 24 anos, venceu uma grande competição de canto. E após isso, focou sua carreira em canções para voz e piano. Sua potente voz transformou um gênero inicialmente criado para recitais íntimos em uma arte executada em grandes salas de concerto e hoje, Thomas é famoso pelo que faz e tem sua agenda cheia de apresentações.

Adaptado da Revista Super Interessante. Edição Especial. Dez/2011

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade			
	Ação/ Inação	Obrigaçã	Tempo	Evento não usual
A) O conservatório musical aceitaria Thomas, mesmo sem poder tocar piano, e ele seguiria a carreira de cantor normalmente.				
B) Thomas se conformaria em não poder entrar na faculdade de música e continuaria fazendo direito.				
C) Thomas nasceria um ano depois da descoberta das consequências da talidomida e não teria a deficiência.				
D) Thomas não levaria seu problema “rindo de si mesmo” e não conseguiria chegar onde chegou.				

ESTÓRIA 6 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio

“Foi esse telefone que me salvou”, disse o ajudante de obras Alexandre, mostrando o celular que tocou assim que ele saiu do hospital, após receber alta. Alexandre é um dos sobreviventes do desabamento de três edifícios no centro do Rio de Janeiro. “Quando olhei pela janela, comecei a ver o reboco caindo. A primeira coisa que pensei foi em entrar no elevador”, contou o moço, que trabalhava em uma obra no 9º andar do Edifício Liberdade. “Quando entrei, o elevador despencou. Só pensava na minha família e que iria morrer”, diz.

De dentro do elevador, Alexandre conta que ligava para um amigo, que estava fora do prédio. “De dez em dez minutos eu falava com ele”, lembra. “Até que ele me colocou para falar com um dos bombeiros”, diz. O ajudante de obras levou duas horas até ser resgatado. “Não tive um machucado, nem um arranhão”, disse, na saída do hospital.

O ajudante de obras conta que, por volta das 21h de quarta-feira, chegou ao 9º andar do edifício, onde trabalhava em uma pintura. “O prédio parecia estar desmanchando. Começou a cair de cima para baixo”, recorda, antes de voltar correndo para dentro do elevador.

“Os bombeiros gritavam: ‘Tem alguém aí?’ E eu respondia, de dentro do elevador: ‘Estou aqui!’”, conta. Ao ouvir a resposta de Alexandre os bombeiros se empenharam ainda mais para tirá-lo de lá. “Quando me acharam, cortaram um ferro na parte de cima do elevador. **É diferente usar a passagem dos cabos do elevador como saída, mas** eu, que sou magrinho, consegui sair por ali”, recorda. “Quando me pegaram, já me deram uma máscara para eu respirar melhor. Eu estava calmo”, complementa.

Alexandre afirmou que não sentiu cheiro de gás em nenhum momento durante o tempo em que participou da obra no 9º andar. “Também não ouvi nenhuma explosão, somente o barulho do prédio caindo”, acrescentou. “É difícil explicar o que aconteceu”, disse. “Eu pedi muito a Deus. Orei muito. Tenho quatro filhos e minha esposa, e agora só quero abraçá-los. Além do meu aniversário, agora tenho que comemorar o dia de ontem, quando nasci de novo”, concluiu com um sorriso.

Categorize cada uma das alternativas de acordo com os aspectos da realidade que são modificados:

	Aspectos da realidade			
	Ação/ Inação	Obrigação	Tempo	Evento não usual
A) Alexandre chegaria ao prédio 10 minutos depois do desabamento e não sofreria o acidente.				
B) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.				
C) Os bombeiros, <u>mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador</u> , ignorariam o chamado de Alexandre.				
D) <u>O prédio não desabaria durante a reforma e tudo estaria normal.</u>				

ANEXO 7 – VERSÃO FINAL DAS ESTÓRIAS

INSTRUÇÕES: Essa atividade busca entender como pessoas pensam sobre histórias que realmente aconteceram e como imaginam formas de deixá-las diferentes. Para isso serão apresentados 2 cenários e 3 notícias de jornais e revistas. Você deverá ler cada uma das histórias e, em seguida, responder às questões. Quando for pedido para escolher uma alternativa lembre-se que não existe resposta certa ou errada. Escolha a resposta (alternativa) com que você concorda mais.

ESTÓRIA 1: A Tentação

Uma grande amiga sua, que é um pouco tímida com rapazes, te convida para ir com ela e com um rapaz, o João, a uma festa. Como de costume, você aceita o convite. Ultimamente, sua amiga e João estão passando muito tempo juntos, porém, esta foi a primeira vez que eles combinaram de sair à noite. Antes de saírem, sua amiga te conta que está perdidamente apaixonada por ele.

Durante a festa, você percebe que João é muito atraente e, além disso, está interessado em você, e isso te agrada muito. No fim da noite, sem pensar, você passa o seu número de telefone para ele. Quando chega o fim de semana, João telefona e te convida para jantar. Você acaba aceitando o convite. Pouco antes de você sair de casa, sua amiga telefona e conta chorando que João evitou falar com ela durante toda a semana e cancelou a ida ao cinema que haviam combinado antes da festa porque tinha muita coisa para fazer.

Adaptada de Juhos, C.; Quelhas, A. C.; Senos, J (2003)

ESTÓRIA 2 - No caminho de casa

Ao sair do trabalho, pelo caminho de sempre, Daniel chega muito tarde em casa por conta de uma série de eventos que acontecem em seu caminho. Primeiro, encontra uma árvore muito grande que havia caído e bloqueado a rua que levava até sua casa. Vendo a rua bloqueada, Daniel resolve mudar o caminho e vira a esquina para fugir do trânsito. Ao mudar sua rota, Daniel encontra um amigo indo para um bar e resolve parar para tomar uma cerveja. Após 20 minutos, Daniel volta a seguir o caminho de casa. Quando finalmente está indo para casa, é surpreendido por um ataque de asma e tem que parar por mais tempo até voltar a respirar normalmente. Quando chega em casa, encontra sua filha desesperada dizendo que sua esposa foi levada ao hospital pelos vizinhos porque tinha sofrido um ataque cardíaco há alguns minutos atrás.

Adaptada de McCloy e Byrne, R. (2000).

ESTÓRIA 3 - Dilema da Montanha

Até o quarto dia de escalada de Luiz e Marcos estava tudo bem. Os colegas estavam amarrados um ao outro por uma corda, que, em caso de queda, podia ajudar a salvar a vida do parceiro. Após enfrentar avalanches, nevascas, frio intenso e queda da temperatura corporal nos dois primeiros dias, o terceiro dia de escalada amanheceu com o tempo bom e eles conseguiram alcançar o topo da montanha.

Só faltava descer e, em um ou dois dias, estariam de volta ao acampamento. Quando desciam de volta, nuvens começaram a se aproximar rapidamente, era uma avalanche enorme se aproximando. Tudo o que enxergavam era um branco sem fim e em menos de uma hora, estavam perdidos. Escureceu, e o plano de descer no mesmo dia não deu certo.

Quando voltaram a tentar descer, Luiz caiu e o impacto quebrou sua perna. Marcos devia deixar o amigo para trás, ou morreria junto, mas ele ficou e tentou salvar o amigo. Sentava-se num buraco na neve enquanto esperava que Luiz descesse pela corda. E de corda em corda continuaram a descida.

Foi então que Luiz sem perceber caiu em um precipício, numa fenda gigante que dava para um abismo. Ficou preso pela corda que estava amarrada a Marcos e, numa tentativa de se salvar, tentou subir pela corda que o prendia, mas não conseguiu. Marcos começava a se desesperar lá do alto, pensava que se Luiz caísse ele cairia junto. Ficou mais de uma hora sem saber o que fazer e temendo que fosse arrastado pelo amigo. Foi então que Marcos resolveu cortar a corda, deixando Luiz cair no abismo e, por achar que o amigo estava morto, foi embora.

Luiz havia sobrevivido, mas com a perna quebrada era impossível subir pela corda. Então tomou uma decisão corajosa: desceu mais para dentro da fenda, na esperança de encontrar outra saída. Ali encontrou uma espécie de rampa, que levava a outra saída. Ao sair, Luiz viu as pegadas deixadas por Marcos e começou uma jornada de quase 3 dias, rastejando até o acampamento, desidratado, sem comida e com a pele queimada do sol e do gelo.

Quando conseguiu chegar ao acampamento, Marcos ainda estava lá. Passados 2 anos e 6 cirurgias, voltou a escalar e não parou mais.

Adaptado da Revista Super Interessante. Edição Especial. Dez/2011

ESTÓRIA 4 - Renascido para Viver

“Foi a melhor coisa que aconteceu”, vive dizendo Lauro. Ele não se refere aos prêmios que o tornaram recordista no ciclismo, mas ao câncer que descobriu quando tinha 25 anos. O câncer nos testículos chegou ao pulmão e ao cérebro e o forçou a se aposentar do esporte que já era parte de sua rotina. As chances de recuperação eram de 50% e, as chances de voltar a ser atleta, nulas. Foi então que ele se agarrou a uma ideia: “a dor que sinto é temporária. Pode ser um minuto, uma hora, um dia, um ano e, no final das contas, vai acabar e dar lugar a outra coisa. Já, se eu desistir, durará para sempre”.

Seu corpo já era uma máquina – enquanto os melhores maratonistas conseguem usar em média 70 mililitros de oxigênio por segundo a cada quilo de massa corporal, Lauro usava 85. Mas um atleta não é pura genética, sobreviver trouxe a ele o que faltava: disciplina e obstinação.

Dois anos depois, Lauro mostrou que não costuma desanimar frente aos desafios e voltou a pedalar. Bastou mais um ano para vencer os 6630 quilômetros da volta da França, principal prova de ciclismo mundial. De 2000 a 2005 tornou-se o principal vencedor dessa competição.

Durante esses anos, outro fantasma pairou na sua vida, além do câncer já superado, um ex-colega afirmou que ele usava hormônio do crescimento, testosterona e uma droga que melhora o transporte de oxigênio. Porém, os exames deram negativo e mesmo após as acusações de doping, Lauro participou da corrida mais importante da França, ganhando o prêmio por sete vezes consecutivas.

Em 2005 resolveu se aposentar para se dedicar aos 5 filhos – 3 por inseminação artificial, com o sêmen congelado antes da quimioterapia e dois que vieram naturalmente, apesar de isso ser considerado raro em quem faz esse tipo de tratamento. Em 2009, com 37 anos, disputou a volta da França novamente, ficando em 3º lugar. Só em 2011, quase aos 40, decidiu se aposentar de vez, feliz com o modo como sua carreira começou e terminou.

Adaptado da Revista Super Interessante. Edição Especial. Dez/2011

ESTÓRIA 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras de desabamento no Rio

“Foi esse telefone que me salvou”, disse o ajudante de obras Alexandre, mostrando o celular que tocou assim que ele saiu do hospital, após receber alta.

Alexandre é um dos sobreviventes do desabamento de três edifícios no centro do Rio de Janeiro. “Quando olhei pela janela, comecei a ver o reboco caindo. A primeira coisa que pensei foi em entrar no elevador”, contou o moço, que trabalhava em uma obra no 9º andar do Edifício. “Quando entrei, o elevador despencou. Só pensava na minha família e que iria morrer”, diz.

De dentro do elevador, Alexandre conta que ligava para um amigo, que estava fora do prédio. “De dez em dez minutos eu falava com ele”, lembra. “Até que ele me colocou para falar com um dos bombeiros”, diz. O ajudante de obras levou duas horas até ser resgatado, sem nenhum arranhão.

“Os bombeiros gritavam: ‘Tem alguém aí?’ E eu respondia, de dentro do elevador: ‘Estou aqui!’”, conta. Ao ouvir a resposta de Alexandre os bombeiros se empenharam ainda mais para tirá-lo de lá. “Quando me acharam, cortaram um ferro na parte de cima do elevador. É diferente usar a passagem dos cabos do elevador como saída, mas eu, que sou magrinho, consegui sair por ali”, recorda. “Quando me pegaram, já me deram uma máscara para eu respirar melhor. Eu estava calmo”, complementa.

Alexandre afirmou que não sentiu cheiro de gás em nenhum momento durante o tempo em que participou da obra no 9º andar. “Também não ouvi nenhum explosão, somente o barulho do prédio caindo”, acrescentou. “É difícil explicar o que aconteceu”, disse. “Eu pedi muito a Deus. Orei muito. Tenho quatro filhos e minha esposa, e agora só quero abraçá-los. Além do meu aniversário, agora tenho que comemorar o dia de ontem, quando nasci de novo”, concluiu com um sorriso.

Adaptada de: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2012/01/celular-e-elevador-salvaram-ajudante-de-obras-de-desabamento-no-rio.html>

Recuperada em 26 de janeiro de 2012.

**ANEXO 8 - VERSÃO FINAL DO MATERIAL ELABORADO NO ESTUDO 1
QUESTÕES:**

ESTÓRIA 1: A TENTAÇÃO

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Imagine se essa situação acontecesse com você. As pessoas, após passarem por situações como essas, têm, frequentemente, pensamentos sobre como as coisas poderiam ter acontecido de outra maneira.

Se você passasse pela mesma situação, será que pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Pense o que poderia ser diferente para que a história tenha um fim diferente. Se você pudesse mudar alguma coisa nessa situação, o que mudaria?

Ainda se colocando no lugar da narradora, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Eu não teria ido à festa e nem conheceria o João.
- b) Eu não teria dado meu número de telefone para o paquera de minha amiga.
- c) João me convidaria para sair antes da minha amiga contar que estava apaixonada por ele.
- d) Eu não teria saído com minha amiga, como sempre fazia, e não teria conhecido João.
- e) Nenhuma das anteriores.

ESTÓRIA 2 - No caminho de casa

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Se você passasse pela mesma situação, será que, depois do ocorrido, pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Como os fatos dessa estória poderiam ser diferentes? Se você pudesse mudar algum aspecto em como as coisas aconteceram na estória, o que mudaria?

Ainda se colocando no lugar de Daniel, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Daniel sairia uma hora antes do trabalho.
- b) Daniel não pararia para tomar cerveja e chegaria em casa a tempo de levar a esposa ao hospital.
- c) Daniel resolveria pegar um caminho diferente do habitual naquele dia e não chegaria tarde em casa.
- d) Daniel não pararia o carro por causa do ataque de asma.
- e) Nenhuma das anteriores.

ESTÓRIA 3 - Dilema da Montanha

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Se você passasse pela mesma situação, será que, depois do ocorrido, pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Como os fatos dessa estória poderiam ser diferentes? Se você pudesse mudar algum aspecto em como as coisas aconteceram na estória, o que mudaria?

Ainda se colocando no lugar dos escaladores, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Mesmo caindo na fenda, Luiz não quebraria a perna e chegaria mais rápido ao acampamento.
- b) Marcos não cortaria a corda que o ligava a Luiz e acabaria caindo junto com o amigo.
- c) Marcos não ficaria para salvar Luiz quando ele quebrasse a perna e, assim, Luiz não conseguiria sobreviver.
- d) A avalanche aconteceria logo no primeiro dia e os dois amigos desistiriam de escalar o pico.
- e) Nenhuma das anteriores.

ESTÓRIA 4 - Renascido para Viver

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Se você passasse pela mesma situação, será que, depois do ocorrido, pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Como os fatos dessa estória poderiam ser diferentes? Se você pudesse mudar algum aspecto em como as coisas aconteceram na estória, o que mudaria?

Ainda se colocando no lugar de Lauro, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) O ex-colega de Lauro não teria feito a denúncia de doping e ele não teria que enfrentar mais esse problema na sua vida.
- b) Logo no início de sua carreira, Lauro descobriria o câncer e não conseguiria enfrentar a doença com tanta determinação.
- c) Os exames de doping teriam dado positivo e, desobedecendo às ordens do comitê esportivo, Lauro continuaria a correr.
- d) Diferente do que fez, Lauro teria desistido do esporte e não teria participado de corridas na França.
- e) Nenhuma das anteriores.

ESTÓRIA 5 - Celular e elevador salvaram ajudante de obras no Rio

Enquanto você lia a estória, ocorreu algum pensamento sobre o que estava lendo? Se sim, escreva-os abaixo.

Se você passasse pela mesma situação, será que, depois do ocorrido, pensaria em alguma coisa diferente em relação ao que aconteceu? Como os fatos dessa estória poderiam ser diferentes? Se você pudesse mudar algum aspecto em como as coisas aconteceram na estória, o que mudaria?

Ainda se colocando no lugar de Alexandre, qual das alternativas abaixo seria mais próxima com aquilo que você mudaria? Escolha apenas uma alternativa.

- a) Alexandre chegaria ao prédio 10 minutos depois do desabamento e não sofreria o acidente.
- b) Alguém teria visto, conferido e corrigido o erro na construção e o desabamento não teria ocorrido.
- c) Os bombeiros, mesmo ouvindo os gritos vindos do elevador, ignorariam o chamado de Alexandre.
- d) Como deveria ser, o prédio não desabaria durante a reforma e tudo estaria normal.
- e) Nenhuma das anteriores.

ANEXO 9
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 1

Você está sendo convidado(a) a participar projeto de pesquisa “Avaliação do Pensamento Contrafactual na Depressão”. Este estudo produzirá conhecimento sobre o processo imaginativo e sua importância na adaptação de pessoas com depressão, por meio da investigação das perspectivas de vida da mesma. A presente pesquisa está sendo realizada pela aluna de mestrado em Psicologia Juliana Sarantopoulos Faccioli sob orientação da Prof. Dra. Patrícia Waltz Schelini, do Departamento de Psicologia da Universidade de São Carlos.

A sua participação não é obrigatória. Você foi selecionado para ser um possível participante por estar em idade compatível com a proposta da pesquisa e por estar frequentando essa instituição que previamente nos forneceu autorização para a realização das atividades referentes à pesquisa. Como a participação é voluntária, a qualquer momento, você pode desistir da participação e retirar seu consentimento. Caso isto ocorra, não haverá qualquer forma de prejuízo ou represália para você por parte do pesquisador, da Universidade Federal de São Carlos ou da Unidade de Saúde na qual você recebe tratamento.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo imaginativo e as formas de modificação da realidade, analisando como diferentes grupos buscam alternativas para realidades cotidianas. Tal investigação pode permitir acesso a conceitos e sentimentos, possibilitando a elaboração de novas estratégias que permitam à pessoa e à equipe de saúde modificar possíveis posturas que poderiam ajudar no enfrentamento da sua condição.

A sua participação nessa pesquisa consistirá em uma sessão de atividades. Essas atividades serão desenvolvidas por meio da leitura de 2 cenários descritos e 3 notícias retiradas de jornais e revistas. Ao todo serão 5 histórias que você deverá ler, entender e, em seguida, responder algumas perguntas referentes ao que leu.

Não existem riscos conhecidos - físicos, psicológicos, sociais, legais ou de qualquer outro tipo - para você. Não há nenhum benefício direto para você, mas a sua participação voluntária neste estudo estará colaborando na produção de conhecimento científico sobre a imaginação, o que beneficiará futuramente a compreensão do processo imaginativo e trará elementos que auxiliem na elaboração de estratégias de enfrentamento e modos de intervenção úteis ao tratamento da depressão.

Os dados obtidos com a técnica são confidenciais e serão mantidos em sigilo (em um armário fechado do Laboratório de Desenvolvimento Humano e Cognição) pelos responsáveis por este projeto, podendo ser disponibilizados a você caso seja do seu interesse. O nome verdadeiro dos participantes não será divulgado pelas pesquisadoras, garantindo assim o anonimato dos mesmos.

Uma cópia deste termo ficará com você. Nele consta o telefone e o endereço das pesquisadoras que estarão dispostas a tirar suas dúvidas sobre o projeto e a sua participação, a qualquer momento.

Aluna: Juliana Sarantopoulos Faccioli
Rodovia Washington Luiz, km 235
Departamento de Psicologia - UFSCar
Contato – telefone 91537088

Prof.. Dra. Patrícia Waltz Schelini
Rodovia Washington Luiz, km 235
Departamento de Psicologia - UFSCar
Contato - telefone: 3351 8483

Eu, _____, RG _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e concordo com a minha participação.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Local e data:

Assinatura

ANEXO 10
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO 2

Você está sendo convidado(a) a participar projeto de pesquisa “Avaliação do Pensamento Contrafactual na depressão”. Este estudo produzirá conhecimento sobre o processo imaginativo e sua importância na adaptação de pessoas com depressão, por meio da investigação das perspectivas de vida da mesma. A presente pesquisa está sendo realizada pela aluna de mestrado em Psicologia, Juliana Sarantopoulos Faccioli sob orientação da Prof. Dra. Patrícia Waltz Schelini, do Departamento de Psicologia da Universidade de São Carlos.

A sua participação não é obrigatória. Você foi selecionado para ser um possível participante por estar em idade compatível com a proposta. Como a participação é voluntária, a qualquer momento, você pode desistir e retirar seu consentimento. Caso isto ocorra, não haverá qualquer forma de prejuízo ou represália para você por parte do pesquisador ou da Universidade Federal de São Carlos.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar o processo imaginativo e as formas de modificação da realidade, analisando como diferentes grupos buscam alternativas para realidades cotidianas. Tal investigação pode permitir acesso a conceitos e sentimentos, possibilitando a elaboração de novas estratégias que permitam à pessoa e à equipe de saúde modificar possíveis posturas que poderiam ajudar no enfrentamento da depressão.

A sua participação nessa pesquisa consistirá em uma sessão de atividades. Essas atividades serão desenvolvidas por meio da leitura 2 cenários descritos e 3 notícias retiradas de jornais e revistas. Ao todo serão 5 notícias que você deverá ler, entender e, em seguida, responder algumas perguntas referentes ao que leu.

Não existem riscos conhecidos - físicos, psicológicos, sociais, legais ou de qualquer outro tipo - para você. Não há nenhum benefício direto para você, mas a sua participação voluntária neste estudo estará colaborando na produção de conhecimento científico sobre a imaginação, o que beneficiará futuramente a compreensão do processo imaginativo e trará elementos que auxiliem na elaboração de estratégias de enfrentamento e modos de intervenção úteis ao tratamento da depressão.

Os dados obtidos com a técnica são confidenciais e serão mantidos em sigilo (em um armário fechado do Laboratório de Desenvolvimento Humano e Cognição) pelos responsáveis por este projeto, podendo ser disponibilizados a você caso seja do seu interesse. O nome verdadeiro dos participantes não será divulgado pelas pesquisadoras, garantindo assim o anonimato dos mesmos.

Uma cópia deste termo ficará com você. Nele consta o telefone e o endereço das pesquisadoras que estarão dispostas a tirar suas dúvidas sobre o projeto e a sua participação, a qualquer momento.

Aluna: Juliana Sarantopoulos Faccioli
Schelini
Rodovia Washington Luiz, km 235
Luiz, km 235
Departamento de Psicologia - UFSCar
Psicologia - UFSCar
Contato – telefone 91537088
8483

Prof.. Dra. Patrícia Waltz
Rodovia Washington
Departamento de
Contato - telefone: 3351

Eu, _____, RG _____, declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa e concordo com a minha participação.

O pesquisador me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP – Brasil. Fone (16) 3351-8110.

Endereço eletrônico: cephumanos@power.ufscar.br

Local e data:

Assinatura

ANEXO 11 - Entrevista Semiestruturada

Nome: _____

Idade: _____

Endereço: _____

Profissão/ocupação: _____

Você já teve algum problema ou doença relacionada ao humor como depressão ou ansiedade? _____

Quando teve, procurou um médico ou psicólogo? Por quanto tempo frequentou o médico/ psicólogo? _____

Usou ou está usando medicamento? Qual? Por quanto tempo? _____
